

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Rosilene Moreira Coelho de Sá

**PRÁTICAS DE COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação**

Belo Horizonte  
2021

Rosilene Moreira Coelho de Sá

**PRÁTICAS DE COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Área de concentração: Gestão da Informação e do Conhecimento  
Orientador: Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula

Belo Horizonte  
Escola de Ciência da Informação da UFMG  
2021

S111p

Sá, Rosilene Moreira Coelho de.

Práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação stricto sensu em ciência da informação [recurso eletrônico]: uma leitura a partir da Teoria fundamentada nos dados e da Abordagem clínica da informação / Rosilene Moreira Coelho de Sá . - 2021.

1 recurso eletrônico (184 f. : il., color): pdf.

Orientador: Cláudio Paixão Anastácio de Paula.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 157-169.

Apêndices: f. 170-178.

Anexos: f. 179-184.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da Informação – Teses. 2. Gestão do conhecimento – Teses. 3. Pós-graduação – Teses. I. Título. II. Paula, Cláudio Paixão Anastácio de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 659.2:378.22



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE TESE

Às 08:30 horas do dia 27 de janeiro de 2021, por videoconferência, realizou-se a sessão pública para a defesa da Tese de ROSILENE MOREIRA COELHO DE SÁ. A presidência da sessão coube ao Prof. Claudio Paixão Anastácio de Paula, orientador. Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Prof. Rubem Borges Teixeira Ramos (UFG), Profa. Janicy Aparecida Pereira Rocha (UNIRIO), Dra. Marina Nogueira Ferraz (FM/UFMG), Dra. Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo (UFMG), Profa. Mônica Erichsen Nassif (ECI/UFMG), Profa. Ana Paula Meneses Alves (ECI/UFMG), e Prof. Claudio Paixão Anastácio de Paula (ECI/UFMG), orientador. Em seguida, a candidata fez a apresentação do trabalho que constitui sua Tese de Doutorado, intitulada: "*PRÁTICAS DE COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação*". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar aprovada a Tese de Doutorado. O resultado da deliberação foi comunicado publicamente a candidata pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, após ter sido lida, foi assinada pela Comissão Examinadora.

**Belo Horizonte, 27 de janeiro de 2021.**

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Paixão Anastacio de Paula, Professor do Magistério Superior**, em 09/07/2021, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Meneses Alves, Professora do Magistério Superior**, em 09/07/2021, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janicy Aparecida Pereira Rocha, Usuário Externo**, em 09/07/2021, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina Nogueira Ferraz, Bibliotecária-Documentalista**, em 09/07/2021, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Monica Erichsen Nassif, Professora do Magistério**

14/07/2021

SEI/UFMG - 0828771 - Ata de defesa de Dissertação/Tese



Superior, em 09/07/2021, às 13:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Pawlowski de Oliveira Araujo, Membro**, em 09/07/2021, às 19:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubem Borges Teixeira Ramos, Usuário Externo**, em 14/07/2021, às 12:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0828771** e o código CRC **72D11699**.

Referência: Processo nº 23072.202581/2021-15

SEI nº 0828771

*Ao meu querido José, sinônimo de amor incondicional!*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e a Nossa Senhora, pela sabedoria, resiliência e por sempre guiarem e ampararem o meu caminhar.

Ao meu marido, Gilson, pelo companheirismo, amor, amizade e muita paciência. Obrigada por me apoiar e acreditar em mim em momentos que nem eu mesma acreditava. Seu amor e sensatez me fortalecem. Te amo!

Ao meu pequeno José, meu pacotinho de amor que chegou durante o doutorado. Cada sorriso, cada carinho faz tudo se tornar muito mais leve. Obrigada, meu filho, por me ensinar a ser uma pessoa melhor!

Aos meus pais, que são a minha base! Obrigada por todo amor, incentivo e, principalmente, pelas orações, que são o meu pilar de sustentação e meu equilíbrio!

A toda minha família, pelo incentivo; meus irmãos, cunhados(as), meus sobrinhos, por me alegrarem sempre! Especialmente, às minhas irmãs, parceiras que sempre incentivaram, me deram muita força e são grandes exemplos pra mim.

Ao meu querido orientador, Claudio Paixão, por acreditar em minhas ideias de pesquisa desde o mestrado. Obrigada por lapidar essa pedra com tamanha paciência, generosidade, pelas incontáveis horas dedicadas à orientação, pela compreensão e gentileza nos ensinamentos! Você é um exemplo a ser seguido! Gratidão por tudo!

Aos sujeitos da pesquisa, pela boa vontade em compartilhar sobre as vivências na pós-graduação.

Às minhas queridas amigas, “casal de três”, Cleide e Raquel, por todas as trocas, desabafos, apoio, incentivo, amizade e parceria de todas as horas! Vocês são muito especiais!

Aos amigos do “SextaNoite” pelos ótimos momentos de descontração, risadas e muita alegria!

Às queridas Manu, Andreza, Jéssica e Flavinha Abreu, presente da pós-graduação para a vida! Obrigada por tudo!

Às amigas Carla Pedrosa, Magna, Eliane Andrade, Norma, Priscila, Alice, Elza, pelo incentivo e por sempre torcerem por mim.

A todos os amigos da Biblioteca Universitária e Sistema de Bibliotecas da UFMG.

Aos colegas de trabalho e amigos da Biblioteca Central que sempre me apoiaram: Ricardo, Felipe, Roberto, Norma, Sônia, Ana Paula, Cleide, Adriana, Fabiane. Sou muito grata a todos vocês!

Às queridas colegas/amigas da Biblioteca da ECI: Elaine, Maianna e Vivian!

À Carol (seção de ensino do PPGCI) por toda solicitude. Gratidão!

À banca de qualificação pelas valiosas proposições e encaminhamentos para a construção dessa pesquisa.

Aos membros da banca de defesa, por aceitarem colaborar e contribuir para o melhoramento da pesquisa.

A toda a comunidade da Escola de CI, colaboradores, professores e colegas, a minha gratidão pelos longos anos de convívio desde a graduação, mestrado e doutorado.

À UFMG, minha segunda casa, por tudo que tem proporcionado em minha vida!

A todos que fizeram parte dessa e de outras caminhadas e que se alegram com esta vitória!

*“Todas as nossas palavras serão inúteis se não  
brotarem do fundo do coração. As palavras que  
não dão luz aumentam a escuridão.”*  
(Madre Teresa de Calcutá).

## RESUMO

O principal objetivo desta tese foi investigar a potencialidade da utilização do método proposto pela Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), conjugado com o exercício da interpretação simbólica proposta pela Abordagem Clínica da Informação (ACI), na construção de uma estratégia metodológica aplicável ao campo da Ciência da Informação (CI) em geral e, mais especificamente, nas investigações quanto ao compartilhamento de conhecimento científico. Em termos práticos, buscou-se, a partir da aplicação dessa estratégia, construir uma ampla leitura, tomando por base as percepções de alunos de mestrado e doutorado de dois programas de pós-graduação de diferentes orientações epistemológicas sobre as práticas de compartilhamento de conhecimento exercitadas por eles durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*. Acreditou-se, assim, que, a partir desse *background*, se conseguiria, simultaneamente ao ensaio de uma nova proposta metodológica, contemplar uma visão privilegiada de um recorte da multiplicidade de tendências na área da CI, de seus reflexos e das suas contribuições para a área da Gestão da Informação e do Conhecimento (GIC) a partir daquilo que é praticado no âmago desses programas. Nesse sentido, a seguinte pergunta conduziu a pesquisa: “A utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI permitirá alcançar uma leitura aprofundada das complexidades em torno das práticas de compartilhamento de conhecimento que ocorrem durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu* em CI e das representações imagéticas que os discentes desenvolveram sobre o campo em decorrência de suas diferentes orientações epistemológicas?” Especificamente, propôs-se a investigar o entendimento, os afetos e as representações que os pesquisadores em formação têm sobre os conceitos de CI e de práticas de compartilhamento de conhecimento; descrever, de acordo com as percepções dos entrevistados, como as práticas de compartilhamento de conhecimento se relacionam com a construção do conhecimento durante o desenvolvimento de suas pesquisas; identificar se as práticas de compartilhamento de conhecimentos são influenciadas pelas representações que os discentes desenvolveram sobre o campo em decorrência de suas diferentes orientações epistemológicas; e, por fim, estabelecer uma análise das contribuições que a utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica

proposta pela ACI oferece para o aperfeiçoamento das estratégias metodológicas para a investigação do compartilhamento de conhecimento científico. O universo da pesquisa são os discentes de mestrado e doutorado de dois cursos de pós-graduação em CI de uma universidade pública federal. Para alcançar os objetivos, foi utilizada a metodologia qualitativa por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado. O método utilizado para selecionar os depoentes foi por amostragem aleatória não probabilística e a pesquisa está amparada na TFD – escolhida porque essa perspectiva tem como potencial o fato de não apenas permitir uma compilação e análise dos dados como resultado da investigação, mas, a partir desses resultados, extrapolá-los na construção de uma proposta teórica – e na ACI, que oferece uma alternativa para o acesso a conteúdos simbólicos e afetivos envolvidos nas interações infocomunicacionais. A revisão de literatura perpassa por CI, construção do conhecimento científico, compartilhamento de conhecimento, bem como estudos sobre afetividades e emoções intrínsecas ao processo de compartilhamento de conhecimento. Esses conteúdos foram escolhidos por sua relevância no oferecimento de elementos norteadores que tornaram possível o escrutínio dos resultados da pesquisa. A análise das representações imagéticas (construídas em bases teóricas, históricas, sociais e culturais) que os discentes têm da própria área, bem como as relações construídas ao longo do mestrado e doutorado e que se tornaram a base para as práticas de compartilhamento de conhecimento nesses dois programas de pós-graduação *stricto sensu* em CI, permitiu, como resultado, criar um espelho de um acervo tipológico que apontou interessantes diretrizes para o compartilhamento do conhecimento para outros programas dessa área. As representações, relações e outros elementos como as categorias desenhadas nesta tese evidenciaram, no contexto da CI, as percepções dos discentes sobre a área e, ao demonstrar como ocorrem as mediações nas práticas de compartilhamento de conhecimento durante a construção de pesquisas, indicaram um leque de possibilidades para aperfeiçoar essas práticas dentro dos programas. A utilização conjugada da ACI e da TFD sugeriu o delineamento de uma Teoria Fundamentada em Dados Psicossociológicos (TFDP) como uma estratégia de captura da intersubjetividade dos depoentes considerando o contexto afetivo, social, cultural e histórico dos fenômenos infocomunicacionais e suas complexidades.

**Palavras-Chave:** Práticas de Compartilhamento de Conhecimento. Construção do Conhecimento. CI. Discentes. Pós-Graduação *stricto sensu*. Teoria Fundamentada nos Dados. Abordagem Clínica da Informação.

## ABSTRACT

The main goal of this thesis was to investigate the potentiality of using the method proposed by Grounded Theory (GT or TFD, in Portuguese), combined with the exercise of symbolic interpretation proposed by the Clinical Approach to Information (CAI or ACI, in Portuguese), in the construction of a methodological strategy applicable to the field of Information Science (ISc or CI, in Portuguese) in general and, more specifically in investigations regarding the sharing of scientific knowledge. In practical terms, based on the application of this strategy, it was sought to build a broad reading, according to the perceptions of masters and doctoral students from two postgraduate programs of different epistemological orientations, on knowledge sharing practices exercised by them during the development of *strict sensu* research. It was believed, therefore, that from that background, it would be possible, simultaneously to test a new methodological proposal, to contemplate a privileged view of a cut of the multiplicity of trends in the ISc area, of its reflexes and of its contributions to the area of Knowledge Management based on what is practiced at the heart of these programs. In this sense, the following question led the research: "Will the combined use of GT with the symbolic interpretation proposed by CAI, will allow to reach an in-depth reading of the complexities surrounding the knowledge sharing practices that occur during the development of *strict sensu* research in Science of Information and of the imagetic representations that the students developed about the field due to their different epistemological orientations?" Specifically, it was proposed to investigate the understanding, affections and representations that researchers in training have on the concepts of Information Science and knowledge sharing practices; furthermore describe, according to the interviewees' perceptions, how knowledge sharing practices relate to the construction of knowledge during the development of their research; to identify if knowledge sharing practices are influenced by the representations that students have developed about the field as a result of their different epistemological orientations; and, finally, to establish an analysis of the contributions that the combined use of GT with the symbolic interpretation proposed by the CAI offer for the improvement of the methodological strategies for the investigation of the scientific knowledge sharing. The universe of research is the master's and doctoral students of two postgraduate

courses in Information Science - from a federal public university. To achieve the objectives, the qualitative methodology was used through interviews with a semi-structured script. The method used to select the interviewees was through non-probabilistic random sampling and the research is supported by Grounded Theory (TFD) - chosen because this perspective has the potential to not only allow the compilation and analysis of the data as a result research, but, based on these results, extrapolate them in the construction of a theoretical proposal - and in the Clinical Information Approach (ACI), which offers an alternative for access to symbolic and affective content involved in infocommunicational interactions. The literature review covers the themes: Information Science, construction of scientific knowledge, knowledge sharing, as well as studies on the affectivity and emotions intrinsic to the knowledge sharing process. These contents were chosen because of their relevance in offering guiding elements that made it possible to scrutinize the research results. The analysis of the imagetic representations (built on theoretical, historical, social and cultural bases) that the students have in their own area, as well as the relationships built during the master's and doctorate and that became the basis for the knowledge sharing practices in these two *strict sensu* graduate programs in CI allowed, as a result, the creation of a mirror of a typological collection that pointed out interesting guidelines for knowledge sharing for other programs in this area. The representations, relationships and other elements such as the categories established in this thesis evidenced, in the context of Information Science, the perceptions of students about the area and, by demonstrating how mediations occur in knowledge sharing practices during the construction of research, they indicated a range of possibilities to improve these practices within the programs. The combined use of CAI and GT suggested the design of a on Psychosociological Data Grounded Theory (PDTG or TFDP, in Portuguese) as a strategy to capture the interviewees' intersubjectivity considering the affective, social, cultural and historical context of infocommunicational phenomena and their complexities.

**Keywords:** Knowledge Sharing Practices. Knowledge Construction. Information Science. Students. Post-graduation *Strict Sensu*. Grounded Theory. Clinical Approach to Information.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Transformação do conhecimento .....	45
Figura 2 – Construção da TFD por meio do processo de pesquisa .....	61
Tabela 1 – Perfil dos participantes .....	69
Figura 3 – Categorias da tese.....	72
Figura 4 – Categoria representações da CI.....	73
Figura 5 – Compartilhamento de conhecimento .....	80
Figura 6 – Temáticas de teses e dissertações na CI.....	83
Figura 7 – Categoria relações .....	87
Figura 8 – Meios de comunicação .....	95
Figura 9 – Categoria elementos .....	109
Figura 10 – Medos dos discentes na pós-graduação .....	113
Figura 11 – Barreiras no compartilhamento do conhecimento.....	118
Figura 12 – Empecilhos no compartilhamento de conhecimento.....	131
Quadro 1 – Imaginário dos participantes: colegas que compartilham conhecimentos .....	136
Quadro 2 – Imaginário dos participantes: colegas que não compartilham conhecimentos .....	138
Figura 13 – Espelho para as práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação <i>stricto sensu</i> .....	144
Figura 14 – Ciclo de práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação <i>stricto sensu</i> em CI .....	148
Quadro 3 – Teoria fundamentada em dados psicossociológicos.....	150

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Abordagem Clínica da Informação
ADI	<i>American Documentation Institute</i>
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ASIS	<i>American Society for Information Science</i>
ASIS&T	<i>American Society for Information Science and Technology</i>
ASIS&T	<i>Association for Information Science and Technology</i>
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CI	Ciência da Informação
DA	Diretório Acadêmico
ECI	Escola de Ciência da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FID	Federação Internacional de Documentação
GIC	Gestão da Informação e do Conhecimento
GT	<i>Grounded Theory</i>
GTs	Grupos de Trabalho
<i>I-SCHOOL</i>	<i>Information School</i>
IBBD	Instituto Brasileiro e Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia
IID	Instituto Internacional de Documentação
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPG-GOC	Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TFD	Teoria Fundamentada nos Dados
TFDP	Teoria Fundamentada em Dados Psicossociológicos
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Problematização e objetivos .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2 Advertência quanto à natureza do marco teórico .....</b>	<b>24</b>
<b>2 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO EM CI.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Ciência da Informação .....</b>	<b>28</b>
<b>3 PRÁTICAS DE COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTO .....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 Afetividades e emoções intrínsecas ao processo de compartilhamento de conhecimento .....</b>	<b>51</b>
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1 Teoria fundamentada nos dados .....</b>	<b>57</b>
<b>4.2 Abordagem clínica da informação.....</b>	<b>62</b>
<b>4.3 Universo da pesquisa .....</b>	<b>65</b>
<b>4.3.1 Programa de Pós-Graduação em Ci .....</b>	<b>66</b>
<b>4.3.2 Programa de Pós-Graduação em Gestão &amp; Organização do Conhecimento.....</b>	<b>68</b>
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>69</b>
<b>5.1 Representação da Ci.....</b>	<b>73</b>
<b>5.1.1 Ci.....</b>	<b>74</b>
<b>5.1.2 Compartilhamento de conhecimento .....</b>	<b>79</b>
<b>5.1.3 Temáticas de teses e dissertações e suas relações com a Ci .....</b>	<b>81</b>
<b>5.1.4 Temáticas mais compartilhadas .....</b>	<b>83</b>
<b>5.2 Relações.....</b>	<b>86</b>
<b>5.2.1 Colegas .....</b>	<b>87</b>
<b>5.2.2 Programas.....</b>	<b>97</b>
<b>5.2.3 Grupos de pesquisa .....</b>	<b>103</b>
<b>5.2.4 Orientação acadêmica .....</b>	<b>104</b>
<b>5.3 Elementos .....</b>	<b>109</b>
<b>5.3.1 Motivações.....</b>	<b>110</b>

<b>5.3.2 Metáforas .....</b>	<b>119</b>
<b>5.4 Práticas de compartilhamento de conhecimento .....</b>	<b>141</b>
<b>5.5 Teoria fundamentada nos dados e abordagem clínica da informação: contribuições metodológicas.....</b>	<b>149</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>152</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>157</b>
<b>Apêndice A – Solicitação de anuência .....</b>	<b>170</b>
<b>Apêndice B – TCLE .....</b>	<b>171</b>
<b>Apêndice C – Roteiro de entrevista .....</b>	<b>174</b>
<b>Anexo A – Declaração de anuência PPGCI.....</b>	<b>179</b>
<b>Anexo B – Declaração de anuência PPG-GOC .....</b>	<b>180</b>
<b>Anexo C – Parecer consubstanciado do CEP.....</b>	<b>181</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento científico é, convencionalmente, compreendido por se desenvolver no exercício das disciplinas científicas (áreas do conhecimento). Essas disciplinas são estruturadas de acordo com os campos do conhecimento e constituem uma comunidade especializada em gerar determinado conhecimento (MCGARRY, 1999).

As disciplinas são constituídas por meio da dinâmica sociocultural da produção do conhecimento. Morin (2002) definiu a disciplina como categoria organizadora do conhecimento, uma vez que ela cria a segmentação e especialização do trabalho. Para o autor, além das categorias, há também a ciência heterogênea, que é inter-poli-transdisciplinar, ou seja, a partir da qual se formam estruturas que reúnem, direcionam e retratam a práxis sociocultural e técnica de habilidades que relacionam o mundo e seus significados de múltiplas maneiras.

Essa almejada inter-poli-transdisciplinaridade pode se expressar não somente na práxis científica em si, mas na busca constante por aperfeiçoar suas ferramentas de trabalho. E isso se dá a partir do diálogo entre diferentes metodologias ou mesmo na construção de ferramentas que se apropriem de metodologias oriundas de diferentes campos disciplinares para investigar problemas complexos.

As práticas científicas se desenvolvem no intercâmbio entre conhecimento e sujeitos. Essas práticas são permeadas por questões intersubjetivas e sociais do sujeito que busca, na episteme da área, a condução e evolução de sua pesquisa.

A produção do conhecimento científico em teses e dissertações decorre do aprendizado especializado que os programas de pós-graduação propiciam por meio das atividades curriculares. Para além das atividades formais, há, nesse contexto, trocas de informações durante as quais o aprendizado é mediado pela ação informacional de conhecimentos tácitos dos vários sujeitos sociais, os quais serão refletidos nas pesquisas por meio da *poiesis* da cultura, da arte, da economia, da política e entre outras diversas áreas.

O compartilhamento de conhecimento na comunidade acadêmica, em especial nos programas de pós-graduação, foi analisado por Leite e Costa (2007) a partir de três ângulos: o primeiro trata do compartilhamento do conhecimento tácito,

imprescindível à criação, desenvolvimento, sustentação e manutenção das comunidades científicas; o segundo refere-se ao compartilhamento do conhecimento formal, por meio de periódicos, livros etc., nos quais os pesquisadores publicam seus achados; o terceiro ângulo aborda tanto a comunicação formal, quanto a informal, potencializando a interação entre os pares.

Nesse sentido, pesquisar as práticas de compartilhamento de conhecimento científico desenvolvido no contexto das teses e dissertações pressupõe que as perspectivas do ambiente e as ferramentas usadas na partilha de conhecimento são partes constituintes do diálogo entre pesquisadores. Isso porque o compartilhamento de conhecimento pode acontecer por demanda ou de forma pró-ativa, e inclui o fornecimento de conhecimentos e o recebimento de informações por meio de diálogos. As práticas de compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico ocorrem com frequência e fazem parte da “espinha dorsal da pesquisa” (STAR; STRAUSS, 1999).

Conforme Montgomery (2003), citado por Pilerot (2014, p. 11, tradução nossa)<sup>1</sup>: “Não há fronteiras, sem muros, entre o fazer da ciência e a comunicação dela: comunicação é o fazer da ciência”. Portanto, é de fundamental importância a comunicação entre pesquisadores e a partilha de seus conhecimentos para a construção de suas pesquisas.

Conforme Savolainen (2015), os estudos sobre compartilhamento de conhecimento normalmente não abordam os fatores afetivos das trocas de informação; entretanto, as emoções e os sentimentos estão arraigados nas interações dos sujeitos nas práticas sociais do compartilhamento do conhecimento. Ao entender como essas afetividades se relacionam com a partilha de conhecimento, pretende-se colaborar para a compreensão de aspectos subjetivos, implícitos ao compartilhamento do conhecimento.

De acordo com Rocha (2018, p. 20), “[...] o conhecimento científico possui caráter social: colaborações intelectuais influenciadas por fatores sociais podem resultar em conhecimento e tecnologias capazes de gerar inovação em determinado contexto”. Nesta tese, os aspectos sociais e culturais dos processos de busca, compartilhamento e uso da informação serão evidenciados por meio das redes

---

<sup>1</sup> “There are no boundaries, no walls, between the doing of science and the communication of it: communication is the doing of science.”

criadas, ainda que inconscientemente pelos pesquisadores. Aborda, portanto, a fundamentação por meio da construção do conhecimento a partir das relações estabelecidas entre os agentes em suas práticas em uma realidade empírica (BOURDIEU, 2004).

Nessa perspectiva, a presente pesquisa é fundamentada nas teorizações sobre a CI e suas representações, a construção do conhecimento, o compartilhamento do conhecimento, bem como as afetividades intrínsecas às práticas de compartilhamento.

A CI tem uma origem interdisciplinar (PINHEIRO, 2006) e, assim, se constituiu para que fosse possível abordar questões referentes a várias temáticas relacionadas à geração, comunicação e apropriação do conhecimento. Sendo assim, pesquisadores de diferentes áreas se interessam pela CI, devido à sua diversidade de atuação como área do conhecimento (SOUZA; STUMPF, 2009). A CI, desse modo, ultrapassou seus limites disciplinares e alcançou diversas áreas (Humanidades, Artes, Ciências Sociais, Computação, Engenharias, entre outras). Portanto, a presente pesquisa oportuniza também entender como diferentes áreas se relacionam e partilham seus conhecimentos com a CI.

A presente pesquisa tem como cenário a pós-graduação em CI, a qual agrega pesquisas com temáticas vinculadas à informação e ao conhecimento sobre gestão, uso, usuários, produtos, tecnologias, organização, processos, preservação, memória, cultura, entre outras. Trata-se de uma ciência a qual González de Gómez (2003, p. 31) definiu do seguinte modo: “[...] a CI não teria como objeto a informação, fora de contexto, constrói seu objeto por um ponto de vista que organiza um domínio de conhecimentos, a partir da articulação informação/ação de informação”. A ação de informar pode se estabelecer por meio de comunidades técnicas, científicas, sociais e institucionais, contudo deve considerar o contexto social.

Inevitavelmente, conforme demonstrado pelo pré-teste realizado, os entrevistados evocaram, em diversas ocasiões, situações afetivas e emoções suscitadas pela sua imersão na área e pelo entrelaçamento dessa experiência com suas concepções pregressas e as dos colegas de percurso. Ademais, a revisão de literatura abordou também estudos sobre a influência dos afetos na construção das representações sobre os temas estudados.

Esses temas serão estudados a fim de oferecer subsídios que permitam compreender e articular as práticas de compartilhamento de conhecimento no contexto da construção do conhecimento em pesquisas da área de CI.

No contexto desta pesquisa, optou-se pelo uso do termo “compartilhamento de conhecimento” em vez de “compartilhamento de informação”, uma vez que se trata de atividades que são permeadas pelo conhecimento (nomeadamente, informação, competências, conhecimentos especializados, conhecimento científico) compartilhado no ambiente acadêmico.

Esses temas foram estudados a fim de oferecer subsídios que permitissem compreender e articular as práticas de compartilhamento de conhecimento no contexto da construção do conhecimento em pesquisas da área de CI. Aqui reside, pois, a originalidade desta tese, que procurou articular, para acessar a dimensão afetiva retromencionada e que foi evidenciada nos discursos, duas perspectivas teórico-metodológicas, a saber: 1) a *Grounded Theory* – conhecida em português como Teoria Fundamentada em Dados (TFD) –, abordagem já consagrada que busca, em linhas gerais, criar condições para que construtos teóricos possam emergir do tratamento dos dados empíricos; e, 2) a Abordagem Clínica da Informação (ACI), muito mais recente, voltada para uma compreensão aprofundada do contexto em que os fenômenos infocomunicacionais ocorrem e que propõe uma espécie de semiologia desses fenômenos. Uma proposta que, em linhas gerais, se dispõe a avaliar a potencialidade da conjugação desses métodos na construção de uma estratégia metodológica aplicável ao campo da CI em geral e, mais especificamente, nas investigações quanto ao compartilhamento de conhecimento científico.

### **1.1 Problematização e objetivos**

As práticas de compartilhamento de conhecimento no ambiente acadêmico, especificamente entre estudantes de pós-graduação *stricto sensu* em CI, instigam a problematização desta tese. Ativos da gestão do conhecimento, como conhecimento científico, processos de comunicação científica e temáticas relacionadas ao conhecimento, são princípios que influenciam o desenvolvimento da gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico (LEITE; COSTA, 2007).

De modo geral, ao estudar o compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico, especificamente com estudantes de pós-graduação, busca-se o entendimento de como a oportunidade e a relevância do ato de partilha influenciam a produção acadêmica de teses e dissertações. Possivelmente, aspectos como confiança e credibilidade serão abordados por meio de fatores cognitivos (WILSON, 1983), além do entendimento dos motivos e incentivos que culminam nas práticas de compartilhamento de conhecimento.

O contexto contemporâneo da CI evidencia reflexões sobre a dimensão informacional integrando informação, sujeitos, aspectos socioculturais e tecnologias. Estes, por isso, são elementos intrínsecos às pesquisas na área de CI. As atividades de compartilhamento de conhecimento são permeadas pelas condições da interação entre os sujeitos e o ambiente que os cerca, sendo importante considerar o tempo e o lugar. A partilha de conhecimento não acontece de maneira isolada, ela está diretamente vinculada às práticas sociais e culturais nas quais as informações são compartilhadas (PILEROT, 2014; ŚWIGOŃ, 2017; RAHMAN, 2011).

Savolainen (2015) ressaltou que os aspectos afetivos moldam o compartilhamento do conhecimento. Assim, é possível identificar, nos diversos tipos de comentários, as emoções positivas ou negativas que os acompanham no processo de comunicação. A compreensão de fatores emocionais no compartilhamento de conhecimento auxilia no entendimento dos tipos de emoções que são incorporados e contribuem para o entendimento sobre fatores afetivos no compartilhamento de conhecimento.

O desafio de atingir com as análises os níveis mais profundos das relações de compartilhamento de conhecimentos foi reconhecido por Paula (2012), quando este sugeriu que a tentação da maioria dos estudos de gestão do conhecimento em geral e, particularmente, dos estudos sobre os usuários e as formas como eles compartilhavam conhecimentos era, até aquele momento, repetir as abordagens convencionais que já eram praticadas em áreas correlatas, como, por exemplo, nas pesquisas de comportamento organizacional e informacional. Segundo o autor, esses estudos, sem nenhum demérito à qualidade deles, seguiam um viés nomotético que buscava o estabelecimento de leis e o estudo de eventos recorrentes; apesar do importantíssimo caráter prescritivo/moral, ofereciam como

resultado uma compreensão fragmentada sobre como esses processos se davam nos campos afetivo, cognitivo, perceptivo, social, cultural e histórico.

Diante do exposto, indaga-se: “A utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI permite alcançar uma leitura aprofundada das complexidades em torno das práticas de compartilhamento de conhecimento que ocorrem durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu* em CI e das representações imagéticas que os discentes desenvolveram sobre o campo em decorrência de suas diferentes orientações epistemológicas?”.

Para que seja possível responder a essa pergunta, o objetivo geral deste estudo é proposto como:

a) avaliar a viabilidade da utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI na construção de uma estratégia metodológica aplicável ao campo da CI em geral e, mais especificamente, às investigações quanto ao compartilhamento de conhecimento científico, por meio da análise das percepções de alunos de mestrado e doutorado de dois programas de pós-graduação de diferentes orientações epistemológicas, sobre as práticas de compartilhamento de conhecimento exercitadas por eles durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*.

E os seguintes objetivos específicos:

- a) investigar o entendimento, os afetos e as representações que os pesquisadores em formação têm sobre os conceitos de CI e de práticas de compartilhamento de conhecimento;
- b) descrever, de acordo com as percepções dos entrevistados, como as práticas de compartilhamento de conhecimento se relacionam com a construção do conhecimento durante o desenvolvimento de suas pesquisas;
- c) identificar se as práticas de compartilhamento de conhecimentos são influenciadas pelas representações que os discentes desenvolveram sobre o campo em decorrência de suas diferentes orientações epistemológicas;
- d) estabelecer uma análise das contribuições que a utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI oferece para o aperfeiçoamento

das estratégias metodológicas na investigação do compartilhamento de conhecimento científico.

Para Ziman (1979, p. 24), “[...] a pesquisa científica é uma atividade social”; portanto, esta pesquisa se justifica para a CI uma vez que irá contribuir para reflexão das práticas científicas na CI, bem como para a construção do conhecimento da área e também para o compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico e de diferentes programas.

Compreender a construção social do conhecimento na pesquisa *stricto sensu* na perspectiva da CI irá refletir na forma como o compartilhamento do conhecimento entre discentes contribui para a formação de pesquisadores, ou seja, conforme Araújo (2017, p. 228), “[...] compreender o sujeito e o processo de conhecimento”.

Para Bousari e Hassanzadeh (2012), as práticas de compartilhamento de conhecimentos entre pesquisadores evidenciam tanto a necessidade de partilhar reciprocamente, quanto de transmitir seus conhecimentos. Segundo os autores, ao pesquisar essa troca de conhecimentos científicos, é possível indicar os elementos que motivam o compartilhamento de conhecimento entre pesquisadores.

Dessa forma, o compartilhamento de conhecimento entre pesquisadores torna-se uma temática relevante de ser estudada, uma vez que as trocas podem culminar no estabelecimento de parcerias, estratégias de pesquisa, bem como criar redes de colaboração entre pesquisadores, além de agregar novos conhecimentos.

O estudo dessa temática na própria área da CI contribui para uma autorreflexão sobre suas características e para evidenciar os desdobramentos da interação e das práticas de compartilhamento de conhecimento.

Compreender as práticas de compartilhamento de conhecimento entre discentes e a dinâmica do campo disciplinar da CI permite um mergulho dentro da própria área, pelos olhos dos pesquisadores em formação. Trata-se de uma reflexão sobre a contemporaneidade da CI e suas diferentes perspectivas (no caso, dois programas com focos diferentes), bem como refletir sobre as experiências dos pesquisados, vivenciadas por meio das práticas de compartilhamento de conhecimento.

Finalmente, a experimentação de novas estratégias e ferramentas metodológicas proposta nesta tese permite não somente um entendimento mais aprofundado da própria situação investigada, como oferece um aporte ao próprio campo da CI em termos de uma ampliação do seu cabedal de recursos de investigação.

## **1.2 Advertência quanto à natureza do marco teórico**

A produção do conhecimento científico é uma atividade social que integra aprendizagem e criação do conhecimento, ou seja, a pesquisa científica é permeada pela cognição e pelas interações sociais. Sendo a CI uma ciência social, esta pesquisa recorre às abordagens de compartilhamento de conhecimento e ao percurso da CI para compreender as práticas compartilhamento do conhecimento entre discentes e suas representações na CI. Nesse sentido, Araújo (2003, p. 25) ressaltou:

A questão da intersubjetividade conformada a partir da informação se torna central para a compreensão dos diferentes planos de realidade, da distinção entre as diferentes formas de conhecimento e dos mecanismos de sua configuração e legitimação. Os sujeitos precisam, necessariamente, ser incluídos nos estudos sobre a informação e, sobretudo, precisam ser incluídos em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais. A CI não pode, assim, jamais conceber seu processo de criação de sistemas de informação da mesma forma.

As interações sociais dos pesquisadores durante pesquisas acadêmicas refletem, nesse contexto, suas múltiplas realidades e se manifestam na capacidade de compreensão e significação da informação.

Choo (2006) evidenciou a relevância da socialização do conhecimento nas organizações para a inovação, criação e aprendizagem. A presente pesquisa considera que a pesquisa científica é construída por meio do compartilhamento de conhecimento e experiências intersubjetivas que transcorrem da integração do conhecimento socializado.

A revisão de literatura desta tese não é exaustiva, ela foi estruturada a fim de sustentar os argumentos estabelecidos no desenvolvimento da pesquisa, bem como os dados analisados. O intuito é apresentar as temáticas desenvolvidas por

outros pesquisadores para dar suporte e otimizar os resultados da pesquisa. Trata-se de uma revisão narrativa, conforme Cordeiro *et al.* (2007). Nesse tipo de revisão não se faz necessário esgotar as fontes de informações, bem como o uso de estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A revisão narrativa é apropriada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos.

Sendo assim, esta revisão de literatura abarca as seguintes temáticas: construção do conhecimento científico em CI (a seção reflete sobre a construção do conhecimento científico, o desenvolvimento da CI, abrangendo seu conceito, objeto de pesquisa, e a área no Brasil), e as práticas de compartilhamento de conhecimento (apresenta o compartilhamento de conhecimento e suas vertentes, as práticas de compartilhamento no ambiente acadêmico e sobre as afetividades e emoções intrínsecas ao processo de compartilhamento de conhecimento).

## 2 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO EM CI

O homem está, desde sempre, empenhado em perceber as mudanças do mundo, a fim de compreender e aprofundar os processos que o permitam estabelecer explicações das coisas que o rodeiam. Sendo assim, ele busca na ciência conhecimentos e explicações que o permitam melhorar seu ambiente.

A ciência é pautada em métodos que objetivam a responder perguntas, por meio de pesquisas, sobre alguma inquietação. Para tanto, “[...] a formação científica (tanto dos investigadores, como dos estudantes) implica que se domine o conhecimento científico, assim como os processos inerentes ao desenvolvimento deste tipo de conhecimento” (VILELAS, 2017, p. 15). Faz-se necessário dominar, além das teorias relacionadas à área de pesquisa, metodologias que permitam ao pesquisador a escolha de um caminho para desenvolver sua pesquisa de maneira meticulosa.

O desenvolvimento de pesquisas científicas perpassa por critérios internacionalmente reconhecidos pelas comunidades científicas. Dentre eles, a comunicação científica é um fator indispensável para o desenvolvimento da ciência. É por meio da comunicação que novos conhecimentos são compartilhados a todo o mundo. Conforme Meadows (1999, vii), “[...] a comunicação situa-se no próprio coração da ciência.”, ou seja, é imprescindível que o conhecimento científico seja comunicado e conhecido pela comunidade.

A comunicação científica, segundo a nota explicativa do *Tesouro brasileiro de CI*, transcorre da produção, circulação, uso, disseminação do conhecimento e de sua aceitação científica pelo público (PINHEIRO; FERREZ, 2014).

Essa comunicação pode ocorrer de maneira formal, por meio de publicação de artigos, livros, capítulos de livros etc., nos quais é mais comum que se tornem públicos resultados e conclusões provenientes das pesquisas.

Há também a comunicação informal, a qual tem sido ainda mais impulsionada, por meio de grupos de discussão *on-line*, *e-mail*, entre outros. A comunicação informal acontece de maneira mais pessoal, por meio de contatos com pares. Segundo Barradas (2015, p. 89), “[...] a vantagem dessa comunicação informal é que os canais verbais são rápidos e eficazes para a transmissão de

informações, além de serem fáceis e agradáveis de usar”. Nesta tese, a comunicação informal e suas variadas formas de exteriorização são evidenciadas por meio das falas dos participantes.

A comunicação científica formal e informal vem ao longo das últimas décadas se transformando devido aos inúmeros meios e canais de comunicação propiciados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Segundo Russell (2001), a distinção entre os canais formais e informais de comunicação está ficando cada vez mais imprecisa, pois as transformações tecnológicas aproximaram substancialmente essas formas de comunicação.

A comunicação permeia todo o processo de construção do conhecimento, por meio da interação entre os sujeitos e também entre sujeitos e informações. Esse compartilhamento de conhecimento, por meio da transferência de informações, foi entendido por González de Gomez (1993) como conjunto de ações sociais no qual há organização de grupos e instituições para implementar a comunicação da informação.

Construir conhecimento significa transpor o conteúdo simbólico da informação mediado pelos suportes de registro em uma ação solitária para emissor (autor) e receptor (leitor) da informação. Nesse sentido, Barreto (2001) ressaltou que a solidão é fundamental ao ser humano em especial ao emissor e receptor da informação, uma vez que é por meio dessa ação que o pensamento se concretiza em informação que deve ser registrada e, assim, ser passível de ser analisada e usada na construção de novos conhecimentos.

A criação do conhecimento inter-relaciona a ação social de compartilhar conhecimentos e o acesso aos registros, os quais, em conjunto com os conhecimentos prévios do indivíduo, vão culminar em uma nova contribuição para novos aprendizados. Segundo Gomes (2008, p. 3),

A educação formal atua na esfera da transmissão do acervo simbólico instituído, como também da sua reconstrução, especialmente quando se trata do ensino superior. Por meio do processo de transmissão da cultura acumulada pode-se gerar possibilidades de troca de subjetividades em ambientes de interação a partir da qual se torna possível o debate, a exposição dos contrários, as convergências, a visibilidade das impossibilidades e possibilidades, elementos fundamentais na renovação do acervo simbólico socialmente estabelecido.

Com base nesse raciocínio, é possível compreender a interação como parte fundamental tanto nas trocas comunicacionais, quanto na construção de sentidos em que um sujeito contribuiu para que outro compreendesse aspectos até então não construídos ou não acessados de maneira consciente. Essa interação pode refletir mutuamente para os sujeitos envolvidos na sociabilidade de informações das relações sociais.

A construção do conhecimento em ambientes de educação formal acontece por meio da reflexão das informações advindas de práticas sociais de compartilhamento e do acesso aos registros informacionais. A interlocução entre práticas de compartilhamento de conhecimento e CI corrobora o entendimento da interseção entre práticas de compartilhamento e construção do conhecimento.

## **2.1 Ciência da Informação**

O surgimento da CI foi impulsionado com a realização de eventos como a Conferência de Informação Científica da *Royal Society* (1948), a Conferência do *International Union of Pure and Applied Chemistry* (1955) e Conferência Internacional de Informação Científica, da Academia Nacional de Ciências (1958). Nesses eventos surgiram artigos que indicavam a necessidade de abordar a temática informação e novas tecnologias (na época os microfilmes e os cartões perfurados). Iniciavam-se as discussões entre pesquisadores do que viria mais tarde a ser tema recorrente da CI.

De acordo com Pinheiro (2002), o início da CI se dá com a criação, em 1895, do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), o qual surge da ideia de Paul Otlet e Henri de La Fontaine de criar a grande biblioteca de referência, a fim de democratizar o acesso à informação. Mais tarde, em 1931, Otlet e La Fontaine propuseram a mudança do IIB para Instituto Internacional de Documentação (IID), sendo transformado, em 1938, em Federação Internacional de Documentação (FID). Na FID, iniciaram-se pesquisas que fundamentaram cientificamente a CI. Paul Otlet, ao publicar o *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique* (1935), apresentou princípios que integrariam documentação, bem como concepções da bibliometria.

A criação dos periódicos *Journal of documentation* (1945), *Nachrichten für dokumentation* (1950) e *American documentation* (1950) também impulsionaram as discussões e o surgimento da CI.

Em 1937, foi fundado o *American Documentation Institute* (ADI) e sua mudança de nome, em 1968, para *American Society for Information Science* (ASIS) é considerado marco para a CI, uma vez que, até então, as discussões sobre a área estavam intimamente ligadas à documentação. O ASIS transformou-se em *American Society for Information Science and Technology* (ASIS&T) no ano de 2000 e, em 2013, seu nome foi alterado para *Association for Information Science and Technology* (ASIS&T).

Para elucidar e estimular as discussões sobre o que seria a CI, Harold Borko publicou, no periódico *American documentation*, também em 1968, o artigo *Information science: what is it?*. No artigo, ele apontou o que é Ciência de Informação e o que o cientista da informação faz, com o intuito de esclarecer sobre a área e suas atividades, bem como incentivar novas discussões.

A década de 1970 marcou o início da CI no Brasil, com a criação do primeiro curso de mestrado em CI pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Nessa mesma década, também foi criado o periódico científico do IBICT, a revista CI, sendo de grande relevância para a divulgação da CI no Brasil até a época atual.

Para Pinheiro (2002), a CI despontou com a “explosão” informacional e tecnológica no pós-Segunda Guerra Mundial, quando nasceram novas demandas de serviços informacionais para amparar a pesquisa e o desenvolvimento. O grande volume de informação, principalmente com o surgimento do computador, exigiu do pesquisador e profissional em CI o desenvolvimento de novos métodos para os serviços informacionais.

A CI interage com diversas áreas, como, por exemplo, Ciência da Computação, Comunicação, Ciências Cognitivas, História, Linguística, entre outras. Muitos autores discutiram sua origem vinculada à Biblioteconomia (SHERA, 1980; BRAGA, 1995; LE COADIC, 1996), Arquivologia (MUELLER, 1984; JARDIM; FONSECA, 1992; BEARMAN, 1993) e Museologia (WERSIG, 1993; BEARMAN, 1994). Para Buckland e Berrío Zapata (2018, p. 14), “[...] a CI é uma ‘superdisciplina’

baseada em todas as outras disciplinas, conforme necessário”. Nesse sentido, pode-se afirmar que a CI se tornou uma ciência diferente de todas as demais, porém com base em várias delas.

Os primeiros *science services* surgiram entre as décadas de 1920 e 1940, quando cientistas de diversas áreas, como Engenharia, Física, Química e outras, começaram a desenvolver trabalhos (como resumos e elaboração de índices) que colaborassem para disseminar a informação e melhorar o trabalho de seus pares. Na década de 1960, o trabalho dos cientistas da informação voltou-se para a recuperação da informação, uma vez que, conforme Saracevic (1996), se iniciava a evolução dos sistemas não interativos (cartões perfurados) para os sistemas interativos (CD-Rom).

Após entender os caminhos pelos quais os cientistas passavam para coletar os dados para suas pesquisas (bibliotecas, arquivos, museus, bases de dados, artigos de periódicos e por meio da comunicação informal com outros cientistas), de acordo com Araújo (2014, p. 7), “[...] foi consolidada a ideia de que a CI tinha por objeto o estudo dos fluxos, dos caminhos percorridos pela informação, sua materialização em diferentes produtos e serviços”.

A CI mostrou-se, inicialmente, uma ciência de cunho prático; entretanto, ao longo de seu processo de consolidação, por meio do surgimento das pesquisas científicas da área, assinalou que sua preocupação era com a circulação e fluxo da informação, aliando, assim, informação e tecnologia para atender às necessidades dos cientistas. Nesse sentido, seu foco é determinado pela informação, o conteúdo dos documentos, demonstrando, assim, sua especificidade em relação a outras áreas.

No decurso de seu desenvolvimento, a CI passou por três paradigmas: físico, cognitivo e social. O paradigma físico apresenta que o emissor transmite, por meio de um objeto físico (canal), uma informação ao receptor, identificam-se os componentes do que é conhecido e suas relações como partes do todo; nesse sentido, pode-se entender a informação como coisa. Esse paradigma tem seu foco voltado para os sistemas de informação, nos quais as mensagens são trocadas pelos sujeitos, a informação é tratada com um fenômeno objetivo. O paradigma cognitivo é caracterizado pela teoria platônica do valor, por meio do modelo/teoria platônico(a), a cognição e o valor são vistos como subjetivos no processo de

formação do sujeito, uma abordagem subjetiva da informação. O paradigma social ou pragmático visa a entender a informação do ponto de vista dos usuários e seus contextos socioculturais. A informação pode ser entendida como elementos objetivos (dados) e subjetivos (valor), de modo que essa interação entre os sujeitos resulta em um olhar intersubjetivo da informação (CAPURRO, 2003; RENDÓN ROJAS, 2005; ARAÚJO, 2014).

O desenvolvimento da CI decorre de três períodos importantes segundo Pinheiro (1997). O primeiro, na década de 1960, quando apareceu o termo CI e seus primeiros conceitos e definições; o segundo, entre as décadas de 1970 e 1980, quando houve o empenho da área em estabelecer as metodologias e delimitar seu campo epistemológico, tudo isso sob a égide das novas tecnologias; por fim, enfatizou que a década de 1990 se tratou de consolidar a CI e suas teorias, além das discussões sobre a natureza interdisciplinar da área. Atualmente, a CI vem construindo sua própria identidade e autonomia, desenvolvendo e atualizando seu campo teórico e de pesquisas ao lidar com informação em todas suas vertentes e contextos. Ao longo do seu desenvolvimento, vários eventos, associações científicas, periódicos e também cursos (pós-graduação, em especial) foram criados a fim de alavancar e alicerçar o trabalho dos cientistas da informação em todo o mundo.

Mas afinal, o que é CI? Os primeiros conceitos surgiram na década de 1960. Segundo a literatura, Robert S. Taylor publicou no *Annual Review* de 1966 as ideias preambulares do que viria a ser a CI. Diante delas, Borko (1968) derivou seu conceito:

CI é aquela disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, para uma acessibilidade e usabilidade ótima. Ela está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isto inclui a investigação da representação da informação em ambos os sistemas, naturais e artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, e o estudo do processamento de informações e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. (BORKO, 1968, p. 3).

O conceito de Borko (1968) transita por todo escopo da área da CI, já que, naquela época, entendia-se a importância da tecnologia no desenvolvimento das atividades inerentes à área, bem como a interdisciplinaridade como parte do intercâmbio de informações da CI com as diversas áreas do conhecimento.

A natureza científica da CI e a importância de estabelecer teorias e metodologias para a área foram destacadas no conceito de Mikhailov e Giljarevskij (1970), quando disseram que a CI era uma disciplina científica a pesquisar informação científica em seus contextos de história, teorias, metodologias e organização.

Sendo a CI uma ciência que investiga a informação em seus diversos contextos, Shera e Cleveland (1979), citados por Braga (1995, p. 4), compreendem a CI como:

A ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para acessibilidade e usabilidade ótimas. Os processos incluem a geração, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. A área é derivada de ou relacionada à matemática, lógica, linguística, psicologia, tecnologia computacional, pesquisa operacional, artes gráficas, comunicações, biblioteconomia, administração e algumas outras áreas.

No âmbito do conceito de Shera e Cleveland (1979, p. 81), ao retratarem os processos da CI quanto à “[...] geração, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação [...]”, Capurro e Hjørland (2007) corroboraram com a vertente de que a CI se ocupa desses processos, além de fazer uso da tecnologia relacionada à transferência de informações.

Para Belkin e Robertson (1976), a CI surge para contribuir com a comunicação entre os sujeitos, pois é orientada para problemas de transferência de informações. Foskett (1980) também ressaltou a comunicação e a importância da CI em propiciar a transferência do conhecimento organizado. Assim como Borko (1968), Shera e Cleveland (1979), Foskett (1980) salientou, do mesmo modo, a interdisciplinaridade presente na CI, a qual foi “fertilizada” de áreas como Biblioteconomia, Psicologia, Linguística, Computação, entre outras.

Ainda em relação à interdisciplinaridade no contexto da CI, Saldanha (2020) refletiu da seguinte forma:

A CI – ou seus outros nomes, como Biblioteconomia, Documentação, Biblioteca e Ciência da Informação – justifica-se, acreditamos sob uma epistemologia da imaginação, não porque é participante ativa da sociedade da informação, ou porque é uma resposta imediata – e imediatista – aos problemas de uma “explosão da informação”, mas de toda e qualquer sociedade; se é, em determinados espíritos, interdisciplinar, o é por estes perfis de pesquisadores, não porque nasceu de uma essência interdisciplinar; e a CI não necessariamente é mais interdisciplinar que outras; e, por fim, a CI não é uma ciência por estar diretamente ligada as novas TICs – todas as ciências, ao longo do século XX, estão conectadas a estas, umas muito mais que a CI, outras bem menos. (SALDANHA, 2020, p. 154-155).

A CI retratada como uma ciência social é evidenciada no conceito de diversos autores da área; dentre eles, Silva (2006) discutiu a CI como ciência social que pesquisa a infocomunicação e suas relações com a origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão e uso da informação. Na ótica da CI como ciência social, Le Coadic (2004) reiterou que se trata de uma ciência social rigorosa que alia a tecnologia aos estudos dos processos e propriedades da informação.

Assim como Le Coadic (2004), Wersig (1993) considerou a CI uma ciência pós-moderna que evoluiu, especialmente, após da década de 1960 e busca o desenvolvimento de recursos para aprimorar as questões relacionadas à informação, ciência e tecnologia.

Aliando a CI à comunicação do conhecimento, Saracevic (1996) afirmou:

A CI é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (SARACEVIC, 1996, p. 47).

Nesse sentido, a questão informacional é vinculada à comunicação do conhecimento, sendo a CI o elo entre sujeitos e conhecimento, uma vez que propicia que a comunicação e registros dos conhecimentos sejam acessados e usados pelos seres humanos.

Os conceitos de CI, apresentados ao longo da vasta literatura da área, salientam, ao buscar entender os sujeitos informacionais em seus diferentes ambientes, o seu caráter social. Destaca-se o centro das pesquisas para o fenômeno informacional e seus processos de tratamento (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão e uso) da informação aliado ao uso de tecnologias durante seu desenvolvimento. Há também a preocupação em refletir sobre teorias e metodologias que fundamentam a construção da área e suas pesquisas.

Em relação à definição do objeto de pesquisa da CI, vários autores desenvolveram, ao longo dos anos, diferentes perspectivas, porém todas tendo como essência a informação e o olhar informacional nas múltiplas visões da realidade.

Na década de 1960, os estudos eram voltados para orientação ao usuário, posteriormente o foco era no uso da informação e, depois na satisfação das necessidades individuais de informação. Mais recentemente, o foco passou para o acesso à informação, seja ele físico, social ou financeiro (DIAS, 2002).

Conforme Furner (2004), a palavra informação é carregada de sentidos em diferentes tipos de uso. Entre eles, destaca a informação como conhecimento (o que é aprendido por meio da transmissão do conhecimento), como processo (o ato de se tornar informado), e como coisa (algo físico carregado de significado).

A troca de informação é permeada pelas três categorias colocadas por Furner (2004), uma vez que a informação pode estar em mensagens trocadas no meio eletrônico, em museus, documentos impressos, entre diversos outros meios e lugares. No processo de se informar, o sujeito busca por essas informações, as quais se tornam conhecimento para ele. Cabe aos profissionais da CI propiciar que as pessoas se informem e aprendam aquilo que irá lhes suprir informacionalmente em seu cotidiano.

Le Coadic (2004, p. 25) afirmou que a CI “[...] tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso”. Nesse sentido, a comunicação é um dos meios para o intercâmbio de informações entre as pessoas.

Sendo a comunicação um dos caminhos que leva os sujeitos a adquirir informação, Oddone (1998) ressaltou que a CI, como área do conhecimento, abrange:

[...] tanto do fluxo da comunicação como de seus atores e dos registros que transportam a informação e o conhecimento. Não estuda a natureza propriamente física ou social da comunicação, nem investiga os estatutos político e antropológico que a fundam, mas identifica sua mecânica processual e as instituições que dela participam, seus produtos, seus especialistas, as ferramentas e as técnicas de que se utiliza, procurando compreendê-los enquanto componentes do vasto organismo sistêmico que garante ao homem a satisfação de seu anseio e de sua necessidade de produzir, transformar, utilizar, comunicar, enfim, perpetuar o conhecimento. (ODDONE, 1998, p. 83).

A literatura da CI ressalta que o tratamento da informação, por meio das descrições e classificação de registros – coleta, organização, armazenamento, recuperação, disseminação e uso da informação –, deve-se associar aos princípios do comportamento em todo processo de comunicação (CAPURRO; HJORLAND, 2007; GOFFMAN, 1970).

Para Wersig e Neveling (1975, p. 33), a CI se baseia nas “[...] necessidades informacionais de certas pessoas envolvidas em trabalho social, e da relação com o estudo de métodos de organização dos processos de comunicação em um caminho que atenda estas necessidades informacionais.”

É importante considerar também o contexto cultural dessa troca de informações, a fim de compreender os aspectos que envolvem o uso da informação na sociedade, conforme Baracho *et al.* (2015). Para a compreensão do comportamento humano, faz-se necessário entender o indivíduo e suas relações com a sociedade e com o contexto, bem como suas necessidades.

A CI abrange em seu objeto de pesquisa os fenômenos informacionais nos quais considera os aspectos históricos, sociais e comunicacionais dos sujeitos, bem como desenvolve e planeja os melhores serviços de representação e organização, a fim de propiciar uma recuperação da informação adequada de acordo com as necessidades das pessoas.

As representações do fenômeno informacional na CI perpassam por diferentes subáreas. Inicialmente, as pesquisas em CI eram direcionadas para as fontes de informação e os recursos. No decurso de seu desenvolvimento, o olhar

voltou-se para a comunicação informal (colégios invisíveis). Conforme Araújo (2014, p. 11), “[...] recentemente, começaram a ser desenvolvidos estudos a partir do conceito de ‘rede’, analisando as ações informacionais dos cientistas tomados como coletivo inter-relacionado e não apenas no nível individual”.

Entre as subáreas de pesquisa da CI, destacam-se estudos métricos, estudos de usuários da informação, política e economia da informação, gestão da informação e do conhecimento, arquitetura e organização da informação.

Os estudos métricos compreendem a Bibliometria, Cientometria, Informetria e a Webometria, os quais permitem mensurar os fluxos da informação, a comunicação acadêmica e a disseminação do conhecimento.

Os estudos de usuários da informação são aqueles voltados para os sujeitos informacionais. Inicialmente, a perspectiva desses estudos era voltada para o sistema, compreendendo os aspectos físicos da interação dos usuários com os sistemas. Posteriormente, o foco voltou-se para o comportamento informacional, ou seja, como os sujeitos se relacionavam com a informação desde a percepção de suas necessidades, passando pela busca e uso da informação. Atualmente, os estudos das práticas informacionais consideram o sujeito, sua busca por informação e seu contexto sociocultural.

O elo entre informação, cidadania e democracia é estudado na política e economia da informação. Esses estudos objetivam evidenciar a desigualdade de produção e acesso às fontes, serviços e sistemas de informação.

A Gestão da Informação e do Conhecimento (GIC) na perspectiva da CI ocorre por meio do estudo das fontes de informações internas e externas às organizações, dos processos de tomadas de decisão, cultura organizacional, dos processos de compartilhamento de conhecimento tácito e explícito, entre outros. Inicialmente, os estudos da GIC eram direcionados a ambientes organizacionais empresariais; mais recentemente, a área tem se dedicado também ao ambiente acadêmico e demais ambientes de produção e uso da informação.

A arquitetura e organização da informação abrange estudos voltados para a recuperação da informação, instrumentos de representação da informação, gestão e tecnologia da informação. Atualmente, essa subárea tem se dedicado também ao movimento *i-schools* (escolas de informação), no qual relaciona informação, tecnologia e pessoas e, conforme Baracho *et al.* (2015, p. 18), concentra-se neste

tripé de pressupostos básicos para “[...] o progresso na ciência, nos negócios, na educação e cultura”.

A construção do conhecimento em cada subárea da CI decorre, segundo Rendón Rojas (2012), de três categorias: sujeitos (usuário, profissional da informação, a comunidade, ser informacional etc., os quais necessitam de informação durante toda a vida e dependem de um profissional para que a informação esteja organizada e acessível), objetos (em que se encontra a informação, como as fontes, os documentos, a unidade de informação), e os processos (leitura, processamento, busca, recuperação, coleta, disseminação, uso da informação, bem como formação de leitores, políticas de informação, entre outras medidas).

Há, na CI, uma grande diversidade terminológica para seu objeto de estudo. O fenômeno informacional é tratado dentro de cada subárea a fim de potencializar pesquisas e serviços que contribuam para o desenvolvimento e organização da sociedade e estimular novas pesquisas na própria área.

No Brasil, o desenvolvimento científico da CI deve-se, em grande parte, à criação dos programas de pós-graduação, bem como à criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), que apoia a produção científica por meio dos cursos de pós-graduação.

A ANCIB foi fundada em junho de 1989 e é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que objetiva acompanhar e incentivar o crescimento da pesquisa e da pós-graduação *stricto sensu*. Segundo dados da ANCIB (2019), há, no Brasil, 20 programas de pós-graduação acadêmicos, a saber:

- a) Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ) – CI – Mestrado/Doutorado;
- b) Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) – Informação e Comunicação em Saúde – Mestrado/Doutorado;
- c) Universidade de Brasília (UnB) – Ciências da Informação – Mestrado/Doutorado;
- d) Universidade de São Paulo (USP) – CI – Mestrado/Doutorado;
- e) Universidade de São Paulo (USP) – Museologia – Mestrado;
- f) Universidade Estadual de Londrina (UEL) – CI – Mestrado;

- g) Universidade Estadual Paulista (Unesp) – CI – Mestrado/Doutorado;
- h) Universidade Federal da Bahia (UFBA) – CI – Mestrado/Doutorado;
- i) Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Museologia – Mestrado;
- j) Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – CI – Mestrado/Doutorado;
- k) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Ciências da Informação – Mestrado/Doutorado;
- l) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Gestão & Organização do Conhecimento – Mestrado/Doutorado;
- m) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – CI – Mestrado/Doutorado;
- n) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – CI – Mestrado/Doutorado;
- o) Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – CI – Mestrado;
- p) Universidade Federal do Ceará (UFC) – CI – Mestrado;
- q) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Memória Social – Mestrado/Doutorado;
- r) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Museologia e Patrimônio – Mestrado/Doutorado;
- s) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Comunicação e Informação – Mestrado/Doutorado;
- t) Universidade Federal Fluminense (UFF) – CI – Mestrado/Doutorado.

Há também nove programas de pós-graduação profissionais:

- a) Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) – Memória e Acervos – Mestrado Profissional;
- b) Fundação Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Artes, Patrimônio e Museologia – Mestrado Profissional;
- c) Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) – Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia – Mestrado Profissional;
- d) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Gestão da Informação – Mestrado Profissional;
- e) Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Gestão da Informação e do Conhecimento – Mestrado Profissional;

- f) Universidade Federal do Cariri (UFCa) – Biblioteconomia – Mestrado Profissional;
- g) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Biblioteconomia – Mestrado Profissional;
- h) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Gestão de Documentos e Arquivos – Mestrado Profissional;
- i) Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Gestão da Informação e do Conhecimento – Mestrado Profissional.

A ANCIB é responsável pelo maior encontro de pesquisadores em CI do país, o Encontro Nacional de Pesquisa em CI (ENANCIB), o qual teve início em 1994 e, desde 2005, ocorre anualmente, sempre trazendo para a área discussões e debates sobre alguma temática, bem como a apresentação das pesquisas da área no Brasil.

A fim de viabilizar uma melhor discussão das temáticas da área, foram criados pela ANCIB os Grupos de Trabalho (GTs), os quais foram organizados de acordo com os interesses de pesquisa, em torno de assuntos relevantes para o desenvolvimento da área. A formação atual dos GTs é resultado da discussão realizada pelo Fórum dos Coordenadores de Grupos de Trabalho e objetiva potencializar a comunicação e contribuir para o compartilhamento da informação entre pesquisadores. Conforme a apresentação do Fórum de Coordenadores de Grupo de Trabalho (ANCIB, 2019), há os seguintes GTs:

- a) GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da CI: voltado para pesquisas sobre a constituição do campo científico e questões epistemológicas e históricas da CI e seu objeto de estudo – a informação. Busca refletir e discutir sobre a disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, assim como a construção do conhecimento na área;
- b) GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento: discute “[...] teorias, metodologias e práticas relacionadas à organização e preservação de documentos e da informação, enquanto conhecimento registrado e socializado, em ambiências informacionais tais como: arquivos, museus, bibliotecas e congêneres. Compreende, também, os estudos relacionados aos processos,

produtos e instrumentos de representação do conhecimento (aqui incluindo o uso das tecnologias da informação) e as relações inter e transdisciplinares neles verificadas, além de aspectos relacionados às políticas de organização e preservação da memória institucional.”;

c) GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação: estuda “os processos e das relações entre mediação, circulação e apropriação de informações, em diferentes contextos e tempos históricos, considerados em sua complexidade, dinamismo e abrangência, bem como relacionados à construção e ao avanço do campo científico da CI, compreendido em dimensões inter e transdisciplinares, envolvendo múltiplos saberes e temáticas, bem com contribuições teórico-metodológicas diversificadas em sua constituição.”;

d) GT-4 – Gestão da Informação e do Conhecimento: se propõe à pesquisa sobre “gestão de ambientes, sistemas, unidades, serviços, produtos de informação e recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos, uso e usuários da informação como instrumentos de gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da CI. Marketing da informação, monitoramento ambiental e inteligência competitiva. Estudos de redes para a gestão. Aplicação das tecnologias de informação e comunicação à gestão da informação e do conhecimento.”;

e) GT-5 – Política e Economia da Informação: é voltado para as “políticas e regimes de informação. Informação, Estado e governo. Propriedade intelectual. Acesso à informação. Economia política da informação e da comunicação. Produção colaborativa. Poder, ativismo e cidadania. Conhecimento, aprendizagem e inovação. Ética da informação. Informação e ecologia.”;

f) GT-6 – Informação, Educação e Trabalho: compreende o “campo de trabalho informacional: atores, cenários, competências e habilidades requeridas. Organização, processos e relações de trabalho em unidades de informação. Sociedade do Conhecimento, tecnologia e trabalho. Saúde, mercado de trabalho e ética nas profissões da informação. Perfis de educação no campo informacional. Formação profissional: limites, campos disciplinares envolvidos, paradigmas educacionais predominantes e estudo comparado de modelos curriculares. O trabalho informacional como campo de pesquisas: abordagens e metodologias.”;

- g) GT-7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação: abarca “estudos teóricos, aplicados e metodológicos sobre a produção, comunicação e uso da informação em Ciência, Tecnologia e Inovação. Inclui pesquisas relacionadas aos processos de comunicação, divulgação, análise e formulação de indicadores para planejamento, avaliação e gestão em CT&I.”;
- h) GT-8 – Informação e Tecnologia: trata-se de “estudos e pesquisas teórico-práticos sobre e para o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que envolvam os processos de geração, representação, armazenamento, recuperação, disseminação, uso, gestão, segurança e preservação da informação em ambientes digitais.”;
- i) GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação: engloba discussões sobre “análise das relações entre o Museu (fenômeno cultural), o Patrimônio (valor simbólico) e a Informação (processo), sob múltiplas perspectivas teóricas e práticas de análise. Museu, patrimônio e informação: interações e representações. Patrimônio musealizado: aspectos informacionais e comunicacionais.”;
- j) GT-10 – Informação e Memória: é voltado para “estudos sobre a relação entre os campos de conhecimento da CI e da Memória Social. Pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio ‘informação e memória’. Memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. Representações sociais e conhecimento. Articulação entre arte, cultura, tecnologia, informação e memória, através de seus referenciais, na contemporaneidade. Preservação e virtualização da memória social.”;
- k) GT-11 – Informação & Saúde: engloba os “estudos das teorias, métodos, estruturas e processos informacionais, em diferentes contextos da saúde, considerada em sua abrangência e complexidade. Impacto da informação, tecnologias, e inovação em saúde. Informação nas organizações de saúde. Informação, saúde e sociedade. Políticas de informação em saúde. Formação e capacitação em informação em saúde.”.

Percebe-se, ao analisar as ementas de cada grupo de trabalho, que a questão da inter-trans-disciplinaridade é recorrente, evidenciando a característica da CI de ser uma ciência que incorpora visões e reúne profissionais de diversas áreas do conhecimento.

A reunião de pesquisadores das subáreas da CI retratadas em cada grupo de trabalho colabora para o surgimento de redes de compartilhamento de conhecimentos, bem como para o estabelecimento de novas parcerias científicas.

As redes de compartilhamento de conhecimento contribuem para o processo de construção do conhecimento, uma vez que, por meio da interação entre os sujeitos, emergem novas possibilidades cognitivas. Nessa perspectiva, a comunicação é um procedimento essencial à educação e à construção de novos conhecimentos.

Sendo assim, a construção do conhecimento científico associado à CI e ao objeto informação possibilita a criação de novos olhares para compreender o caminho da informação e do conhecimento nas práticas de compartilhamento de conhecimento, tema da próxima seção desta tese.

### 3 PRÁTICAS DE COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTO

No contexto das inúmeras transformações ocorridas na Sociedade da Informação, “[...] as informações se colocam como a base do processo de construção do conhecimento e seu compartilhamento se torna – ou já se tornou – a atividade crucial em tal processo” (VENTURA; NASSIF, 2016, p. 276-277).

Para aprofundar nos processos de construção do conhecimento, é importante compreender que o compartilhamento é “[...] o ato voluntário de colocá-las (a informação) à disposição de outros” (DAVENPORT, 1998, p. 115). Compartilhar é um recurso fundamental no relacionamento humano, uma vez que é na troca de informações que se aflora a diversidade de conhecimentos cada um, culminando em novos aprendizados (WANG *et al.*, 2008; TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005).

O conhecimento é peculiar a cada sujeito e, por isso, seu compartilhamento implica transpor barreiras e buscar fatores facilitadores que contribuam para que o conhecimento compartilhado culmine na criação de novos conhecimentos. No âmbito das práticas de compartilhamento de conhecimento, busca-se, nesta tese, o suporte teórico da literatura da GIC para apoiar o estudo em questão, porém sem adentrar e cobrir todos os aspectos que a gestão do conhecimento abrange em sua extensão.

O termo compartilhamento de conhecimento é abordado na literatura também como difusão de conhecimento, troca de conhecimento, distribuição de conhecimento, entre outros (DIXON, 2000). O ato da partilha de conhecimentos como meio para construção de novos conhecimentos envolve atividades que abarcam um eficaz envio de conhecimento e a eficiente interpretação e assimilação pelo receptor (DAVENPORT; PRUSAK, 1998). Portanto, a comunicação deve ser clara e bem descrita, a fim de que culmine na compreensão e aprendizado por parte de quem a recebe.

O ato de compartilhar conhecimento pode ser considerado um dos principais pontos da gestão do conhecimento, pois propicia o elo entre conhecimento tácito e conhecimento coletivo (HENDRIKS, 1999). O conhecimento tácito é o conhecimento pessoal, internalizado pelo indivíduo (NONAKA; TAKEUCHI, 1997) ao longo de sua vida por meio de conhecimentos explícitos e das práticas cotidianas.

Esse conhecimento (tácito) tende a ser influenciado por contextos sociais, culturais, crenças, entre outros; já o conhecimento explícito encontra-se formalizado, codificado nos mais diversos tipos de documentos e mídias, sendo assim mais fácil de coletar e gerenciar (LIN; LEE, 2012).

A gestão do conhecimento, segundo Tarapanof (2006, p. 28-29), “[...] preocupa-se com o gerenciamento do conhecimento ‘tácito’, objetivando o desenvolvimento da capacidade das pessoas em ‘explicitar’ e compartilhar o seu conhecimento”. Polanyi (1966) relacionou o conhecimento tácito como 1) composto por singularidades complexas difícil de serem expressadas, por isso 2) a importância de se integrar cognitivamente no elo das partes para o todo.

Nesse sentido, Stewart (1998) ressaltou que o ciclo dinâmico do conhecimento nunca chega ao fim, uma vez que o conhecimento tácito, ao se tornar explícito, fica passível de ser formalizado, absorvido novamente e, assim, tornando-se susceptível para gerar novos conhecimentos tácitos.

As estruturas mentais de um sujeito são resultantes da interiorização que ocorre, muitas vezes, por meio da integração do sujeito com a sociedade (BOURDIEU, 2004). As interações sociais em uma comunidade viabilizam a socialização de conhecimentos tácitos e permite que, ainda que de forma inconsciente, várias questões sejam solucionadas. Para Tavares (2011, p. 46):

[...] a dimensão tácita que constrói, conjuntamente, as habilidades e a cognição, na interação social cotidiana, dentro das potencialidades e limitações impostas pelas condições materiais, tecnológicas e estruturais de seus ambientes, quer sejam organizacionais ou não, através de fluxos de informação, ideias e interações.

O conhecimento tácito é mediado pela subjetividade para embasar ações conscientes. Por vezes, o indivíduo sente que sabe realizar determinada tarefa, porém não consegue explicitar de maneira objetiva como a faz. Um exemplo disso pode ser no caso de comportamentos cotidianamente simples, como andar de bicicleta ou dirigir, entre outros. Transformar conhecimento tácito em explícito não é uma tarefa simples, por isso há vários estudos que imergem nas formas de conversão do conhecimento. Para Nonaka e Takeuchi (1997), a conversão do conhecimento acontece por meio da socialização, exteriorização, combinação e

internalização, em converter o conhecimento tácito (pessoal) em conhecimento explícito (formal), conforme Fig. 1.

Figura 1 – Transformação do conhecimento



Fonte: NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p. 80.

O conhecimento tácito não é passível de ser operacionalizado, porém há maneiras de evidenciar, de falar e conectar. “O conhecimento tácito não pode ser ‘capturado’, ‘traduzido’ ou ‘convertido’, somente exibido e manifestado no que fazemos” (TSOUKAS, 2001, p. 21). A necessidade de transformar conhecimento em atividades concretas resultou na criação de suporte profissionalizado para estimular o compartilhamento de conhecimento em diversas organizações. A transformação do conhecimento não se limita apenas a ambientes organizacionais de empresas, portanto merece a atenção também no ambiente acadêmico.

O contexto social de um compartilhamento de conhecimento envolve interações complexas de conhecimentos tácitos e de aspectos afetivos e culturais que irão permear as ações. Em geral, poucos estudos de compartilhamento de conhecimento abrangem os aspectos afetivos como as emoções e os sentimentos

(FULTON, 2009). Conforme Savolainen (2015), estudar os fatores afetivos com fatores cognitivos e situacionais se torna importante porque influencia a forma de compartilhar e interpretar as informações, bem como a maneira que o diálogo se constrói, pois emoções e sentimentos podem fortalecer o poder dos argumentos.

Nesse sentido, cabe lembrar o pensamento de Silva (2004) quando ressalta que a subjetividade é intrínseca ao processo de compartilhamento de conhecimento. Isso porque o modo como os sujeitos agem e interagem repercute tanto no ato de compartilhar, quanto na aceitação desse conhecimento por outras pessoas. Para a autora, a essência do ser humano não se restringe unicamente à subjetividade ou à objetividade, pois resulta da superação das categorias de análise, síntese, dedução, indução, observação e experiência, as quais também estão interligadas aos aspectos socioculturais.

No contexto das pesquisas científicas, há diversos estudos sobre o compartilhamento do conhecimento nas universidades, entre eles, Leite (2006) propôs um modelo conceitual de gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico; Talja (2002) estudou o compartilhamento de informações e o conceito de comportamento informacional entre pesquisadores; Paula (2005) pesquisou o processo de produção de sentido nas comunicações de um grupo de professores; Świgoń (2017) pesquisou a comunicação acadêmica informal e compartilhamento de conhecimento entre universitários na Polônia; Sá (2015) buscou compreender o compartilhamento de conhecimento entre orientadores e orientandos; Martins (2007) estudou o compartilhamento do conhecimento entre os professores de um mesmo departamento.

O contexto universitário é permeado por inúmeros desafios, dentre eles, a eficiente gestão do conhecimento científico, que visa o melhor planejamento para as ações de criação do conhecimento:

[...] entende-se por gestão do conhecimento científico o planejamento e controle de ações (políticas, mecanismos, ferramentas, estratégias e outros) que governam o fluxo do conhecimento científico em sua vertente tácita e explícita, tendo como substratos os processos de comunicação científica com o fim de apoiar e maximizar a criação de novos conhecimentos e o ensino. (LEITE; COSTA, 2007, p. 106).

As universidades são permeadas pela produção do conhecimento científico, e, portanto, os processos de comunicação científica têm grande relevância para as interações de troca de conhecimentos, tanto interna, quanto externamente (LEITE, 2006). É comum que no desenvolvimento de pesquisas haja compartilhamento de conhecimento nas comunidades científicas; grupos de pesquisas formados por colaboradores de várias instituições são exemplos de interação e desenvolvimento da comunicação científica.

O compartilhamento de conhecimento pode ser analisado em vários níveis ou perspectivas: individual, grupal, organizacional e social. Nesse sentido, as práticas de compartilhamento de conhecimentos nas comunidades acadêmicas ocorrem de maneiras diversificadas, como o compartilhamento acidental que ocorre por meio de conversas informais, bem como a busca formalizada por meio de consultas colaborativas.

Além dessas perspectivas algumas variáveis são relevantes e influenciam no processo de comunicação, como as características pessoais, do ambiente, da organização e as tecnologias usadas. Essas características podem se tornar motivadores ou barreiras, ou seja, podem melhorar ou dificultar o processo de compartilhar conhecimentos (ŚWIGOŃ, 2012; TALJA, 2002). Segundo Pilerot e Limberg (2011), a interdisciplinaridade é uma característica que afeta negativamente o compartilhamento de conhecimentos, pois há falta de vínculo com os grupos e pouca identificação com a literatura.

Compartilhar conhecimento é intrinsecamente nutrir as relações sociais, uma vez que experiências e habilidades são partilhadas entre as pessoas. Sendo assim, relações de amizade, antipatia, confiança, entre outras, são conduzidas também por valores sociais e culturais que impactam diretamente, conforme Roberts (2000, p. 434):

A presença de uma relação de confiança entre indivíduos indica a capacidade de compartilhar um alto grau de entendimento mútuo, construído sobre um contexto social e cultural compartilhados. Confiança e entendimento mútuo, desenvolvidos em um contexto social e cultural, são pré-requisitos para a transferência de conhecimento tácito.

Para Nonaka e Takeuchi (1997), algumas premissas contribuem para o compartilhamento do conhecimento, como confiança, proximidade, intimidade dentro

do grupo; estes são pressupostos para um estado emocional propício à socialização do conhecimento. Considerando as características para práticas de compartilhamento de conhecimento, Alves e Barbosa (2010, p. 120) ressaltaram que as principais influências para compartilhar conhecimento são “[...] a cultura organizacional, a motivação pessoal, a confiança e a reciprocidade, os mecanismos de compartilhamento da informação, o poder e o status e as premiações ou sistemas de recompensa”.

Há um aumento significativo no compartilhamento de conhecimento quando o sujeito sente confiança no outro, pois esse fator culmina no aumento de chances da disponibilidade de compartilhar. Outro elemento que contribuiu para maior compartilhamento de conhecimento é quando os sujeitos têm pensamentos semelhantes, pois a compreensão mútua colabora para o surgimento de *insights* (BAKKER *et al.*, 2006; LEANA; PIL, 2006).

A comunicação é um aspecto importante ao tratar do compartilhamento de conhecimento, uma vez que é por meio dela que ocorre a partilha. Nesse processo de comunicar, alguns fatores podem dificultar ou até mesmo impedir o compartilhamento de conhecimento, como, por exemplo, a falta de confiança, a questão de identidade sociocultural com o outro e a falta de tempo ou de interesse tanto em colaborar, quanto em absorver o conhecimento.

Segundo Erdelez (1997), citado por Talja (2002), no ambiente acadêmico, os pesquisadores podem ser caracterizados como super-compartilhadores, compartilhadores, compartilhadores ocasionais, ou não compartilhadores. No entanto, eles geralmente pertencem a várias redes com diferentes níveis de compartilhamento de informações, podendo, dessa maneira, trabalhar simultaneamente com diferentes temas e tópicos de pesquisa, cada tópico permitindo diferentes padrões e níveis de compartilhamento.

Conforme Di Chiara, Alcará e Tomaél (2010), no decorrer das atividades dos pesquisadores entrevistados em sua pesquisa, foi possível perceber nove tipos de compartilhamento de conhecimento em situações mais comuns:

- a) compartilhamento intencional: acontece em contextos em que há a intenção de compartilhar (bancas, orientações etc);

- b) compartilhamento unilateral: proveniente do estudo do pesquisador na literatura (artigos, livros etc.). É unilateral porque não há interação entre pesquisador e autor;
- c) compartilhamento com lideranças: acontece por meio do contato com pesquisadores que são considerados referência em uma área, em que há a perspectiva de auxílio em alguma ação;
- d) compartilhamento multi e interdisciplinar: resulta da busca de apoio em outras áreas, muitas vezes essencial no êxito dos objetivos do projeto;
- e) compartilhamento obrigatório: resulta quando as instituições ou pesquisadores necessitam compartilhar infraestrutura (laboratórios, equipamentos ou materiais) com outras instituições ou pessoas;
- f) compartilhamento não intencional: é a interação informal e casual, que acontece em ambientes distintos;
- g) compartilhamento mediado: a interação entre dois pesquisadores é mediada por um terceiro;
- h) compartilhamento contínuo: ocorre no dia a dia, principalmente entre pesquisadores próximos fisicamente;
- i) compartilhamento entre grupos: relacionamento entre grupos de pesquisas diferentes, porém com temas convergentes.

Ainda para as autoras, “[...] o compartilhamento da informação e do conhecimento é recorrente durante todo o processo de uma pesquisa científica” (DI CHIARA; ALCARA; TOMAÉL, 2010, p. 116). Tal afirmação corrobora o estudo de Talja (2002), que destacou que as pesquisas sobre compartilhamento de conhecimento devem considerar os contextos sociais e culturais do universo da pesquisa, uma vez que esses contextos moldam as trocas de informações.

Nesse sentido, o ciclo de comunicação no ambiente acadêmico é um constante diálogo, por meio do qual se busca, compartilha, discute e usa informações para tornar o conhecimento formal. As inter-relações entre os sujeitos na contextualização do conhecimento científico ampliam os aspectos das práticas de compartilhamento de conhecimento e das linhas limítrofes das relações formais estabelecidas na comunidade acadêmica.

A interdisciplinaridade é presente nos processos de compartilhamento de conhecimento nas pesquisas científicas. O decorrer do processo de construção do conhecimento é permeado por estratégias que envolvem diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, a fim de que contribuam com artefatos e discussões que ampliem os conhecimentos dos sujeitos envolvidos.

A interação de diferentes sujeitos no desenvolvimento da pesquisa científica culmina na criação de redes de colaboração e compartilhamento de conhecimento. Segundo Tomaél (2008), propiciar a criação de espaços de conhecimento contribui para a formação de ambientes de inovação e desenvolvimento tecnológico. Para Creech e Willard (2001), os espaços para as redes de compartilhamento podem ser tanto reais, quanto virtuais (*e-mail*, telefone, redes sociais, videoconferência, *chat*, *software* para comunidades virtuais, *WhatsApp*, entre outros), desde que haja, em algum momento, contribuição para o desenvolvimento dos projetos.

O contato entre pesquisadores contribuiu para a aproximação e integração entre conhecimentos de uma mesma área e também entre diferentes áreas, por meio da multi, inter e transdisciplinaridade. O advento da tecnologia na ciência contribuiu para sua evolução, ao intensificar a comunicação e o compartilhamento de conhecimento entre pesquisadores.

A função social do compartilhamento de conhecimento foi destacada por Pinto *et al.* (2009), ao compararem a rede de compartilhamentos com nós interconectados, os quais representam os sujeitos e suas relações de colaboração. Essas relações podem ser mediadas pela tecnologia, entretanto dependem das pessoas para efetivamente possibilitar a criação de significados. Na perspectiva das redes de cientistas e de pesquisadores, Duarte *et al.* (2004, p. 165) destacaram que:

[...] são consideradas fundamentais para o desenvolvimento da ciência como um todo, já que a ciência é uma atividade colaborativa e social, construída de forma cíclica e compartilhada. A cooperação científica oferece uma fonte de apoio para melhorar o resultado e maximizar o potencial do conhecimento científico e da produção científica.

Nesse âmbito, a cooperação científica forma conexões de conhecimento que propiciam a troca, o compartilhamento de conhecimento de forma mútua entre pesquisadores. Marteleto (2001) ressaltou que esse intercâmbio de

compartilhamentos deve ser objeto de análise e estudo da CI, uma vez que decorre de interações que também são sociais, culturais e cognitivas.

As relações sociais moldam a forma da prática de compartilhamento de conhecimento, uma vez que são fomentadas e permeadas pelo estabelecimento de relações de confiança, valores, crenças e outros artefatos que são “invisíveis” na mediação que acontece entre os sujeitos. A socialização do conhecimento e de experiências entre as pessoas é evidenciada nas considerações de Tomaél (2007, p. 3) sobre como as redes sociais influenciam as práticas de compartilhamento, uma vez que estas são:

[...] conectadas por relacionamentos sociais, motivadas pela amizade, relações de trabalho ou troca de informação. Constitui-se da representação formal de atores e suas relações e desenvolvem-se a cada contato que mantemos, provocando a construção social do indivíduo e, quando vista por suas relações, podem identificar coesões e similaridades, em ações coadunadas de indivíduos que agem como um único corpo social.

As práticas de compartilhamento de conhecimento acontecem na união de pesquisadores e, por meio delas, resultam trocas e desenvolvimento de conhecimentos que serão capazes de contribuir na geração e produção de novos conhecimentos científicos. Muitos pesquisadores se aproximam não apenas por semelhança com o tema da pesquisa, mas também por afinidades e afetividades, uma vez que o compartilhamento de conhecimento de um indivíduo é carregado de experiências, sentimentos e emoções.

### ***3.1 Afetividades e emoções intrínsecas ao processo de compartilhamento de conhecimento***

A afetividade reúne diversos fenômenos psíquicos, os quais são vivenciados por meio das emoções e sentimentos; abrange o modo de agir pessoal e influencia as reações e atividades dos sujeitos. Ela transcorre das sensibilidades e vivências, sejam elas conscientes ou inconscientes.

Conforme Silva, Cruz e Silva (2014, p. 1304) a afetividade “[...] influencia e é influenciada pela percepção, memória, pensamento, vontade e inteligência, sendo, na verdade, o componente essencial do equilíbrio e harmonia da

personalidade”. Ou seja, trata-se de elementos agradáveis ou desagradáveis pelos quais o ser humano passa.

Os aspectos afetivos do sujeito abarcam todo o contexto psicossocial da afetividade, sentimentos, emoções, espaço físico numa mesma perspectiva. Dessa maneira, a afetividade engloba sentimentos e interações de variadas formas quando se entra em contato com as sensações; ela é expressa desde criança até a vida adulta (WALLON, 1989; RODRIGUES; VIANA, 2011).

Para Silva e Schneider (2007), os sujeitos evoluem a partir dos processos afetivos, mental, cognitivo e físico, internos e externos. Sendo assim, a aprendizagem se constituiu por meio de internalização das experiências e vivências compartilhadas por meio da interação social.

Os aspectos cognitivos e afetivos são indissociáveis, uma vez que eles interferem e se inter-relacionam mutuamente nas ações do dia a dia do indivíduo. Dessa forma, o pensamento nasce das emoções, dos desejos, impulsos, das necessidades, motivações e interesses (REGO, 2001).

As emoções estão presentes no comportamento humano e influenciam as decisões e atividades dos sujeitos. Por meio da linguagem, é possível sistematizar experiências, salientar realidades e compreender significados vindos de outrem. As emoções são despertadas por uma grande variedade de padrões, estímulos e situações sociais, provocando poderosas reações, as quais podem ser fisiológicas e/ou psicológicas. “As emoções podem ser as mais diversas, raiva, medo, tristeza, alegria, entre outras. Podem ser fortes, fracas, passageiras duradouras e podem mudar com o tempo, fazendo com que uma coisa que nunca nos emocionou passe a nos emocionar.” (RODRIGUES; VIANA, 2011, p. 1).

Segundo Ferreira (1963, p. 83), “[...] toda emoção inclui pelo menos três aspectos inter-relacionados: sentimentos, alterações orgânicas e impulsos para a ação”. O sentimento conduz aos estados emotivos, os quais variam de intensidade de acordo com os pares de sentimentos contrários (prazer – desprazer, amor – ódio). Já as mudanças orgânicas estão relacionadas ao modo como um indivíduo percebe a situação da emoção; ela atua provocando mudanças no organismo da pessoa, como ritmo cardíaco, diminuição de saliva, entre outros. Os impulsos para a ação são traduzidos em tensões do indivíduo, como a tensão muscular. Esses três

aspectos ocorrem intimamente e, por vezes, é difícil discernir qual ocorre em determinados momentos.

Conforme Murray (1978), há inúmeros sentimentos contidos na emoção, tanto positivos (amor, alegria, exaltação, êxtase, simpatia, prazer, felicidade, alívio etc.), quanto negativos (medo, ira, horror, perturbação, angústia, ansiedade, aversão, tédio, desprezo, inveja, desânimo etc.). Ressalta ainda que, dependendo do nível de intensidade, uma emoção pode ser agradável ou desagradável, como, por exemplo, o terror.

As emoções podem organizar, desorganizar e perturbar o comportamento do indivíduo, mas podem ser propulsoras para novos comportamentos, a fim de se alcançar um objetivo. Ou seja, elas podem ser motivadas e servirem de energia para se atingir uma meta; pode ter interferência quando percebida negativamente e desencadeia emoções negativas, como, por exemplo, o medo.

O medo é uma emoção presente em toda a vida do ser humano. Muitas vezes, o medo condiciona e antecipa sofrimentos talvez desnecessários, já que ele vem antes do dano. O medo, quando imaginário, pode oprimir muitas vezes mais do que um medo real (baseado em algo que existe). Muitas vezes o temor ao desconhecido causa um sofrimento muito forte relacionado ao medo do inesperado. O medo por insuficiência é aquele em que as pessoas se julgam incapazes de executar algo ou se sentem inferiores aos seus semelhantes. O medo de fracassar é, muitas vezes, motivado pela vulnerabilidade do chamado “amor próprio”. O medo da dor é comum e por vezes antecipa consequências maléficas. O medo advém daquilo que, imagina-se, irá acontecer e, por vezes, desencadeia uma ação de fuga, a renúncia a uma experiência pelo temor de um sofrimento. O medo tem diferentes graus de intensidade e profundidade, dependendo da personalidade de cada indivíduo para que seja mais ou menos fóbico (MIRA Y LOPEZ, 1982).

O processo de aprendizagem é permeado pelo desencadeamento de emoções, uma vez que é carregado das experiências vivenciadas e que ganham conotações de maior intensidade emocional dentro do contexto sociocultural de cada um. As emoções, sejam elas facilitadoras ou inibidoras, influenciam a percepção, aprendizagem e desempenho das pessoas; nesse sentido, nas práticas de compartilhamento de conhecimento.

Morin (2011) afirmou que a afetividade, ao permear o processo de construção do conhecimento, pode contribuir para seu desenvolvimento, como também pode reprimi-lo. Para o autor, a via intelecto-afeto é substancial no desenvolvimento e estabelecimento de comportamentos racionais.

No contexto da CI, os fatores afetivos foram reconhecidos na literatura da área por sua interferência nos processos cognitivos. Isso ocorreu inicialmente com Wilson (1981), quando o autor descreveu a necessidade afetiva como propulsora no processo de busca de informação; posteriormente, com Dervin (1983), que destacou as emoções e sentimentos como parte integrante do *sensemaking*. Carol Kuhlthau (1988; 1991; 1993), em seu modelo de busca por informação, integrou os aspectos afetivos e cognitivos relacionando-os à busca de informações. Savolainen (2015) destacou os fatores afetivos da busca de informação e refletiu que, de um modo geral, os fatores afetivos ainda tem sido pouco discutidos nos processos de busca de informação, de modo que, muitas vezes, os fenômenos afetivos são tratados de maneira evasiva nas pesquisas em CI, talvez por serem difíceis de serem abordados.

Em vista do que foi apresentado, um olhar mais dedicado às emoções durante a análise das práticas de compartilhamento de conhecimento pode se tornar bastante informativo, uma vez que, a partir delas, fatos e julgamentos que antes passariam quase despercebidos podem ganhar outra evidência.

As práticas de compartilhamento de conhecimento são constituídas, entre outros elementos, por meio das representações sociais dos indivíduos. Nesse panorama, Paula (2012, p. 122) ressalta que as representações que uma pessoa faz da sua realidade individual integram componentes simbólico-afetivos indissociáveis. Sendo assim, para o autor, seria “[...] fundamental investigar como o símbolo atua dentro desse produto cognitivo intimamente relacionado com a produção de sentido (a ‘representação social’)].”

As experiências subjetivas abarcadas por meio das afetividades e emoções são elementos ubíquos que constituem o contexto das práticas de compartilhamento de conhecimento. Evidenciá-las em pesquisas da CI significa enfatizar a importância das dimensões subjetivas no olhar científico, pois essa dimensão permite o aprofundamento em singularidades que enriquecem os resultados de pesquisas científicas.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa científica objetiva investigar, por meio de processos científicos, questões inerentes à sociedade. Para tanto, faz-se necessário desenhar as estruturas que serão o meio para responder o problema estudado. Conforme Gil (1999), a ciência pode ser entendida por meio de processos racionais e sistemáticos, a fim de responder às diversas questões pesquisadas.

Sendo assim, a proposta metodológica para alcançar os objetivos desta pesquisa é baseada na abordagem qualitativa. Para Marconi e Lakatos (2007), nessa abordagem, os dados podem ser analisados de acordo com o conteúdo psicossocial e por meio de pequenas amostras.

A abordagem qualitativa conduz a inúmeras leituras sobre a temática a ser pesquisada e visa à compreensão das relações humanas e do contexto social do objeto, ou seja, dimensões de um universo de significados, crenças, valores que não é perceptível e captável por estatísticas. Sendo assim, caracterizam-se por abarcar um número pequeno de amostra, para que seja estudada em profundidade (OLIVEIRA, 2002; MINAYO, 2004; RAGIN, 1994).

Esta pesquisa configura-se também como descritiva, uma vez que visa a descrever as práticas de compartilhamento de conhecimento entre discentes de pós-graduação *stricto sensu* em CI. Conforme Gil (1999):

As pesquisas descritivas têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc. Outras pesquisas desse tipo são as que se propõem a estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis. (GIL, 1999, p. 27-28).

O universo desta pesquisa foram os discentes dos dois programas em CI da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a saber, Programa de Pós-Graduação em CI (PPGCI) e Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento (PPG-GOC). A escolha dos dois programas foi determinada por retratar um contexto único no país, conforme demonstrado no marco teórico, até o momento da definição do universo da pesquisa

(aproximadamente junho/2018), visto que a Escola de CI (ECI) da UFMG é a primeira estrutura acadêmica a congregar dois programas de pós-graduação *stricto sensu* em nível mestrado e doutorado na área de CI. Portanto, ao escolher dois programas de pós-graduação *stricto sensu* com perspectivas distintas dentro de uma mesma Escola, a pesquisa pretende compreender em maior âmbito as diferentes subáreas da CI, por meio das percepções de alunos de mestrado e doutorado.

A técnica utilizada para coleta de dados, dentro dos protocolos previstos pela TFD, foi a entrevista em profundidade, direcionada por um roteiro semiestruturado. Essa escolha se fundamenta no fato de que, para Laville e Dionne (1999, p. 189), a entrevista semiestruturada “[...] possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores”.

As perguntas que constituíram o roteiro de entrevista foram alicerçadas pelos seguintes trabalhos:

- a) Paula (2005): na tese em questão, o autor investigou o papel do símbolo como mediador da comunicação. Abordou as relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido. As entrevistas realizadas foram conduzidas de forma a despertar nos sujeitos a faculdade *poiética* no intuito de facilitar o acesso à subjetividade dos pesquisados;
- b) Rahman (2011): trata-se de um estudo de caso que investigou a compreensão das práticas de compartilhamento de conhecimento dos oficiais dos Institutos Nacionais de Saúde da Malásia. A pesquisa buscou entender as percepções dos entrevistados em relação às práticas de compartilhamento de conhecimento em suas respectivas instituições, bem como os benefícios das práticas de compartilhamento de conhecimento e como estas são percebidas por eles, bem como os fatores dificultadores e motivadores em compartilhar conhecimentos;
- c) Pilerot (2014): em sua tese, o autor buscou compreender as práticas de compartilhamento de informações em ambiente interdisciplinar acadêmico. Questões como confiança e interesse em compartilhar foram levantadas pelo autor, por meio da análise de dados percebeu que o compartilhamento de

informações é intrinsecamente entrelaçado com outras atividades relacionadas à informação, tais como, busca e uso da informação;

d) Sá (2015): a pesquisa de mestrado investigou o compartilhamento do conhecimento nas interações da orientação acadêmica em nível de mestrado e doutorado. A subjetividade dos elementos simbólico-afetivos envolvidos no compartilhamento do conhecimento foi analisada a partir da comparação dos dados com temas míticos em busca dos conteúdos a eles subjacentes, a fim de abordar conteúdos inconscientes que, por meio da entrevista, não foram relatados.

A *Grounded Theory* (GT), também conhecida como Teoria Fundamentada nos Dados, com a ACI, foram as metodologias escolhidas para delinear a presente pesquisa de cunho qualitativo.

#### **4.1 Teoria Fundamentada nos Dados**

Em 1967, Barley Glaser e Anselm Strauss publicaram o livro *The Discovery of Grounded Theory*, o qual apresentou a metodologia elaborada por eles. Tratava-se de uma nova perspectiva de análise, que desencadeou discussões nas Ciências Sociais, uma vez que, ao contrário das teorias que buscavam analisar as hipóteses por meio das teorias até então utilizadas, os autores desenvolveram a teoria fundamentada nos dados (CHARMAZ, 2009), o que invertia a lógica.

Antes de discorrer mais extensamente sobre a TFD, é importante destacar que essa perspectiva de produção de conhecimento aponta para uma direção já consagrada pela CI e visualizada em muitos estudos de gestão do conhecimento que se propõem a evidenciar a transformação dos conhecimentos tácitos em conhecimentos explícitos em determinada organização. A TFD parte de uma lógica semelhante, porém sem se deter apenas na formalização e no registro do conhecimento prático produzido, mas valendo-se da prática como um “laboratório” para a produção de conhecimento teórico. Para além desse ponto, esta tese defende que as práticas de compartilhamento de conhecimento entre discentes são influenciadas pelas representações que a área de CI desenvolveu sobre si mesma e, a partir dessa proposição, intenta extrair, de uma análise de como o

compartilhamento de conhecimentos tácitos e explícitos são evidenciados nas pesquisas *stricto sensu* em CI dos cursos pesquisados, sugestões para o aperfeiçoamento desses processos na área.

Mais especificamente, ao elucidar as práticas de compartilhamento de conhecimento entre os pesquisadores *stricto sensu* em CI, considera-se que será praticável o desenvolvimento de competências que aprimorem o aprendizado científico e o desenvolvimento de pesquisas por meio da atividade de partilha de conhecimentos.

A escolha da TFD como metodologia justifica-se, dentro do âmbito desta tese, pelo fato de a teoria evidenciada por meio dos dados se caracterizar como uma estratégia capaz de demonstrar com detalhes o comportamento de determinado grupo. Na medida em que os sujeitos se constroem, em parte, por meio da interação que eles estabelecem com o seu meio, a pesquisa em TFD não mede uma realidade externa a eles, mas objetiva sistematizar e aprimorar elementos que os circundam a partir dessa interação.

Conforme Charmaz (2009), a TFD utiliza métodos que possibilitam modelar e remodelar os dados, a fim de que os elementos encontrados possam expandir e ampliar o panorama da vida estudada, viabilizando ao pesquisador o acesso ao olhar dos participantes da pesquisa. “Embora não possamos pretender a reprodução das suas perspectivas, podemos tentar entrar em seus ambientes e em circunstâncias o máximo possível” (CHARMAZ, 2009, p. 31). E, dessa maneira, compreender a perspectiva do participante da pesquisa, por meio do olhar pessoal que este concede ao pesquisador.

O foco dessa teoria é o comportamento das pessoas, referente a alguma coisa que é importante para o indivíduo, e não a análise do indivíduo em si, uma vez que “[...] o produto final é uma teoria multivariada, que explica a preponderância do comportamento de como os participantes resolvem ou processam sua principal preocupação” (ANDREWS *et al.*, 2017, p. 5). Nesta pesquisa, especificamente, o foco é investigar as práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*, segundo as representações atuais da CI, por meio do olhar do discente. O uso da TFD reforça o compromisso ético da pesquisa em se debruçar sobre as percepções dos discentes sobre a área maior (CI) e suas práticas de compartilhamento de conhecimento; em nenhum momento, quer-

-se inserir julgamentos ou valores em relação ao programa de pós-graduação ao qual ele pertence.

Com base na TFD, o que interessa para seleção dos participantes da pesquisa é que sejam sujeitos participantes do processo social em questão. Portanto, os discentes serão selecionados por meio de amostragem não probabilística. A amostragem não probabilística é “[...] aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo” (MATTAR, 1996, p. 38).

A TFD passa pela codificação substantiva, por meio da marcação criteriosa de palavras-chave, as quais vão permitir gerar um conjunto de categorias combinantes. Ressalta-se também a importância da criação de memorandos (ideias e percepções durante o trabalho de campo) pelo pesquisador, uma vez que estes são valiosos durante a criação de categorias e escrita da teoria (ANDREWS *et al.*, 2017).

Conforme Andrews *et al.* (2017), na escrita de uma tese, deve-se iniciar apresentando o problema e objetivos gerais da categoria principal.

Isso significa apresentar o conceito central em termos de suas categorias. Na TFD, o desafio é escrever conceitualmente. Isso significa relacionar conceito com conceito, e não com pessoas. A teoria pode ser bastante densa e, portanto, deve ser fracionada para fornecer ilustrações das categorias. Estes podem ser na forma de citações diretas ou vinhetas. (ANDREWS *et al.*, 2017, p. 4).

Consoante o seu próprio nome, a Teoria Fundamentada nos Dados indica que seu objetivo é gerar uma teoria a partir dos dados e, para tanto, a análise de dados nessa metodologia e dá por meio de quatro tipos, ou processos, de codificação: aberta, axial, seletiva e teórica.

A codificação aberta é o primeiro passo para a análise, por meio da identificação das ideias centrais contidas nos dados, estabelecendo, assim, as principais categorias (GIL, 2017). Nessa etapa há criação de categorias de acordo com os fenômenos de interesse da pesquisa. Nela serão codificados os dados considerados relevantes, bem como haverá o desdobramento dessas codificações em subcategorias e dimensões para a identificação e registro detalhado dos dados.

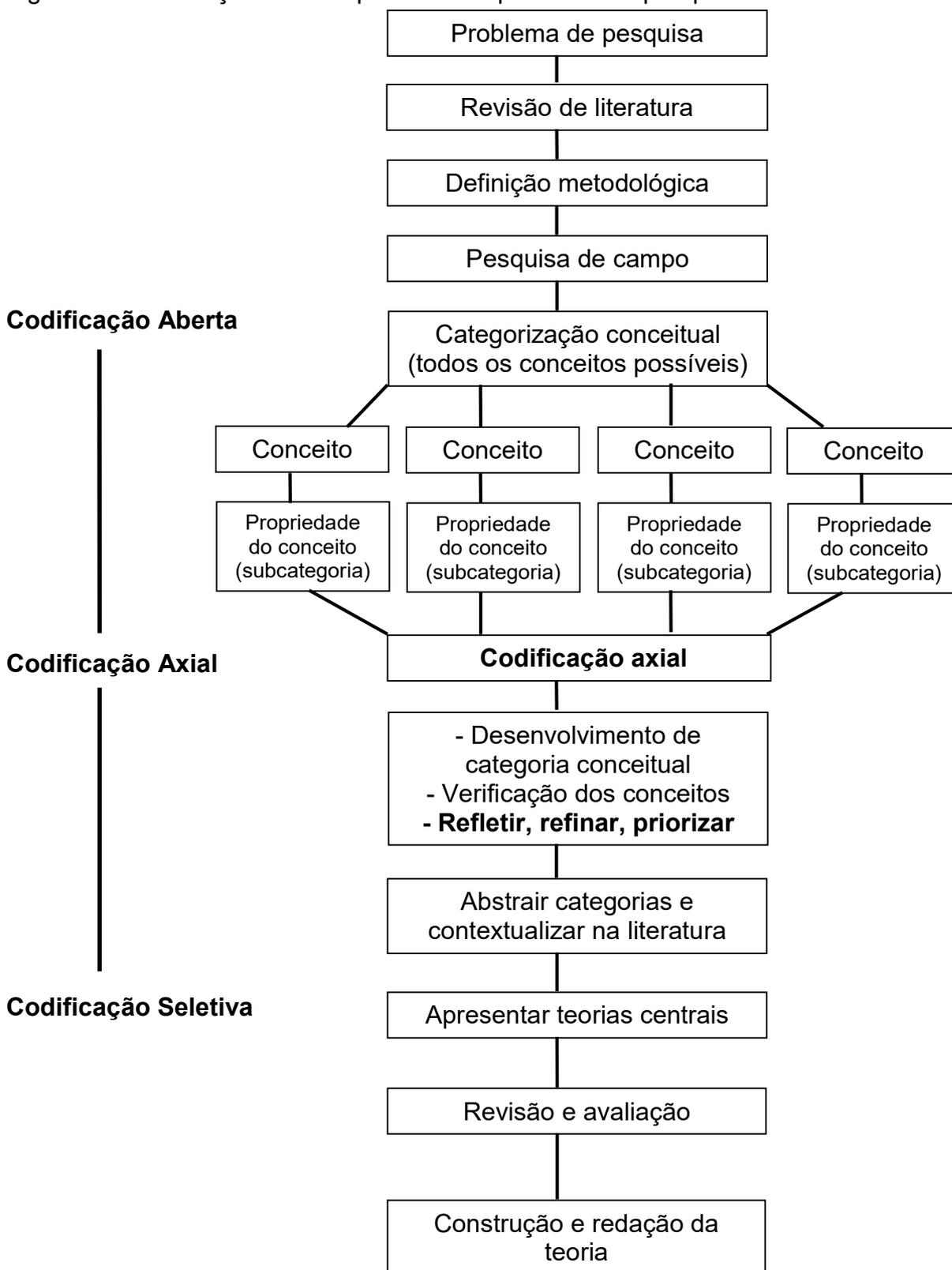
Na codificação axial, acontece o relacionamento entre as categorias e suas subcategorias, buscando descrever o que ocorre no entorno daquela categoria sem desconsiderar os dados secundários, estabelecendo as conexões emergentes (GIL, 2017). A ideia dessa codificação é tratar as categorias que estavam isoladas na codificação aberta e relacioná-las em nível conceitual.

A etapa da análise refere-se à codificação seletiva, em que se integra e se refinam as categorias anteriormente estabelecidas. Nessa etapa é necessário identificar uma categoria central que representa o tema central da pesquisa, a qual, usualmente, remete ao tema principal da pesquisa (GIL, 2017). A determinação da categoria central e o tratamento de cada categoria contextualizada na literatura culminam na seleção de códigos de maneira refinada, evidenciando o foco central da análise.

A etapa final da análise de dados condiz com a construção e redação da teoria que irá emergir de todo processo de análise supracitado. Essencialmente, as fases de análise de dados da TFD consistem em fragmentá-los em códigos, a fim de viabilizar sua análise e possibilitar que, posteriormente, as partes possam ser reconstruídas, respondendo à pergunta da pesquisa por meio da elaboração de uma proposição teórica.

Na Fig. 2 é esboçado como as codificações aberta, axial e seletiva se constituem na construção da TFD por meio do processo de pesquisa:

Figura 2 – Construção da TFD por meio do processo de pesquisa



Fonte: GOULDING, 2002, p. 115, tradução nossa.

Ao utilizar a teoria fundamentada para codificar os padrões de comportamento, o pesquisador deve ficar atento às codificações realizadas, pois o processo de entrevistas (método utilizado nesta tese) deve ser interrompido quando houver saturação teórica do objetivo principal da tese. Conforme Tarozzi (2011), um dos pressupostos da TFD é coletar e analisar os dados em paralelo ao processo da pesquisa.

Posteriormente à realização das entrevistas, a codificação inicial procurou identificar categorias por meio dos dados coletados. A cada entrevista aconteceu a transcrição literal, seguida de análise linha a linha, evidenciando os conceitos, códigos, expressões para definição das categorias e subcategorias. A análise foi continuamente pautada na questão central da pesquisa: as práticas de compartilhamento de conhecimento exercitadas por discentes durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*.

#### **4.2 Abordagem Clínica da Informação**

A ACI surgiu na CI oriunda dos estudos de Paula (1999; 2005; 2011; 2012). A metodologia em questão propõe-se a investigar as questões informacionais por meio da subjetividade intrínseca às questões afetivas e simbólicas que fazem parte do contexto dos sujeitos.

A ACI viabiliza adentrar em temas simbólicos e afetivos presentes em situações infocomunicacionais, os quais muitas vezes os sujeitos pesquisados não conseguem expressar de maneira racional. Conforme Paula e Araújo (no prelo, p. 201), o uso da “[...] ACI no campo das pesquisas em CI se propõe, entre outros pontos, a analisar a hermenêutica das dimensões simbólicas e afetivas inerentes aos processos de buscar, selecionar, interpretar e utilizar informações”. Ainda segundo os autores, convencionou-se chamar de imaginário as dimensões simbólicas e afetivas arraigadas na relação dos sujeitos com a informação.

A proposta da ACI traz uma nova perspectiva para uma análise profunda dos fenômenos informacionais, uma vez que propõe entender os sujeitos em suas diversas interações, por meio de uma interpretação “clínica”. Considerando que, conforme Paula e Araújo (no prelo, p. 202), a palavra “clínica” deriva “[...] das palavras gregas *klinikos*, relativo à cama, e *kline*, que significa ‘leito’, e associa-se à

ideia do pesquisador reclinar-se sobre um problema como um médico se reclina sobre o leito de um paciente”. A partir desse recurso de um olhar atento e que beira o semiológico, propõem os autores, a ACI propicia o entendimento de questões não contempladas em pesquisas tradicionais sobre comportamento e cognição.

Para alcançar aprofundados níveis de análise, a ACI recorre a diversas técnicas e instrumentos de pesquisa que viabilizem captar e explorar o objeto de estudo em todas as suas dimensões. Cada estudo deve escolher seus instrumentos, de modo a abarcar todo o contexto investigado (ARAÚJO; ARAÚJO, 2017). Pode-se também fazer uso de mais de uma técnica, a fim de aprofundar com diferentes olhares as características do objeto e do contexto pesquisado.

O estudo de Paula (2013) ressaltou que a ACI abarca as mais variadas dimensões em que os indivíduos estão inseridos em seus processos de busca de informação: histórico, social, cultural, emocional, afetiva, cognitiva, simbólica etc. Ainda segundo o autor, a ACI se baseia em sete pressupostos:

- 1) A interação entre indivíduos e a informação é indissociável de sua inserção nos grupos sociais a que pertencem;
- 2) A inserção em grupos sociais determina que o comportamento de busca de informação (bem como seus desdobramentos) é um processo experimental e contingencial, consciente ou inconscientemente marcado pelos campos psíquico, cultural, histórico e social;
- 3) O campo psíquico inclui as dimensões cognitiva, perceptiva e afetiva indissociavelmente;
- 4) O campo psíquico tanto influencia quanto é influenciado pelos campos cultural, histórico e social;
- 5) A investigação desses fenômenos é de natureza complexa e não pode ser feita por um único instrumento;
- 6) Os instrumentos padronizados têm se mostrado insuficientes para apreender as múltiplas dimensões da relação entre indivíduos e a informação;
- 7) O método clínico é uma alternativa para abordar esses indivíduos, os grupos e as organizações às quais eles pertencem. (PAULA, 2013, p. 33).

Ao realizar o exercício clínico de análise dos processos e fluxos informacionais, tendo por base os pressupostos supracitados, o pesquisador compreenderá, para além dos métodos tradicionais, o ciclo do processo informacional estudado e, assim, poderá compreender diversos “comos” e “porquês” que circundam os indivíduos.

Nesta tese, aspectos subjetivos das experiências dos participantes foram acessados por meio do recurso do uso de metáforas que constam no roteiro de

entrevistas. Tal escolha se fundamenta no fato de que, por sua natureza particular, a solicitação da utilização de metáforas para descrever uma realidade tem a possibilidade de ensejar a produção de um símbolo e, dessa forma, pôr um sentido que vai além daquilo que se descreve. Conforme Paula (1999, p. 75), “[...] o símbolo, pensamos, funciona nesse momento como instrumento que permite a indivíduos diferentes compartilharem um sentido, não apenas pelas semelhanças da experiência”, mas pelas diferenças.

As metáforas permitem o acesso à subjetividade dos entrevistados por meio de estímulos que fomentam a *poiética*. Conforme Pitta (2017, p. 18),

[...] o ser humano é assim feito que atribui significados indo bem além da funcionalidade dos atos ou objetos. Assim é que aquilo que poderia parecer como sendo absolutamente natural (árvores, água, fogo...) é transformado pelas diversas culturas para adquirir significado específico.

Tudo para o ser humano tem significados e, quando se simboliza alguma coisa, entra-se no mundo imaginário.

Bachelard (1974) ressaltou que o imaginário se desenvolve em torno de grandes temas, em torno de grandes imagens que constituem o ser humano e onde outras imagens irão convergir e se organizar. Nesse sentido, o imaginário acionado por meio dos símbolos busca no inconsciente o estabelecimento entre o eu e o mundo.

O símbolo remete à significação ou ressignificação de elementos difíceis de serem compreendidos de maneira óbvia, uma vez que se trata de um artefato psíquico espontâneo e inconsciente (PAULA; ARAÚJO, no prelo). Ao usar ACI por meio das metáforas no roteiro de entrevista da tese, objetivou-se relacionar as imagens com a cultura das práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação *stricto sensu*, uma vez que, por meio da imaginação simbólica, é possível ir além do objetivo e evidenciar atos significativos subentendidos no contexto das práticas de compartilhamento.

Ao utilizar o método clínico na abordagem das práticas de compartilhamento, buscou-se uma imersão na gênese desse objeto, a fim de entender particularidades e peculiaridades inerentes às práticas de compartilhamento entre os discentes *stricto sensu*.

A ACI, associada à TFD, é uma alternativa de instrumentos que possibilita compreender os sujeitos em suas múltiplas dimensões (histórico, social, cultural, emocional, afetiva, cognitiva, simbólica). A investigação perpassa pela análise dos dados sem isolá-los da situação ao qual estão inseridos. Portanto, ao associar as duas metodologias, vislumbra-se a construção de uma teoria que compreenda também os aspectos subjetivos inerentes ao processo de compartilhamento de conhecimento.

### **4.3 Universo da pesquisa**

O universo da pesquisa, conforme exposto anteriormente, são discentes de mestrado e doutorado dos programas PPGCI e PPG-GOC da Escola de CI da UFMG.

Os programas foram consultados por meio da solicitação de anuência (Apêndice A – Solicitação de Anuência), na qual a pesquisadora se compromete eticamente em não expor, em nenhum momento, elementos que direcionem para identificação dos programas, bem como de seus respondentes. A Carta de anuência de ambos os programas encontra-se nos Anexos A e B (Anexo A – Declaração de Anuência PPGCI e Anexo B – Declaração de Anuência PPG-GOC).

A pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP–UFMG). Foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual engloba informações sobre a pesquisa, direitos dos participantes, ausência de riscos, bem como a garantia de privacidade e anonimato dos participantes na divulgação, análise e interpretação dos dados. O modelo é apresentado no Apêndice B – TCLE.

O roteiro de entrevistas (Apêndice C – Roteiro de Entrevista) foi testado por meio de pré-testes realizados com um discente de cada programa. Algumas adequações, para melhor atender aos objetivos da pesquisa, foram realizadas.

As doze entrevistas, realizadas no primeiro semestre de 2019, foram gravadas, transcritas literalmente e analisadas. Conforme a indicação da TFD, a cada entrevista foi realizada a sua transcrição e pré-análise.

Ao longo da coleta de dados, foram convidados a participar da pesquisa dezoito discentes. Destes, dois estavam viajando e se dispuseram a responder

quando retornassem, três se prontificaram a responder via telefone ou videoconferência e um respondeu que iria se programar e, após algumas tentativas da pesquisadora em agendar, não houve mais retorno. Daqueles que responderam ter disponibilidade após viagem, a pesquisadora agradeceu devido à necessidade de coleta e análise dos dados segundo a TFD, bem como agradeceu aos que se dispuseram responder via telefone/videoconferência, visto que a entrevista semiestruturada realizada de forma presencial pode ser mais bem explorada e aprofundada.

A escolha dos dois programas mostrou-se adequada ao propósito desta pesquisa, uma vez que possibilitou evidenciar as atuais perspectivas da CI. Trata-se de dois programas que possuem diferentes vertentes da CI. Portanto, a coleta de dados em ambos propiciou salientar as múltiplas representações da CI por meio das percepções que os participantes têm das práticas de compartilhamento de conhecimento.

As interfaces diversificadas dos programas na CI são evidenciadas nos próximos dois subtópicos, nos quais os programas serão apresentados.

#### ***4.3.1 Programa de Pós-Graduação em CI***

A pós-graduação na Escola de CI da UFMG teve início em 1976, com a criação do Mestrado em Biblioteconomia, o qual possuía duas áreas de concentração: “Biblioteca e Educação” e “Biblioteca e Informação Especializada”. Em 1991, passou a ser denominado Curso de Pós-Graduação em CI, com três linhas de pesquisa: “Informação gerencial, Informação científica e tecnológica, Informação social e Informação histórica” (PPGCI, Histórico/cronologia, 2018), evidenciando o foco dos estudos na informação. A criação do doutorando aconteceu no ano de 1996, surgindo, assim, o Programa de Pós-Graduação em CI. Ao longo de sua trajetória, as linhas de pesquisas passaram por mudanças que acompanharam o desenvolvimento na CI no cenário mundial.

Em 2015, foi criado na Escola de CI o Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento. Quase imediatamente, iniciou-se no PPGCI um extensivo processo de debates entre os docentes do Programa, buscando ajustar seu desenho de maneira mais contemporânea à realidade das

pesquisas desenvolvidas por estes. Como uma consequência natural desse processo, em 2017, o PPGCI passou por mudanças, entre elas, a atual área de concentração, “Informação, Mediações e Cultura”, bem como as novas linhas de pesquisa: “Memória social, patrimônio e produção do conhecimento; Políticas públicas e organização da informação e Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais” (PPGCI, Histórico/cronologia, 2018).

Nesse cenário atual, o PPGCI passou a englobar as áreas Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia (que advêm dos cursos de graduação da Escola de CI), além das diversas áreas do conhecimento que dialogam com pesquisas na CI. O Programa visa à articulação da

[...] cultura informacional, usuários e práticas informacionais; memória social e patrimônio; políticas públicas arquivísticas e informacionais e instituições (arquivos, bibliotecas e museus), seus desafios tecnológicos e serviços, bem como suas formas de intervenção técnica sobre os documentos e a informação. (PPGCI, Apresentação, 2018).

Isso propiciou uma formação avançada, com o desenvolvimento de pesquisas que proporcionam o avanço da CI.

No âmbito internacional, o PPGCI viabiliza o contato e intercâmbio com universidades e grupos de pesquisas de diversos países, como Estados Unidos, França, Portugal, Argentina, Colômbia, Moçambique, entre outros, além da participação de docentes e discentes em seminários e congressos.

Ao integrar informação, mediação e cultura, o PPGCI abrange em seu plano metodológico os mais variados processos de

[...] investigação, adaptação e construção de modelos e de técnicas capazes de dar suporte ao desenvolvimento das pesquisas. As ações se realizam na busca de solução em torno de problemas complexos, característicos da CI e das áreas afins que demandam um olhar multidisciplinar. (PPGCI, Apresentação, 2018).

Nesse sentido, os registros históricos do Programa de Pós-Graduação em CI ressaltam a sua trajetória (desde a sua criação até o momento atual) de contribuição efetiva, por meio do desenvolvimento de suas pesquisas, para a evolução da CI.

### **4.3.2 Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento**

O mais recente curso de pós-graduação, criado em 2015, na Escola de CI da UFMG, o PPG-GOC se baseia no modelo das *i-schools* (*Information Schools*) e que, segundo Almeida *et al.* (2017), fundamenta-se na tríade informação, tecnologia e pessoas. Foi, segundo essa mesma fonte, idealizado a fim evidenciar, na CI, a organização do conhecimento e suas dimensões tecnológicas e de gestão.

Sobre o movimento *i-school*, Almeida *et al.* (2017) destacaram:

[...] está presente em diferentes países do mundo – Estados Unidos, Portugal, Turquia, Finlândia, Inglaterra, Espanha, Itália, Canadá –, sendo composto por cientistas de distintas áreas interessados em estudar o fenômeno da informação com ênfase na interdisciplinaridade e sob diferentes abordagens para atender às demandas da sociedade, unindo três importantes elementos: informação, tecnologia e pessoas. (ALMEIDA *et al.*, 2017, p. 3).

Nesse sentido, o Programa visa ao desenvolvimento de ferramentas e serviços que propiciem a organização do conhecimento, a fim de satisfazer as necessidades informacionais da sociedade moderna.

O Programa tem como área de concentração a “Representação do Conhecimento” e possui as linhas de pesquisa “Arquitetura & Organização do Conhecimento” e “Gestão & Tecnologia” (PPG-GOC, Estrutura e Funcionamento, 2018). Objetiva a formação avançada de pesquisadores capazes de utilizar a gestão e a tecnologia para desenvolver estruturas para a organização do conhecimento nos mais variados ambientes.

Ao integrar informação, tecnologia e pessoas, o Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento

[...] busca aliar o conhecimento das ciências sociais, a partir da apreensão dos elementos culturais, históricos e organizacionais das comunidades discursivas, ao conhecimento da informática para apoiar o estudo e a inovação contínua nas pesquisas, que têm cunho aplicado. (ALMEIDA *et al.*, 2017, p. 5).

Dessa maneira, quer-se desenvolver pesquisas que contribuam, de maneira interdisciplinar, como as diversas áreas conhecimento e para o desenvolvimento da CI.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados coletados nas doze entrevistas, sendo seis entrevistados de cada programa, iniciou-se pela transcrição. O tempo relativo às entrevistas foi de 56min a 2h06min, respectivamente, mínimo e máximo, e foram realizadas as transcrições de forma literal, obedecendo a rigor o modo de cada fala.

Os participantes desta pesquisa foram nomeados de D1 a D12. A fim de evitar qualquer tipo de identificação e/ou associação a qualquer discente, os dados e as características deles estão apresentados de maneira geral. Durante a análise e discussão dos dados, todos serão chamados apenas de participante/depoente, para que não haja qualquer tipo de identificação. Todos participantes, até o momento da entrevista, haviam ingressado no curso há, no mínimo, um ano. A idade dos entrevistados varia entre 24 e 46 anos e os ingressos na pós-graduação aconteceram entre os anos 2016 e 2018. Entre os mestrandos, cinco encontravam-se em processo de defesa e, destes, três já estavam aprovados para cursar o doutorado. Demais características dos participantes são apresentadas na Tab. 1:

Tabela 1 – Perfil dos participantes

<b>Sexo</b>	<b>Quantidade</b>
Feminino	7
Masculino	5
<b>Estado civil</b>	<b>Quantidade</b>
Solteiro	8
Casado	4
<b>Nível de formação</b>	<b>Quantidade</b>
Mestrado	7
Doutorado	5
<b>Participação em grupos de pesquisa</b>	<b>Quantidade</b>
Sim	8
Não	4
<b>Atividades paralelas à pós-graduação</b>	<b>Quantidade</b>
Sim	10

Não	2
<b>Bolsista</b>	<b>Quantidade</b>
Sim	7
Não	5
<b>Frequenta a sala da pós-graduação</b>	<b>Quantidade</b>
Sim	10
Não	2

Fonte: Elaborada pela autora.

Um dado que evidencia a interdisciplinaridade da área é o fato de que os discentes respondentes da pesquisa são oriundos de diversas formações em seus cursos de graduação. Mais uma vez por questões éticas, para não haver qualquer tipo de possível identificação deles, as áreas de formação não serão informadas.

Outro aspecto considerado foi que cada discente respondente foi escolhido intencionalmente no que tange ao(à) orientador(a), para que houve doze diferentes orientadores. Essa medida foi tomada porque, pelo fato de uma das abordagens da entrevista estar relacionada ao processo de orientação, seria mais interessante priorizar a diversidade nesse quesito. Nesse sentido, o objetivo da abordagem é evidenciar a orientação de pesquisas em CI de forma mais holística possível, ou seja, salientar a complexidade do processo de orientação por meio da visão dos participantes de doze orientadores.

Conforme indicação da TFD, a cada entrevista era realizada uma análise prévia e, após a etapa de coleta de dados e das transcrições, todos os textos foram relidos concomitantemente à escuta do áudio para correções de erros de digitação.

Nas etapas seguintes, foram desenvolvidas as codificações axial, aberta e seletiva. A codificação aberta iniciou-se pela marcação, no material transcrito, das ideias principais. Após a delimitação das ideias na codificação aberta, prosseguiu-se para a codificação axial, por meio do relacionamento e direcionamento de categorias e subcategorias. Na codificação seletiva, foi estabelecida a categoria principal, bem como refinadas as demais categorias.

Para que o desenho das categorias nas etapas axial e seletiva ficasse evidente, foi usado o *MindMup*<sup>2</sup>, *software* de mapeamento mental *on-line* gratuito, no qual é possível estabelecer as ligações entre categorias e subcategorias e ainda evidenciar de maneira objetiva a categoria principal. O desenho do mapa mental colaborou também para o refinamento das categorias e subcategorias, uma vez que é possível visualizá-las vinculadas à categoria principal.

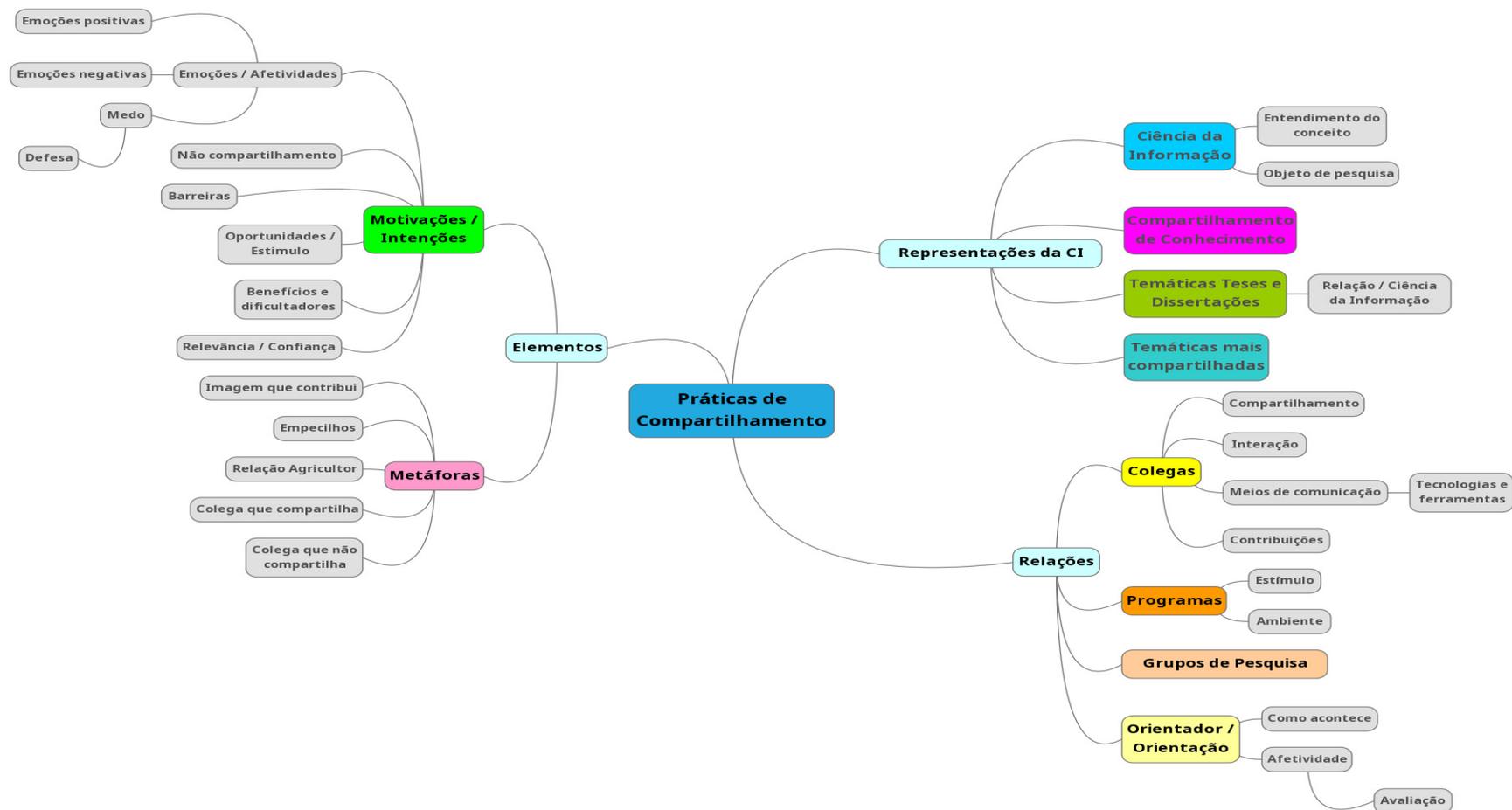
O agrupamento e o refinamento das categorias foram realizados em conformidade com TFD e suas codificações. Os temas evocados para cada seção de análise permitiram que as perguntas com conceitos similares fossem aproximadas para melhor compreensão dos dados.

A categoria central identificada por meio da análise é a “Práticas de compartilhamento”. A partir da evidência da categoria central, as demais categorias foram emergindo dos agrupamentos, relacionamentos e refinamentos, conforme Fig. 3.

---

<sup>2</sup> *Free online mind mapping*. Disponível em: <https://www.mindmup.com/>.

Figura 3 – Categorias da tese



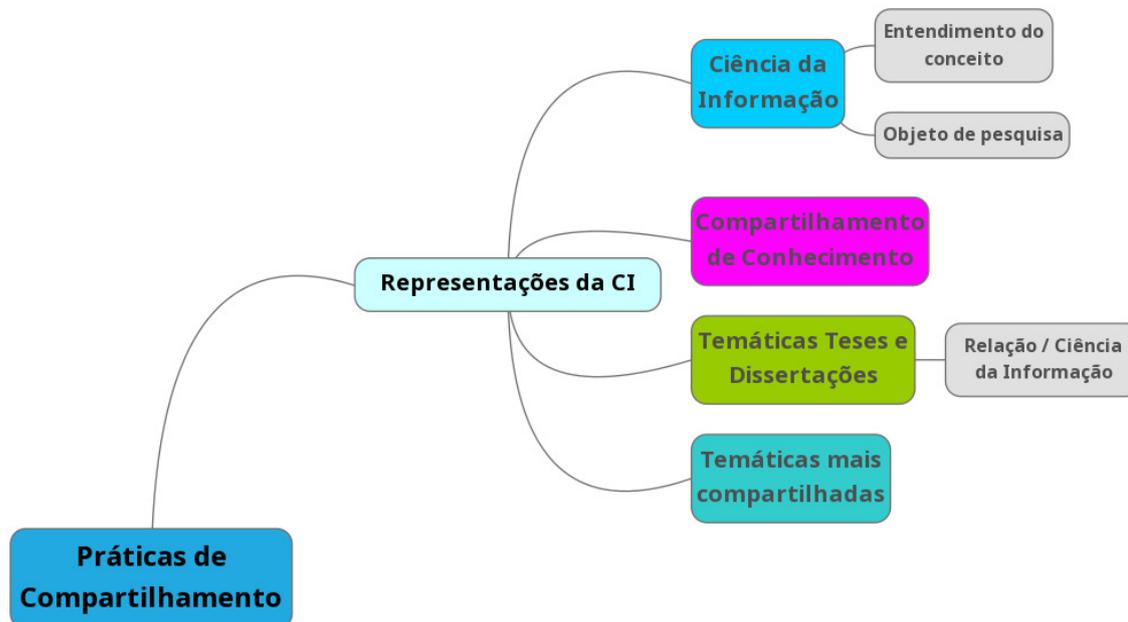
Fonte: Elaborada pela autora.

De modo a facilitar a apresentação e compreensão dos resultados, foi feita uma adaptação dos protocolos da TFD. Sendo assim, as seções e subseções foram estruturadas em consonância com as categorias de análise estabelecidas: Representação da CI, Relações e Elementos. A cada uma dessas categorias foi realizado desdobramento das subcategorias e suas dimensões, para melhor detalhamento dos dados.

### 5.1 Representação da CI

Nessa categoria são apresentadas as percepções que os participantes possuem sobre o conceito de CI, seu objeto de pesquisa, a representação de conceitos da CI em suas dissertações e teses e o entendimento sobre compartilhamento de conhecimento.

Figura 4 – Categoria representações da CI



Fonte: Elaborada pela autora.

A Fig. 4 apresenta a categoria Representações da CI e suas subcategorias; em seguida, cada uma delas será analisada e explorada.

### 5.1.1 CI

Em relação à compreensão do que é a CI, como esperado, a maioria dos participantes entende o conceito a partir da literatura da área, assim como de sua aplicabilidade por meio de seu objeto de pesquisa.

É evidenciado o entendimento da CI como uma ciência que nasce com a Segunda Guerra Mundial para tratar o *boom* informacional. É uma ciência que se preocupa com o tratamento, a organização, a disseminação e a recuperação da informação e, para isso, desenvolve instrumentos eficazes.

Nossa que pergunta difícil! Então a CI, eu vou te contar aquela historinha que eu aprendi né, aprendi lá em Fundamentos da Informação. Que a CI nasce lá no bojo da Segunda Guerra Mundial, como uma uma ciência que visa tentar organizar, tratar aquela informação, aquela explosão informacional que deu no pós-guerra.

A percepção anterior é evidenciada na literatura com a criação do ASIS em 1968. Autores como Pinheiro (2002) e Wersig (1993) ressaltaram que a CI surge com a “explosão” informacional e tecnológica que culminaram na criação de novos serviços informacionais, a fim de aprimorar as questões relacionadas à informação, ciência e tecnologia. Trata-se de uma ciência pós-moderna, que aflora após a Segunda Guerra Mundial.

Outro olhar sobre a CI é de ser uma ciência interdisciplinar e que se diferencia de outras ciências das áreas de tecnologia da informação, pois, além de pensar a questão tecnológica, leva em conta também o usuário, o ser humano.

[...] ciência interdisciplinar né, que abrange vários Campos, é uma ciência que nos traz muita responsabilidade ainda mais nessa época de *fakenews*.

[...] ela se articula com várias outras áreas do conhecimento né, a psicologia, as humanidades, a sociologia e a história né, com essa parte de memória e também com essas outras áreas mais ligadas a parte técnica da recuperação que aí entra computação. Então ela é essencialmente interdisciplinar.

Só que essa ciência ela vai evoluindo, então ela começa a criar outros Campos, outras áreas, ela começa a tentar entender o fluxo informacional não só a recuperação, organização, tratamento dessa informação, mas como ocorre esse fluxo informacional né. E aí essa ciência ela vem totalmente interdisciplinar né conversando com várias áreas.

Olha a CI pra mim, ela é um campo que ela tem uma preocupação grande com organização do conhecimento e ela fornece instrumentos para que esse conhecimento humano seja organizado em todas as áreas do saber né. Eu passei a ver o valor dessa ciência, a importância né da gente olhar as dimensões de uma informação não pensando apenas na questão tecnológica como se faz na TI né, mas olhar o lado humano lá de usuário o lado de dede realmente organizar esse conhecimento, não apenas dentro de um domínio de uma organização, mas um conhecimento de uma forma mais ampla né.

[...] com o estudo de usuários começa a prestar atenção nesse usuário da informação, quem é esse usuário da informação, estudar usuário da informação.

[...] eu não acho que ela é aquela ciência perdida que muitas vezes livros falam. Ela realmente trata desde o dado até a inteligência né.

Entre os participantes, é unânime a visão de que a CI é interdisciplinar. Essa visão é discutida por vários autores, como Borko, Shera e Cleveland, Foskett; a interdisciplinaridade está no cerne da CI. A preocupação com a questão informacional surgiu em diversas áreas. Portanto, a CI nasce do olhar de áreas como Biblioteconomia, Psicologia, Linguística, Computação, Matemática, Lógica, Engenharia de Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Administração, entre outras.

A CI se preocupa com a organização do conhecimento em suas diferentes dimensões (pesquisa, armazenamento, recuperação, disseminação, acessibilidade, uso e usabilidade da informação), bem como os fluxos e o comportamento informacional. Ela explora as questões tecnológicas e também investiga o compartilhamento de conhecimento entre os sujeitos e uso que estes fazem da informação recebida.

Para Belkin e Robertson (1976), Capurro (2003), Rendón Rojas (2005), Araújo (2014), a CI surge para entender os problemas de comunicação entre sujeitos e, a partir daí, compreender o usuário da informação e seus diferentes contextos sociais, culturais, econômicos etc. O olhar volta-se para os sujeitos e o uso da informação.

Outro aspecto evidenciado pelos participantes é ser a CI uma ciência presente em todos os segmentos da sociedade, para ajudar as pessoas a tomarem decisões.

Então eu acho que qualquer pessoa pode se sentir acolhido pela nossa área porque a gente trabalha justamente com a inclusão da informação, do conhecimento, dessa gestão.

Então é eu acho que a CI é uma ciência que estuda a informação então ela tem que estar em todos os segmentos da sociedade para poder ajudar as pessoas a tomarem decisões mais assertivas e investir em melhoras nos seus negócios, sejam elas pessoas jurídicas, empresas, pessoas individuais, nas decisões individuais de projetos de vida, se a gente parar pra pensar toda hora estamos tomando decisão.

Então eu vejo ela assim como a ciência que estuda a informação e que está em todas as instâncias da sociedade fornecendo base para as pessoas e organizações tomarem decisões.

Conforme Le Coadic (2004), a CI é uma ciência social rigorosa, que associa a tecnologia aos estudos das questões informacionais. Essas questões influenciam diretamente o comportamento informacional, o qual é permeado pela subjetividade e também pela afetividade. Autores como Paula (2012), Taylor (1986), Araújo (2013) enfatizaram que na sociedade atual as tomadas de decisões estão intimamente ligadas ao “culto à urgência”, em escolher a direção a ser tomada de forma rápida. O processo de tomada de decisão é permeado pelas abordagens racional (com excelência na decisão) e comportamental (como os sujeitos se comportam quando vão solucionar problemas). A tomada de decisão está presente em todas as instâncias e situações cotidianas, sejam elas em nível organizacional, ou pessoal.

A CI é vista como a ciência que estuda o fenômeno informacional presente nas mais diversas atividades; sendo assim, ela busca lapidar e categorizar a informação, para viabilizar a melhor disseminação do conhecimento.

[...] eu entendo a CI como isso, como uma ciência que estuda o fenômeno informacional, que ao mesmo tempo que ele é holístico ele ocupa quase todas as nossas atividades, ele deve ser lapidado e ser categorizado para ser melhor entendido né.

Então, assim, eu acho que a CI hoje, não sei se é pretensão minha falar, mas eu entendo ela assim aquela famosa transdisciplinaridade que se fala ela está cada vez mais presente dentro de tudo entendeu, tudo, cada vez mais presente dentro de tudo.

Pra mim a CI está em todos os lugares. Assim, a informação ela chegou a um nível que não tem condições de você viver sem uma gestão, sem você se organizar mediante a tudo que você recebe, porque hoje a gente tá recebendo informação demais. Então assim pra mim a CI ela está aqui pra nos ajudar a organizar e desenvolver o conhecimento, a quantidade de conhecimento que a gente tem, assim de uma forma bem ampla eu vejo dessa forma.

É uma ciência que permeia toda a vida humana e, por isso, se faz necessário o trabalho do cientista em desenvolver tecnologias que visem à organização, à disseminação e ao uso da informação, bem como entender as peculiaridades dos usuários em seus diversos contextos.

Para alguns participantes, falta identidade na CI, sendo vista como ciência guarda-chuva, devido à sua tamanha interdisciplinaridade.

Falta uma reflexão teórica aprofundada a cerca do próprio campo. [...] Então acho que é pensar que elementos, que ferramentas a gente vai ter pra poder constituir esse campo e que seja de fato respeitado né. [...] A área precisa dizer a que veio.

Então eu acho que ela tem essa interdisciplinaridade que os teóricos tanto falam e que isso acaba não deixando ela ter um escopo limitado, mas cada vez mais difuso né e acaba prejudicando ela de ter uma própria identidade de tão interdisciplinar que ela é.

Eu fico imaginando assim que tem horas queeeee eu penso queeee é um guarda chuva que agrega tudo. Eu vi queeeee acho queeee a CI ainda não tem uma coisa muito definida assim sabe, aí parece que pega de tudo assim e fica um pouco sem foco. [...] Eu acho que [minha área] (supressão da área pela autora) não é CI, eu acho que é uma coisa mais, como é que eu posso dizer, [...] fica parecendo que um determinado momento parece tipo pras áreas [...] pra tipo no sentido de evoluir parece que tiveram que inventar tipo um nome assim, CI como se fosse uma coisa melhor, chamar uma determinada área de ciência sabe.

[...] seria uma ciência guarda chuva e aí a gente acaba perdendo uma própria dimensão da área que tira de nós a possibilidade de definir o próprio objeto de estudo da área.

Autores como Borko (1968), Shera e Cleveland (1979), Foskett (1980), Shera (1980), Mueller (1984), Jardim e Fonseca (1992), Bearman (1993), Wersig (1993), Bearman (1994), Braga (1995), Le Coadic (1996), entre outros, falam da interação da CI com as mais diversas áreas do conhecimento (Administração, Ciência da Computação, Matemática, Lógica, Comunicação, Ciências Cognitivas, História, Linguística, Psicologia, Engenharia de Produção, Artes Gráficas, Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e outras). Essa interação a caracteriza como uma “superdisciplina” (BUCKLAND; BERRÍO ZAPATA, 2018) e a torna uma ciência singular, com suas próprias peculiaridades de pesquisa; portanto, diferente das demais áreas.

A CI é uma ciência interdisciplinar que emerge na década de 60 com a explosão informacional. Sua essência relacionada à origem, coleção, organização,

armazenamento, processamento, representação, recuperação, interpretação, disseminação, transformação, uso da informação e também com o usuário da informação. Alia a tecnologia para desenvolver produtos e serviços informacionais.

Em relação ao objeto de pesquisa da CI é unânime entre os participantes que se trata da informação em suas diferentes vertentes e contextos. Os participantes ressaltam que somente a informação como objeto da CI é uma forma muito ampla de expressar, já que ela é desdobrada no mais diversos estudos, como informação como processo, material, ferramenta, gestão, estudo de usuários, memória, informação relacionada à cultura, *fakenews*, redes sociais, recuperação da informação, uso da informação, tomada de decisões, organização da informação, tecnologias da informação, canais, fontes e fluxos de informação.

O objeto da CI é discutido por vários teóricos, entre eles, Goffman (1970), Le Coadic (2004), Capurro e Hjørland (2007), Rendón Rojas (2012). Esses autores destacam o estudo da informação em seus diferentes processos, como coleta, organização, representação, armazenamento, recuperação, disseminação, uso e compartilhamento da informação. Salientam ainda que estudar os sujeitos, os objetos e os processos da informação propicia a construção do conhecimento em cada subárea da CI e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento.

Um participante diz ser a informação o objeto de pesquisa da CI porque professores e colegas falam, já que, para ele, todas as áreas do conhecimento trabalham com informação. Esse participante não vê seu projeto como CI.

Participante: Ai seria no caso eles falam a informação né, mas eu acho que é uma coisa tão ampla, porque se for pensar assim todos os cursos, todas as área do conhecimento pesquisam alguma coisa relacionado com informação ne. [...] pelo que eu vi nas disciplinas e pelo que os pesquisadores né que falam que são da área de CI falam que é informação.

Autora: Mas você não acha que a CI trabalha a informação em aspectos diferentes de outras áreas?

Participante: É difícil pensar assim, tipo assim tentar relacionar o meu projeto com a CI [...] mas o meu parece que assim está tão focando em [minha área] (supressão da área pela autora) eeee e ai parece que fica um pouco distante assim.

A CI tem um objeto que não é escasso em conceitos e suportes e que permeia os diferentes ambientes e contextos. Nesse sentido, a informação é

analisada em diferentes vieses e, para tanto, se fazem necessárias as várias subáreas para pesquisar esse objeto em sua diversidade.

Os GTs do ENANCIB evidenciam essa pluralidade do objeto de estudo, bem como a interdisciplinaridade entre a CI e outras áreas, como se pode observar pelas designações de seus grupos de trabalho: GT-1: Estudos Históricos e Epistemológicos da CI; GT-2: Organização e Representação do Conhecimento; GT-3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação; GT-4: Gestão da Informação e do Conhecimento; GT-5: Política e Economia da Informação; GT-6: Informação, Educação e Trabalho; GT-7: Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação; GT-8: Informação e Tecnologia; GT-9: Museu, Patrimônio e Informação; GT-10: Informação e Memória; e GT-11: Informação & Saúde.

A CI, sob a égide de seu objeto de muitas faces, dialoga e coopera para a evolução de diversas áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade contribui também para a construção do conhecimento científico na própria CI, viabilizando múltiplos olhares sob a informação, bem como as práticas de compartilhamento entre a CI e outras áreas do conhecimento.

### **5.1.2 Compartilhamento de conhecimento**

O compartilhamento do conhecimento é visto pelos participantes como um conjunto de atribuições que colabora para o desenvolvimento social. Trata-se de uma colaboração mútua que contribui para a evolução do conhecimento. A Fig. 5 retrata, de modo geral, a perspectiva dos participantes sobre compartilhamento do conhecimento.



A empatia e a sinergia são fenômenos importantes para o compartilhamento de conhecimento, pois os sujeitos compartilham seus conhecimentos, ainda que de maneira inconsciente, para oportunizar o aprendizado entre eles. Esse compartilhamento é repleto de sentimentos e emoções que permeiam todo o processo. É possível visualizar esse contexto na fala de Silva e Schneider (2007), quando ressaltam que a interação entre os sujeitos é constituída a partir de processos afetivos, mentais, cognitivos.

De modo geral, os participantes que ressaltam que compartilhar conhecimento é ajudar, contribuir para que a troca e a disseminação de informações, por meio do compartilhamento de conhecimento, colaborem para a evolução do conhecimento. O diálogo é essencial para essa troca, seja por meio de conversas presenciais, ou a partir do uso de tecnologias. O compartilhamento de conhecimento é um caminho que precisa ser construído cada vez mais na sociedade e, principalmente, no meio acadêmico, pois, por por meio dele, os recursos que cada indivíduo possui serão melhores aproveitados quando disseminados para ajudar na resolução de problemas e evolução do conhecimento. No meio acadêmico, o compartilhamento, por vezes, é realizado entre pares que tenham um núcleo comum de temas em suas pesquisas.

### ***5.1.3 Temáticas de teses e dissertações e suas relações com a CI***

As temáticas pesquisadas pelos participantes evidenciam que as pesquisas têm compreendido as diversas subáreas da CI (estudos métricos, estudos de usuários da informação, política e economia da informação, gestão da informação e do conhecimento, arquitetura e organização da informação). Serão destacadas as subáreas de maneira geral, a fim de não haver identificação dos participantes por meio das temáticas pesquisadas.

Conforme Rendón Rojas (2012), as pesquisas em CI perpassam pelas categorias sujeitos, objetos e processos. É possível visualizar essas subáreas nas temáticas pesquisadas por todos os partícipes desta tese:

- a) estudos de usuários da informação: a questão social da informação em seus diferentes contextos; acesso à informação, práticas informacionais, mediação de

leitura, incentivo à leitura, serviço de atendimento ao usuário, serviço de referência (tradicional e virtual), redes sociais, mediação da informação, narrativas, representações e memórias, comunicação;

b) política e economia da informação: direitos humanos, desigualdade, acesso à informação;

c) estudos métricos: fluxo de informação, disseminação do conhecimento;

d) gestão da informação e do conhecimento: compartilhamento do conhecimento, gestão da informação, compartilhamento de informações, gestão e organização do conhecimento;

e) arquitetura e organização da informação: modelagem da informação, recuperação da informação, mecanismos de busca, arquitetura da informação, tecnologias da informação e do conhecimento, catalogação, imagens, comunicação, interatividade.

Exceto por um participante, os demais não tiveram nenhuma dificuldade em relacionar suas temáticas à CI. As áreas de abordagem das pesquisas dos participantes evidenciam que CI abarca diversas áreas do conhecimento dentro de seu arcabouço teórico. Conforme Fig. 6, obtida pela compilação das palavras proferidas pelos entrevistados nas entrevistas, de um modo geral, a relação com a CI repercutem as subáreas anteriormente mencionadas.

Figura 6 – Temáticas de teses e dissertações na CI



Fonte: Elaborada pela autora.

É possível fazer uma correlação entre as temáticas pesquisadas pelos participantes e os GTs do ENANCIB. Em sua maioria, quando solicitados a fazer a relação da temática de pesquisa com a CI, iniciaram descrevendo de modo que propiciou relacionar a descrição aos GTs. Essa perspectiva demonstra a relevância das temáticas abordadas em cada GT, bem como sua abrangência entre os diversos temas de pesquisa da CI.

#### 5.1.4 Temáticas mais compartilhadas

Em relação aos assuntos da CI mais compartilhados entre os discentes estão as tecnologias, os estudos de usuários e as ontologias.

Ahhhh as questões das tecnologias, o pessoal, a gente conversa muito né sobre o avanço das tecnologias.  
 [...] toda essa parte digital, de tecnologia  
 [...] tem uma febre muito grande poooooor novas tecnologias  
 [...] sobre tecnologia.

Tecnologia da informação  
 [...] na questão de usuários e práticas  
 [...] sobre estudos de usuários  
 [...] estudos de usuários

[...] o papel dos usuários  
 [...] estudo de usuário.

Hoje eu vejo o pessoal muito nessa questão da ontologia né  
 E assunto específico, por exemplo, ontologias  
 As ontologias também são fortes, tem tipo assim compartilhamento o tempo  
 todo de artigos, de congressos  
 [...] mapeamento de ontologias.

As discussões sobre tecnologia, segundo os participantes, ressaltam as novas tecnologias da informação e a preocupação deles em se inteirar e discutir sobre o assunto, uma vez que permeia todo o escopo da CI. Sobre os estudos de usuários e as ontologias, os participantes destacam que são assuntos sempre em evidências nas conversas.

Além dessas temáticas, os discentes dialogam também sobre organização e representação do conhecimento, política da informação, memória, bibliotecas escolares, linguagem natural, gestão e organização da informação e do conhecimento, big data, fundamentos da CI, gestão de documentos, comunicação científica, práticas informacionais. Eles ressaltaram também temas mais específicos, porém foi uma opção, mais uma vez, colocar em evidência a área mais geral citada para não haver identificação dos participantes da pesquisa.

Já a temática que cada depoente afirma mais compartilhar é, unanimemente, apontada como sendo de assuntos relacionados à pesquisa. Mesmo com as três mais compartilhadas (tecnologias, estudos de usuários e ontologias), as demais temáticas sempre rendem discussão, compartilhamento e aprendizado.

A chamada “essência interdisciplinar” da CI mostra-se presente nesses momentos de compartilhamentos, embora, muitas vezes, apresente-se a partir de um embate entre as áreas, uma vez que cada aluno tende a defender sua área de origem:

Falar em temas da CI, quando a gente para pra conversar da até briga sabe, porque justamente por isso, porque colegas que são de outras áreas que estão vindo agora para a CI discutem autores e conceitos da nossa área, discutem assim no sentido de inferiorizar, de uma maneira assim de inferiorizar a nossa área, eles estão na CI mas que criticam a nossa área, então isso é algo assim que dá até briga, muita briga que a pessoa vem da área dela, quer defender mas a gente fala olha, agora você está na CI.

Principalmente quando a pessoa vem de outra área que não da escola quem nunca teve contato ai esses conhecimentos [Fundamentos da CI] são mais mesmo.

O compartilhamento de conhecimentos pelo movimento interdisciplinar nas pós-graduações da CI propicia um desenvolvimento ímpar na área, pois, durante as entrevistas, foi possível perceber que aqueles que são de outras áreas se sentem na obrigação de estudar e esforçar muito para compreender as demandas da nova área. Em contrapartida, os discentes oriundos, principalmente, de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia sentem que necessitam demonstrar o que já conheciam sobre a CI. Nesse jogo de aprendizado e compartilhamento, a área da CI se fortalece por meio da interação de pesquisadores dedicados e entusiasmados em entendê-la e fazer com que ela evolua cada vez mais.

É relevante destacar que os alunos dialogam também sobre as diversas dificuldades encontradas no percurso das pesquisas, como aquelas relacionadas às questões metodológicas, revisão sistemática de literatura, *design science*, orientação. Além disso, discutem sobre os incentivos à pós-graduação, os cortes do governo em relação a bolsas de pós-graduação e compartilham sobre eventos da área.

Outra questão levantada pelos participantes neste e em outros momentos é que esse compartilhamento ocorre, na maioria das vezes, com colegas do programa ao qual está vinculado, já que não há muita interação entre os discentes dos dois programas existentes da Escola. “[...] eu acho que isso é uma pena porque eu sinto falta como eu já disse anteriormente de ter também contato lá, saber o que tá acontecendo no outro programa, as linhas de pesquisa lá também me encantam [...]”.

O compartilhamento de conhecimento, como destacado por Hendriks (1999), é crucial para a gestão do conhecimento, pois se trata da relação entre o conhecimento tácito e o conhecimento coletivo. Nesse sentido, fomentar o compartilhamento de conhecimentos entre os discentes vai contribuir para discussões enriquecedoras e que, por vezes, podem ser complementares às diversas questões de pesquisa da CI.

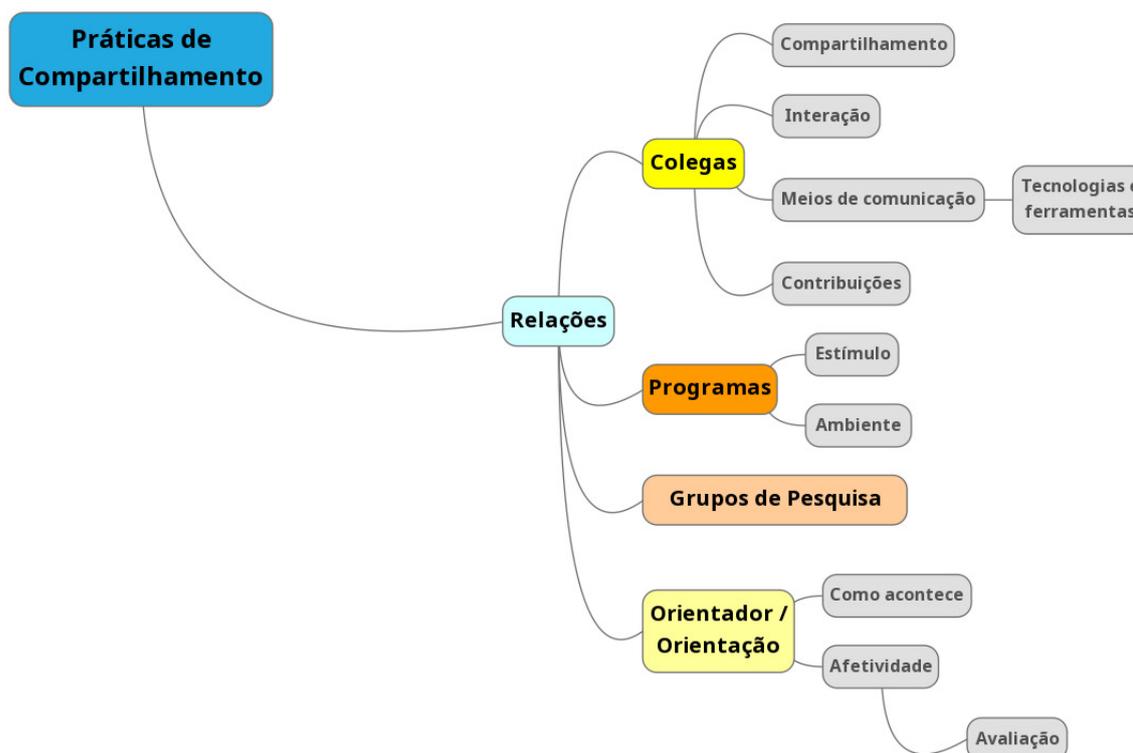
Os participantes mostraram-se envolvidos nas práticas de compartilhamento de conhecimento, bem como tiveram conhecimento sobre a CI e seu objeto de pesquisa, fundamental para entenderem o contexto no qual suas pesquisas estão inseridas e com qual subárea poderão contribuir.

A reflexão sobre o conceito de compartilhamento de conhecimento provocou nos depoentes uma ação de imersão. Eles ressaltaram a importância das práticas de partilha, pois há crescimento e aprendizado mútuo durante os diálogos. É importante salientar que esse diálogo só é possível de ser estabelecido por meio de relações, sendo elas ainda mais produtivas quando estimuladas, seja por parte dos programas, disciplinas, grupos de pesquisa, orientadores ou eventos.

## **5.2 Relações**

As práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação são permeadas por relações que contribuem para a construção do conhecimento das pesquisas. Conforme observado por Talja (2002), o universo de pesquisas de compartilhamento de conhecimento deve abordar também os contextos sociais e culturais dos sujeitos, pois esse cenário molda as trocas de informações. Nessa categoria, a percepção dos participantes será evidenciada na perspectiva do compartilhamento entre colegas, pelo programa de pós-graduação, grupos de pesquisa e no processo da orientação acadêmica.

Figura 7 – Categoria relações



Fonte: Elaborada pela autora.

A Fig. 7 identifica as diversas relações intrínsecas nas práticas de compartilhamento de conhecimento entre os discentes. Todas elas ressaltadas por eles como de suma importância para o desenvolvimento de suas pesquisas.

### 5.2.1 Colegas

O compartilhamento de conhecimento entre os colegas da pós-graduação acontece de forma natural em salas de aula, corredores, salas destinadas aos alunos de pós-graduação, pelas redes sociais e também durante almoços e cafés. Ele é visto como de grande valia para o desenvolvimento de suas pesquisas, visto a contribuição que essas trocas propiciam tanto na busca por informações, quanto na escrita do trabalho do discente.

Quando perguntados se os colegas de pós-graduação compartilham conhecimentos a maioria, sete participantes, acha que há compartilhamento.

Sim, nó! Muito! Tanto que compartilha que eu vou contar um caso que eu acho que vai ajudar na sua pesquisa. Eu tava [numa situação pessoal] e aí todo ano meu orientador gosta que eu faça uma publicação [...] tava uma loucura minha vida não tinha como pensar [...] e aí uma das minhas colegas que é pesquisadora de doutorado ela falou assim, aqui eu escrevi uma parte e eu queria que você fizesse a outra parte que você tem facilidade que aí a gente escreve juntas e você não fica sem e você me ajuda e eu te ajudo. Então assim além dela compartilhar a pesquisa dela que ela podia simplesmente falar ahh que legal, cê tá com esse problema, ok. Ela me chamou pra escrever juntas, deu super certo e agora a gente tá publicando [...] e deu super certo. Então assim a gente sempre compartilha conhecimentos.

[...] eu acho que eles compartilham sim e eu vejo também tanto nas conversas lá na sala quanto no WhatsApp que eles compartilham, éééé aí eu não posso dizer a relevância desse conhecimento se tem alguma coisa que é escondido. Mas eu acredito que não que sempre quando alguém pede alguma coisa todo mundo fala tu acha assim bem, bem tranquilo.

Compartilham, compartilham bem.

Sim, e muito mesmo. Na minha experiência mesmo com essa nova turma ééé, por exemplo, a gente às vezes além desses espaços de compartilhamento de conhecimento, a gente se distrai, vamos no Cabralzão. Vou te falar esse ano os lugares que mais eu aprendi foi num bar, com essa turma, discutindo ciência com uma cerveja na mão, esse ano eu cresci bastante graças a essa turma e nesse sentido né, um bar, um boteco como espaço de compartilhamento é muito legal.

[...] sim, mas entre as pessoas que são mais próximas no meu caso.

Compartilham, sem dúvidas, compartilham. Ahh acho que tem tanto diretamente quando algo foi direcionado pra mim, quanto indiretamente, há um compartilhamento de conhecimento bem denso no caso de relação com as pesquisas e em relação também a algumas funcionalidades, algumas, alguns, algumas coisas administrativas, informações relacionadas a ECI também que o grupo também fornece bastante. Em relação a metodologias também, há algumas coisas que passam no grupo.

Pra mim sim, entendeu, pra mim compartilham. Compartilham conhecimentos assim até pra troca de experiências né, tanto formal quanto informal.

O compartilhamento de conhecimento para esses depoentes acontece de forma efetiva, tanto entre pequenos grupos, quanto para todos os colegas, independentemente do meio em que ele ocorre (em grupos de *WhatsApp*, em sala de aula, durante um almoço ou lanche e, até mesmo, em bares). Destaca-se que há o compartilhamento tanto de conhecimentos tácitos, quanto explícitos, de maneira que os assuntos são os mais variados, como, por exemplo, questões relacionadas às temáticas das pesquisas, à rotina acadêmica dentro do programa, eventos científicos, autores em voga em determinados temas, compartilhamento de artigos e

demais publicações. Stewart (1998) ressaltou esse processo ao chamá-lo de “ciclo dinâmico do conhecimento”, uma vez que nunca chega ao fim.

Para dois depoentes, alguns colegas compartilham conhecimentos, outros não:

Alguns sim outros não, engraçado tinha um menino que falava assim eu não vou abrir minha boca, eu não abri minha boca muito em sala de aula não e quero justificar, primeiro que eu não entendo o que vocês estão falando aqui e outra eu tenho que aprender com vocês, parece que eu nunca vi nada do que vocês estão falando aqui sabe. Eu tô aqui na pós-graduação, mas eu sinto que eu preciso estudar demais ainda porque eu não consegui chegar nesse nível que vocês estão, então tem a limitação das pessoas porque como aqui acolhe diferentes áreas do conhecimento. É diferente pra mim que vem da [área do conhecimento], para o cara que vem da engenharia, para o que vem da matemática, belas artes, computação. Então nós temos que fazer esse universo funcionar, ele tem que entrar em harmonia, eu não vejo como uma deficiência das pessoas, eu penso que é deficiência nossa mesmo, enquanto programa de não favorecer essa convivência, porque a gente fica tão na correria, cada um cuidando de si, ahh minha pesquisa, as vezes o que salva um pouco são os grupos de pesquisa ne, que cê cria uma certa afinidade, mas eu acho que a gente tem que fazer para além sabe dessa necessidade, a gente fazer pra socializar e contribuir mais com a questão do conhecimento porque tem muita gente boa aqui dentro.

Olhaaaa, eu acho que algumas pessoas sim e outras não, e assim numa frequência pequena sabe. Igual vira e mexe eu tôla e alguém posta um artigo ou alguém me manda alguma coisa, do programa eles mandam muita coisa, tipo assim rio de coisa, ahh evento tal em tal lugar, gente manda tal o artigo pra tal lugar, vai ter um congresso de bom em tal lugar, isso assim eu vejo mais por parte do programa do que dos colegas, mas dos colegas menos sabe. Mas aquilo que eu te falei se você conversar as pessoas compartilham, o problema é falta de tempo das pessoas hoje, não é, assim eu acho que eu nunca tive uma conversa tão assimmm igual a gente tá tendo aqui, assim falando mais profundamente da pesquisa, falando da vida, do cotidiano, não sei o que, isso a gente fala bem menos porque é todo mundo na correria, eu só ando correndo, infelizmente, entendeu. Eu espero brevemente não ser essa pessoa, mas assim eu não sei se os outros têm mais tempo, eu não tenho tanto.

Outros dois participantes acham que poucos compartilham:

Poucos, poucos, é como eu disse lá no mestrado eu senti mais isso, aqui no doutorado hoje, vou citar uma turma, por exemplo, de 17 alunos que eu faço uma matéria, eu posso dizer que quatro ali compartilham, o restante é mais eu e minha pesquisa, você e você, ali num percebi isso muito não, é meio fechado, têm até medo de falar geralmente o que está estudando.

Pouco, eu acho que deveria compartilhar mais. Eu fiz uma comparação, eu conversei muito nas reuniões de colegiado e comentei com colegas também quando a gente está na época das disciplinas a gente faz isso mais, mas a gente tinha lá no no programa de Mestrado [fora da Escola de CI da UFMG], nosso coordenador ele era super engajado com os alunos, ele ele estava se

envolvido com os alunos o tempo inteiro sabe. Ele criou os os grupos de discussão, os grupos de pesquisa, ele foi criando e ele ia monitorando todos, então cada grupo pesquise tinha seu líder, mas o coordenador ele era super ativo. Então assim os grupos de pesquisa tinham agenda a cada 15 dias para encontro e ee explicação do que estava acontecendo, eles tinham um horário pré-definido pra ficar ali, então cada um ia apresentar, eles iam discutir as pesquisas, então isso criava uma sinergia, criava uma ligação entre todos né. E eu sinto falta disso aqui, até eu vejo até mesmo dentro do nosso grupo de pesquisa como que a nossa interação é pequena. Então eu acho que se a gente fomentasse mais isso sabe, mais interação, mais encontros, mais diálogo né, ou outras formas da gente se encontrar, talvez usar as tecnologias né, fazer mais encontros remotos, webinar, não sei, seria uma maneira da gente melhorar essa relação sabe. Então, porque na hora que terminam as disciplinas, cada um tá focado na sua pesquisa, cada um vira uma ilha e aí eu acho que o compartilhamento fica bem menor.

Para um participante, não existe compartilhamento de conhecimento entre os colegas:

No geral não, de forma geral a maioria não compartilha, não compartilha mesmo, eu acho que eu tive a sorte de achar quem compartilha, mas é uma minoria que compartilha e eu sei que é muito triste isso porque não sou só eu que sou insegura e todos são. Apesar de quererem mostrar que não são, eu acho que todos são, porque você tá entrando na pesquisa agora, quem tá entrando no mestrado tá entrando a pesquisa agora, você não sabe fazer, então você precisa de ajuda né. E o pessoal não não compartilha.

A partir dos depoimentos citados anteriormente foi possível perceber que, por vezes, esses participantes sentem-se em certa medida excluídos, como não participantes de um grupo, sozinhos à deriva da própria sorte. O ego, a insegurança e a competição entre eles podem ser fatores para que esse compartilhamento seja mais reduzido e o sentimento de exclusão seja aflorado.

Pesquisadores não oriundos das áreas de formação de graduação da Escola de CI (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) ressaltam o medo em discutir ideias sobre a CI. No entanto, ao mesmo tempo em que esse medo oprime o diálogo com os colegas, torna-se motivador para que se dediquem a estudar mais sobre a área.

Para os participantes, o incentivo à socialização do conhecimento poderia resultar em boas práticas de compartilhamento de conhecimento. A falta de tempo, por exemplo, apresenta-se como empecilho para o compartilhamento ser algo rotineiro entre os discentes. Portanto, o incentivo deveria ser uma constante nos programas, principalmente para aqueles discentes que não estão fazendo disciplinas.

Com relação à compreensão dos estudantes sobre as características do conhecimento compartilhado entre os colegas, se ele pode ser melhorado, as respostas foram de consoantes à pergunta anteriormente analisada. Para a grande maioria essa troca de conhecimentos pode ser melhorada em muitos aspectos:

[...] Ahh poderia ser melhorado mais ai vem a questão do ego de novo, é que teria que mudar muito a mentalidade pra melhorar, é porque o ego vai repetir muito ai, mas é porque é uma coisa que está me incomodando muito agora nesse doutorado sabe, está difícil.

Eu acho que sim, existe, mas poderia ser melhor né. Assim, pensando no todo acho que poderia ser melhor, mas acaba que por causa dessas barreiras aí, e também às vezes a pessoa, a tanto, tipo assim na época assim deeee dessas coisas, questão política e tal parece que as pessoas ficam mais inimigas né e aí isso aí acaba atrapalhando também.

Olha eu acho queeee, bom eu acho que o ser humano eeeee, ele segue comportamentos, ele segue os exemplos que ele recebe né, então quando a gente recebe de professores um comportamento que traz essas características isso acentua, não estou dizendo que a pessoa não tenha né, a gente já vai construindo isso ao longo da vida, quando você encontra com outras pessoas que reforçam essa questão do separar, não é a minha área, é o meu conhecimento, é o meu grupo de pesquisa que sabe, você reforça isso em todos os alunos né, você mantém, você cria uma, umaaa linha genealógica ali que vai manter o mesmo comportamento né, que que a própria instituição as vezes já tem. Então eu penso que mudar isso, ela tem que partir da mudança de quem está dirigindo o lugar onde a gente tá, né acho que isso, e a própria UFMG ela tem feito isso de uma maneira geral né de maneira mais ampla, eu não sei se você já ouviu falar naquela formação transversal né, você formar mão de obra de um alto valor intelectual, quer dizer ela não tá fechada numa linha só, eu acho que isso é uma é uma iniciativa fantástica da universidade. [...] Então eu acho que esse essa essa mudança de comportamento ela seria um fator que, em cadeia, ela poderia modificar esse comportamento que a gente vê né em sala de aula, no grupo de pesquisa e na sala de pesquisa.

Com base nos depoimentos, podem-se captar questões de cunho pessoal/individual que justificam por que o compartilhamento não é bom e, por isso, deve ser melhorado. O individualismo, o ego e também questões políticas nos programas (que fazem ponte entre questões pessoais e institucionais) são ressaltados como barreiras para que as práticas de compartilhamento sejam mais efetivas. Destaca-se ainda o padrão de comportamento dos professores, os quais são percebidos como espelhos pelos alunos, uma vez que eles tendem a seguir e manter esse padrão durante sua trajetória de pesquisa.

Outro aspecto relacionado à melhoria do compartilhamento de conhecimento entre os discentes abrange o incentivo a encontros presenciais por meio de eventos, encontros de grupos de pesquisa, uma vez que:

[...] o contato face a face não substitui o tecnológico, é muito mais enriquecedor o face a face. Então trazendo pra pós, quando eu falei que os grupos de whatsapp são muito bons, é ótimo, mas eu acho que tem uma limitação, porque a gente perde a riqueza de informação que tem num encontro presencial.

Eu acho que pode ser melhorado, eu acho que esse tipo de movimento de vamos fazer um seminário para que todo mundo se conheça, para abrir um diálogo, sabe, mais saudável, sem essa questão de competição. Eu acho que isso possibilitaria, que para, melhorar essa questão do compartilhamento sabe, eu acho que tem muitas barreiras e essas barreiras a maioria delas está nas pessoas não são barreiras externas porque hoje em dia a gente tem tudo para compartilhar, tem tudo para compartilhar e não compartilha. [...] O problema dos dois programas não é com os discentes, a briga é com os docentes, a briga acaba separando a gente, existe uma segregação né entre PPGCI e o PPGGOC.

Os participantes ressaltam a importância de eventos dentro da Escola de CI da UFMG que tenham participação de pesquisadores dos dois programas da Escola. Essa troca seria extremamente enriquecedora, pois possibilitaria diálogo e debates que contribuíssem para o desenvolvimento das pesquisas.

De modo geral, a interação entre os discentes é profícua e contribui para a evolução das pesquisas. Conforme os depoentes, essa interação acontece com maior intensidade e frequência durante o mestrado, quando eles sentem que estão em um mesmo nível, aprendendo a pesquisar e a conhecer a área. O ego é citado por participantes de mestrado como empecilho para interação com os discentes de doutorado. A questão comportamental, em alguns casos, é ressaltada como um motivo que afasta os colegas.

Olha eé eu tento fazer o que eu posso sabe, tento me abrir pra compartilhar, mas quando vejo alguns comportamentos de muita arrogância, eu me afasto, eu não me esforço aonde eu vejo que o terreno não ta agradável pra eu ficar. Quando eu vejo que tem um interesse eu faço o que eu posso [...].

Foi extremamente decepcionante pra mim quando entrei no mestrado vi como que era a turma, pra mim foi assimmm, eu eu queria sair correndo [...] Então assim, eu sai dessa turma que era muito bacana e fui para a turma de mestrado que as pessoas eram totalmente fechadas, que as pessoas, um querendo mostrar que sabia mais do que o outro, isso pra mim assim foi insuportável [...]. Então assim é uma situação super desagradável o aluno

quer mostrar que ele sabe mais que o professor, então assim poxa vida é claro que tem coisas que o aluno pode saber mais que o professor, mas vamos conversar, vamos ouvir primeiro o que o professor tem a dizer né, vamos escutar, vamos ali é fazer aquele diálogo dentro da sala, não precisa de você vim com toda essaaaaaessaaaa arrogância, não precisa você vim com toda essa arrogância para querer mostrar que você sabe mais sabe. Então assim minha turma de mestrado foi muito desagradável, eu tive uma sorte imensa de achar algumas pessoas nessa turma que foram assim meu suporte para o resto do mestrado, [...]. Porque eu tinha uma ilusão assim, vou chegar na pós-graduação e vai ser aquele ambiente lindo né, todo mundo quer compartilhar a informação, todo mundo quer ajudar o colega, é o progresso da ciência né [...]

Esses dois depoimentos afirmam que há momentos em que os colegas não propiciam a interação e, assim, reforçam o não compartilhamento. Outro aspecto destacado foi a influência do orientador e a temática pesquisada: caso um aluno tenha um orientador considerado uma sumidade, muitas pessoas se aproximam daquele orientando; a temática pesquisada, por sua vez, também atrai ou afasta alguns colegas, de acordo com a importância que a consideram para a área.

A interação interdisciplinar dos discentes de CI contribui para discussões construtivas nas diversas pesquisas, uma vez que são perfis diferentes oriundos de várias áreas do conhecimento. Essa interação começa a surgir a partir do momento em que os discentes vão se aproximando por afinidades, por incentivos dos grupos de pesquisas, ou por terem o mesmo orientador. A maturidade e o nível de conhecimento adquiridos durante o processo de formação do pesquisador são citados por vários participantes como diferenciais que contribuem para uma melhor interação e discussão de ideias. Para Nonaka e Takeuchi (1997), o compartilhamento do conhecimento é permeado por premissas, como confiança, proximidade, intimidade dentro do grupo e, sendo assim, que são entendidas como pressupostos de um estado emocional propício à socialização do conhecimento.

Esse processo de interação, segundo Gomes (2008), ocorre de maneira subjetiva e é envolvido por questões culturais, as quais podem tornar, ou não, possível o debate, as explicações e as convergências no estabelecimento das interações.

A interação acontece de forma mais natural entre discentes provenientes de mesma área de graduação, mas se dá entre discentes oriundos de todas as áreas do conhecimento. O fato de serem de áreas de formação diferentes e de terem orientadores diferentes não é um empecilho para a interação e

compartilhamento de conhecimento acontecer. As afinidades são construídas por fatores como personalidade, vivências e realidades semelhantes.

Em relação à aproximação com colegas de mesma profissão e com áreas diferentes, vale destacar as falas de dois participantes:

Aproxima, aproxima, eu vou te falar uma coisa que é feia mas que é verdade, a gente tem preconceito com quem não é da ECI, sabe, porque assim, tem muita gente que vem de outras áreas por puro oportunismo, a pessoa ela não fez uma pós-graduação lá na área dela, não conseguiu passar, aí ela vem para a CI achando que como é interdisciplinar ela pode, com mais facilidade conseguir aplicar a formação dela, o conhecimento dela, da área dela, na CI. [...] isso pra mim me deixa um pouco chateada porque parece que está roubando o lugar do bibliotecário. Não é só eu assim, as colegas que eu converso tem esse sentimento de que na verdade a pessoa está pegando nosso campo de conhecimento [...]. Então assim isso afasta, isso afasta entendeu, isso afasta porque parece um oportunismo [...]. Ah isso eu acho que afasta, isso causa um preconceito, causa um distanciamento.

É, então, eu vejo, a mesma situação que eu te falei em relação aos cursos né, eu sinto que tem, que existem comportamentos que somam e existem comportamentos que afastam né. Então tem colegas que realmente estão a fim de trabalhar e de compartilhar e que sentam e conversam e tiram dúvidas né, perguntam, não tem vergonha de perguntar e têm outros que se afastam mesmo né, tem outros que tem parece um ciúme assim, não você não é da Biblioteconomia não me interessa. Esse comportamento existe né, existe um afastamento.

Esse afastamento é acentuado na fala de outro depoente quando diz que, por vezes, é difícil compartilhar com alunos de outras áreas de graduação e vice-versa, pois um colega que não é da mesma área terá dificuldade de fazer intervenções na pesquisa dele. Segundo esse depoente, cabe aos programas fazerem essa aproximação para que o diálogo aconteça, independente da área de formação dos alunos.

A interação muda também em função da rotina e compromissos dos discentes na Escola, uma vez que, quando estão cumprindo os créditos, existe maior proximidade e, quando terminam os créditos, há um afastamento físico, o contato presencial fica mais escasso, pois cada um acaba imergindo em sua pesquisa:

[...] acaba que você fica muito na solidão quando termina os créditos, porque aí é você consigo mesmo, você com sua pesquisa, seu orientador, seu orientador nem sempre tá tão presente. Então é você consigo mesmo, suas dores, suas angústias e é isso. Eu vejo que a gente estabelece um vínculo no início mas depois esse vínculo não se permanece, não se mantém.



Dentre estes meios de comunicação, os mais frequentes utilizados pelos participantes são o *WhatsApp* e o *e-mail*, devido à facilidade e praticidade na comunicação. O contato presencial ocorre com mais frequência durante o período em que os alunos estão cursando os créditos. Para Pinto *et al.* (2009), o conhecimento compartilhado por meio do uso de tecnologias propicia aos sujeitos estabelecerem relações de colaboração, mas, para serem efetivas, é preciso criar significados.

Constatou-se que o contato presencial é o preferido por sete depoentes, o *WhatsApp* é preferido por três e também foram mencionadas todas as ferramentas de gestão de conhecimento e o *e-mail*.

A maioria dos participantes ressaltou que, mesmo usando com mais frequência as diversas tecnologias existentes, estas não substituem o contato presencial.

Ahhh sem dúvida é o ao vivo, presencialmente, em grupo com muitas pessoas eu acho que é um meio muito frutífero que dependendo da discussão sai muita coisa legal, então eu acho um meio de que você contagia as pessoas, e as pessoas se contagiam em relação a algum assunto né, dependendo da efervescência na medida que a conversa vai fluindo.

Elencaram a importância das tecnologias por aproximar os colegas e proporcionar o compartilhamento do conhecimento a qualquer momento. No entanto, eles sentem que, presencialmente, os diálogos fluem mais, propiciam compartilhamentos enriquecedores e sem o excesso de informação que as tecnologias, por vezes, geram.

A interação entre discentes propicia que as atividades de compartilhamento de conhecimento contribuam para o desenvolvimento das pesquisas. Essa contribuição ocorre tanto entre os discentes dos programas da ECI, quanto com colegas pesquisadores da CI de outros programas do Brasil. Os eventos científicos da área são citados como de suma importância para que o compartilhamento do conhecimento ocorra para além da UFMG e, assim, crie novas redes de contatos.

Contribuem de maneira assim ééé bem bem legal entendeu, porqueéééééé enriquece o nosso trabalho, enriquece a nossa base de

conhecimento, enriquece a base teórica da pesquisa, enriquece em procedimentos que você não atentou e que você poxa isso aqui é uma coisa que a pessoa falou e que é interessante eu pensar nisso, entendeu cara, então eu acho que enriquece.

As contribuições acontecem tanto por meio do conhecimento tácito, quanto pelo envio de artigos, referências de livros e sugestão de autores.

Muitas vezes, os discentes se reúnem para discutir as terminologias utilizadas na CI, os autores que compõem o referencial teórico, as metodologias, a escrita e a estruturação da pesquisa, além de aspectos ligados à orientação. As experiências em relação à submissão de artigos, ao envio da pesquisa ao CEP também são assuntos em voga entre os discentes.

Aspectos sobre análise de dados, dicas acerca da qualificação, principalmente para os alunos de mestrado, os quais nunca passaram pela situação (na ECI-UFMG, as qualificações são fechadas ao público). O compartilhamento que ocorre durante as disciplinas é visto pelos depoentes como muito importante para a ampliação dos conhecimentos dos discentes, uma vez que ocorre entre os colegas e os professores. “[...] a minha construção foi toda feita com disciplinas, com os trabalhos com os alunos, com os professores, e mais esse compartilhamento em sala de aula com certeza.”

Essas contribuições, a grande maioria construídas por meio do conhecimento informal, são consideradas de grande valia para ajudar a superar o medo e a insegurança ao desconhecido mundo da pesquisa.

### **5.2.2 Programas**

Os programas de pós-graduação têm um papel singular na formação dos pesquisadores, por meio das disciplinas ofertadas, eventos, grupos de pesquisas, orientações, entre outros espaços e momentos de interação. Nesse contexto, os programas estimulam seus discentes ao compartilhar seus conhecimentos durante as disciplinas ofertadas, em laboratórios, na realização de eventos na ECI, no auxílio financeiro para participação dos discentes em eventos científicos da área e na disponibilização de espaços em comum para os alunos.

Quando os participantes foram perguntados se eles se sentem estimulados a compartilhar seus conhecimentos, todos, exceto um, disseram que sim. O fato de estarem inseridos no ambiente acadêmico por si só já é um grande estímulo, pois é um local de inúmeras possibilidades de compartilhamentos.

Então quando eu adquiero um conhecimento e guardo esse conhecimento sem compartilhar é pegar uma ferramenta enterrar né, quer dizer peguei a ferramenta do intelecto, da intelectualidade e enterrei, que eu fiz com ela né, se eu tenho a condição de entender o conhecimento que é extremamente complexo, eu tenho o dever moral de ajudar o outro a entender aquilo que ele não foi capaz de entender e que eu consegui. Então esse é o maior estímulo pessoal que eu tenho pra fazer isso [...]. Quando eu não sinto vontade de dividir alguma coisa com alguém aí essa cobrança moral me vem [...].

De acordo com os participantes, o fato de ver o colega desenvolver sua pesquisa e sentir que há ali uma colaboração sua os impulsiona a compartilhar mais conhecimentos. Ressaltam ainda que o compartilhamento é uma troca, um diálogo; à medida que uma pessoa compartilha seus conhecimentos, também aprende com o outro.

Estimulado? Muito. Porque éééé como falei ali atrás, porque eu aprendo também, quando eu compartilho eu aprendo, quando eu compartilho eu me sinto, eu sei que vou ajudar alguém, então uma realização pessoal, eu sei que o conhecimento pode ser transformado quando a pessoa faz uma crítica a ponto daquele conhecimento fazer uma inovação, então eu penso aí no desenvolvimento científico, na ajuda.

Ver um colega compartilhando e dividindo seus conhecimentos também é um estímulo para criar uma rede de trocas de experiências. Outro depoente ressaltou que o compartilhamento de conhecimentos começou desde muito cedo em sua família e que o estímulo dentro de casa sempre o incentivou a compartilhar seus conhecimentos no ambiente em que estiver inserido.

Outro participante lembra que o compartilhamento é inerente à CI. Desse modo, sentir-se estimulado é questão de consciência profissional; trata-se de um mediador da informação na sociedade, de modo que o compartilhamento e o prazer por partilhar são essenciais na vida do profissional da informação.

De forma isolada, o participante que disse nem sempre estar disposto a compartilhar seus conhecimentos ressaltou que gosta do compartilhamento por meio

do diálogo, presencialmente, e que nem sempre as pessoas estão dispostas a ter esse diálogo. Para ele, o compartilhamento no meio eletrônico é muito válido, porém nem sempre há um diálogo intenso; também lembrou os *gaps* que podem ocorrer e ocasionar divergências nem sempre esclarecidas.

Com relação ao estímulo por parte dos programas, os participantes ressaltam que, a partir do momento que o programa estimula a participação em congressos e eventos da área, está incitando o compartilhamento para além da comunidade ECI-UFMG, pois propicia o contato com diferentes pesquisadores da área. Os programas estimulam também quando os professores começam a estimular a participação tanto em sala de aula, quanto em grupos de pesquisa.

Outro destaque de estímulo ao compartilhamento e aprendizado foi a apresentação pré-defesa:

Pelo programa ele tem algumas iniciativas da gente compartilhar o conhecimento, por exemplo, alguns eventos internos mesmo pra gente falar o que a gente está fazendo, da pesquisa ééé quando a gente vai defender, por exemplo, tem uma atividade lá que eu acho bem bacana que assim uma semana antes da gente defender você pode fazer uma pré-defesa né, éééé eu acho de uma certa forma né é um estímulo né.

Para sete depoentes, o estímulo ao compartilhamento por parte dos programas ainda é muito pouco, necessita mais intensidade e inovação. Estratégias e iniciativas dos programas fariam com que os alunos se sentissem mais estimulados e pudessem ter mais oportunidades para dialogar sobre suas pesquisas.

Deixa um pouco a desejar, como te falei poderia fazer mais eventos, cobrar que os grupos de pesquisa se interajam. Tem iniciativas, pontos fracos e fortes, a criação da salinha de pós é uma estratégia interessante porque permite contato e que eles acabem dialogando em algum momento, um ajudando o outro, eu acho que os dois programas têm na salas de pós essa estratégia de fazer com que as pessoas compartilhem. Hoje seria a sala de pós porque eventos a gente quase não tem, a revista científica a gente não tem, essas rodas de conversa não tem, as pessoas estão cansadas desse tipo de evento tradicional que você vai lá senta e fica ouvindo um palestrante, não é isso é criar eventos inovadores como rodas de conversa sabe.

As divergências internas e o ego dos professores também são apontados como empecilhos para que o compartilhamento ocorra para além do meio discente e aconteça também entre grupos de pesquisas e entre orientadores:

Ahhh o programa eu acho queeee, os meios de comunicação que tem o site e e-mail são muito ruins, éééé também até pensando no contato assim dos servidores né, não é muito bom eee talvez assim pensando nos professores as vezes, as vezes não, na verdade é uma coisa meio que escancarada assim né, as brigas internas. Então se cê for ficar pensando muito em professor (do programa) acho que nunca que vai dar pra compartilhar é nada mesmo assim né, se você for pensar nessa questão dos professores tipo assim, ééé mais eu acho que pensando nos alunos! **[(Pesquisadora)** Dentro do próprio programa você acha que há muita briga interna entre os professores?] Ahhh eu acho que sim, não briga descarada, mas tipo assim uma guerra fria, tipo isso. Parece que tem um grupo de professores que é mais pró CI e um grupo de professores que eles tem um outro tipo de formação ai tipo a gente tá nesse programa, mas se a gente pudesse mesmo, talvez a gente fosse criar nossos próprios programas entendeu, e ai tem essas rixas assim.

A visão dos participantes é que o compartilhamento é uma via de mão dupla, à medida que compartilham, também aprendem. Além disso, salientam a forma ética e comprometida com a qualidade da informação com a qual os programas dialogam com seus discentes.

Com relação ao pensamento dos participantes sobre um espaço destinado ao compartilhamento de conhecimento entre os pós-graduandos, eles disseram que seria uma oportunidade para conhecer sobre as demais pesquisas. Seria um momento de ajuda na troca sobre as temáticas, na superação das angústias inerentes ao desenvolvimento das pesquisas e na formação de novas parcerias para escrita de artigos.

Um depoente ressaltou que um espaço físico talvez não fosse muito frequentado devido às atividades de pesquisa, principalmente após o término dos créditos. Outro depoente frisou que se trata de uma questão sociocultural, portanto, antes da disponibilização de um espaço, deve ser realizado um trabalho de conscientização, para potencializar o compartilhamento de conhecimento entre os colegas.

Para dois participantes, seria um espaço virtual, sendo a falta de tempo uma das motivações para esse apelo. Para eles, seria totalmente virtual e também informal, um local em que as pessoas pudessem discutir suas pesquisas, suas dificuldades. Poderia, ainda segundo esses estudantes, ser um grupo de *WhatsApp*, o qual serviria também para discutir questões relacionadas aos trâmites administrativos inerentes ao desenvolvimento das pesquisas.

Para alguns participantes esse espaço já existe, seria a “salinha” destinada aos alunos de pós-graduação. No entanto, outros participantes fizeram a ressalva de que, por vezes, há colegas estudando ali e, por isso, as conversas são evitadas, para não atrapalhar. Nesse sentido, foi imaginada a possibilidade de se estender esse espaço:

Seria uma extensão da salinha da pós, seria uma extensão da sala de pós-graduação, assim, ééé eu acho que é importante ter essa troca informal, igual eu te falei na salinha eu acho que isso deve continuar. É eu acho que ele seria um ambiente propício ao dialogo, pra gente conversar, pra compartilhar abertamente, sem essa questão professoral, sem essa eu vou te ensinar como que faz, é compartilhando mesmo, é falando. [...] Seria um ambiente físico, físico, eu acho que seria mais enriquecedor se fosse físico.

Os participantes disseram também que seria um ambiente físico, uma vez que no digital, às vezes, uma pessoa pode ser excluída ou simplesmente não incluída por esquecimento. O ambiente idealizado seria um ambiente de trocas informais, mas que fosse aconchegante, agradável, espaçoso e que se tornaria um local de encontros, debates e discussões, a fim de que, por meio do compartilhamento, os alunos pudessem se ajudar mutuamente. Um participante comparou o ambiente ao Diretório Acadêmico (DA) que existe para os alunos de graduação; já outro participante se surpreendeu por já haver idealizado um espaço assim e disse:

Oh eu até desenhei [...] eu propus esse ambiente de verdade em auto-cad e tudo e ai eu coloquei lá tipo assim formas de sentar mais descontraída não só em cadeiras retas, coloquei sensores de iluminação para ver se a iluminação ta ok ou não de acordo com a luminosidade lá fora, se a qualidade do ar e a temperatura ta adequada, tudo automatizado com a parte de AloT né, da internet das coisas, com internet em todos os pontos reconhecendo quem é você e já fazendo a integração com seus colegas que também estão lá. Na época eu também tinha colocado um ambiente virtual pra agendamento da sala se você precisar fazer alguma coisa com mais gente, para não precisar chegar lá e bater de cara na porta. E o ambiente também têm uma forma ne, uma Copa, uma coisa assim pra que a gente não precisasse tá levantando toda hora e indo lá fora, um ambiente que tem um banheiro interno. Então eu criei um espaço de convivência que tem em co-work[...] trazendo isso pra faculdade. [(Pesquisadora) Esse ambiente seria físico?] É, físico descontraído, mas com essa parte também da área de *mobile* aí, mas bem elaborado, eu sinto muita falta disso aqui da gente já entrar e ter uma sala também de reunião online, pra as pessoas que não estão lá participarem dos debates, eu sinto uma falta da integração, que a gente chama de inserção tecnológica ne, muitas vezes eu vejo que é pouco.

Segundo a ideação do depoente, a proposta seria um espaço híbrido, tanto com a interação presencial quanto por meio das tecnologias. Os dois ambientes seriam motores para fomentar o compartilhamento de conhecimento entre os discentes a partir de encontros presenciais e de conversas de textos e/ou videoconferências.

Os participantes ressaltaram também a necessidade de terem conversas sobre outros assuntos além da pesquisa, como, por exemplo, sobre a questão psicológica durante a pós-graduação.

Esse ambiente híbrido seria semelhante ao espaço já existente da sala de pós-graduação, mas com integração do meio virtual. O ambiente contaria com a participação dos alunos, professores e dos funcionários dos programas. Uma grande interação em um local físico, mas propício ao ambiente virtual.

Seria um ambiente tipo na sala da pós, eu acho. E o outro é ambiente virtual, as mídias hoje possibilitam isso demais, você faz um grupo ali e começa a interagir, tem momentos que tá ali movimentado, tem momentos que tá mais baixo, então as pessoas criam essa grupos pra poder interagir, né whatsapp. Hoje criar algo novo eu acho que não, não criar algo novo, eu acho que talvez aperfeiçoar aquilo que a gente já tem aqui. Tem uma sala da pós aí tudo bem, mas aí é tem a sala da pós do PPGCI e tem a sala da pós do PPGGOC, não, uma pode ser o laboratório do PPGCI e PPGGOC e a outra poderia ser a sala de compartilhamento PPGCI e PPGGOC.

É unânime entre os depoentes que o ambiente de compartilhamento deve ser um ambiente comum para os dois programas, uma vez que todos os discentes, independentemente da linha de pesquisa ou programa, pesquisam a CI em suas variadas vertentes. Um ambiente comum propiciaria abrir um leque nas pesquisas, por meio de discussões sobre pesquisas que podem se complementar ou colaboraram mutuamente, bem como sobre metodologias nos contextos dos dois programas.

A criação de espaços de conhecimento, segundo alguns teóricos, colabora para alavancar o potencial criativo dos sujeitos, estabelecendo-se como ambientes de inovação e desenvolvimento tecnológico. Esses espaços para a instituição de redes de compartilhamento podem ser tanto reais, quanto virtuais, desde que culmine na contribuição mútua para o desenvolvimento dos projetos. (CREECH; WILLARD, 2001; TOMAÉL 2008).

Para os participantes, o compartilhamento entre os dois programas precisa ser melhorado. Seria construtivo para todos os alunos que eventos e defesas fossem divulgados em ambos os programas, assim como a possibilidade de discentes de um programa poderem cursar disciplinas eletivas no outro.

Os programas devem estimular seus discentes a compartilhar seus conhecimentos de diversas maneiras, incentivando a participação em congressos, a colaboração entre os colegas (independente do programa), a experiência das pré-defesas, entre outras formas. Esse compartilhamento deve ocorrer em todos os meios, seja virtual e/ou presencial, como em salas de aulas, nos diversos ambientes da Escola e nos grupos de pesquisas.

### **5.2.3 Grupos de pesquisa**

Os grupos de pesquisas são formados por pesquisadores que se organizam em torno de linhas de pesquisas para desenvolverem suas pesquisas científicas. Os grupos são liderados por pesquisadores experientes que, juntamente com os demais, contribuem para o desenvolvimento da área.

Quando perguntado do papel que os colegas e grupos de pesquisa desempenham em sua busca por fontes de informação, um depoente ressaltou que os colegas pesquisadores são uma fonte primária de informação. Segundo outro depoente, a ajuda dos colegas é fundamental.

O papel é de ajuda, vai facilitar minha vida, a gente sofre tanto por tantas coisas e essa coisa da, a necessidade de não inventar a roda e o caminho já estar pronto facilita um caminhar mais leve, é isso que a gente busca, vai possibilitar, ou me acende uma luz numa conversa.

Os colegas de pós-graduação contribuem para a construção da pesquisa dos demais na indicação de leituras, nas discussões em salas de aula e nas conversas informais. Para os participantes, é um papel muito relevante, porque a visão do colega é carregada das mais diversas leituras, portanto um artigo indicado pode elucidar questões até então não compreendidas.

Os participantes que atuam em algum grupo de pesquisa destacam que as interações propiciam interlocuções profícuas e construtivas para as pesquisas. Os

grupos são, normalmente, bem heterogêneos, uma vez que são compostos por alunos de iniciação científica, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e doutores, e o contato entre os membros é bem próximo. Essa proximidade propicia maior liberdade para tirarem suas dúvidas e discutirem processos que, por vezes, não estão claros.

[...] E o grupo de pesquisa ajuda muito porqueeeee no nosso grupo de pesquisa já existem doutores né, formados e que trazem leituras novas e que a gente às vezes não conhecia, e assim a gente tem muita liberdade com a turminha do grupo de pesquisa, a gente tem uma abertura grande que a gente procura, manda email, manda WhatsApp e é sempre todo mundo muito receptivo a ajudar “olha isso”, “eu fiz desse jeito, será que não seria interessante” acho que é um grupo em que as pessoas são receptivas a ajudar.

A vivência nos grupos de pesquisas oportuniza trocas mútuas e muita cooperação entre os pesquisadores. Desde o membro mais experiente em pesquisa ao aluno de iniciação científica, o aprendizado é constante. As leituras, as práticas e a vivência nos laboratórios, bem como a presença e o *know-how* do líder do grupo, viabilizam estudos e discussões que permitem a evolução da área de estudo à qual o grupo se dedica.

#### **5.2.4 Orientação acadêmica**

A construção do conhecimento científico por meio de teses e dissertações perpassa pela orientação acadêmica. A orientação é um momento em que orientador e orientando compartilham conhecimentos e discutem os percursos da pesquisa científica.

O relacionamento entre orientador e orientando é fundamental ao processo de pesquisa. Nesse sentido, a opinião dos depoentes sobre o compartilhamento de conhecimento, o apoio e a ajuda dos orientadores é bem diversificada:

Fraco, bem fraco porque eu acredito que ele tá aprendendo o tema junto comigo, normal eu também sou professor e de vez em quando eu aprendo uma aula antes dos alunos né, não julgo tanto mais depois que eu virei professor. Mas eu tinha embasamentos em outros temas que eu conseguiria me aprofundar mais e fui barrado por interesses próprios dele [...]. E aí, mas o conhecimento dele também não sei se é tão aprofundado, tá começando

agora a conhecer mais sobre a área e me deixou bem aquém, principalmente de literatura, mandou algumasss massss não teve uma discussãaaooo profunda, estou meio que patinando sozinho nisso, é ruim.

Nossa!! Excelente! Excelente!

Meu orientador, éééque que acontece, meu orientador foi o seguinte, ele muito educado, muito gentil, a gente teve quatro reuniões ao longo do mestrado. Durante as reuniões ele muitooooo interessado, muitooo disponível, me dava sugestões deeee referência, éééé me ouvia, respeitava o que eu queria, mas nos outros momentos ele não era disponível. Então assim não leu, não lia o que eu escrevia, eu mandava e-mail não respondia, eu mandava mensagem não respondia, eu fui para qualificação sem ele ler o que eu tinha escrito [...]. Me recomendaram assim, entrega impresso pra ele, entrega impresso que impresso ele vai ler, e eu imprimir, gastei dinheiro, imprimir e ele não leu, não leu [...], não leu, não me deu nenhum retorno [...]. Então assim, que que acontece éééficou faltando essaaaa esse apoio, ficou faltando éééé, a parte que eu tive mais apoio foi quando eu levei pra ele as categorias de análise, [...] e ele me ajudou ele a realocar aquelas categorias eeee cortar algumas, cortou várias na verdade, então assim foi nesse momento que ele me ajudou. [...] maass ai, por exemplo, no momento final, de entrega do trabalho final ele foi ler assim em cima da hora, que ele foi ler a pesquisa e nesse momento faltava um dia para eu entregar, ele leu um dia antes de eu entregar o trabalho, e ai assim, me deu 24 horas pra eu arrumar tudo que ele pediu.

Maravilhosa, a minha orientadora não sei se é uma mãe, uma amiga, acho que tudo junto sabe.

[...] sempre que eu chego na sala dele se ele não está muito apertado pra me atender a gente conversa e tal e as vezes eu to com dificuldade e as vezes a gente ta tipo querendo desistir né, desistir da vida, desistir do mundo e ai ele me bota pra cima, não, calma, vai dar tudo certo [...]

Para a maior parte dos participantes, o compartilhamento com seus orientadores é muito produtivo, resultando em aprendizados que alicerçam suas pesquisas. Outra questão ressaltada foi o fato de que, quando os orientadores indicam a temática de pesquisa, os alunos podem se sentir menos entusiasmo com a pesquisa, uma vez que inibe, em certa medida, o processo criativo do orientando. Ao passo que, quando o orientador dá liberdade ao aluno para escolher o que vai pesquisar e juntos discutirem os caminhos a serem percorridos, o orientando se sente mais estimulado.

As colocações dos participantes retratam que os meios de comunicação mais comuns com seus orientadores são os encontros presenciais e conversas via WhatsApp, mas há também interações por *e-mail*, redes sociais, telefone e videoconferência, e até durante um almoço ou café. Quando o orientador é em

demasia ocupado, o contato maior se dá por *e-mail*. A maioria dos orientadores está sempre disponível para esclarecimento de dúvidas.

Eleeee a gente conversa por Skype, a gente conversa por e-mail, a gente conversa pelo WhatsApp e a gente conversa pessoalmente. Então assim eleeee ele é extremamente ocupado, mas ele é extremamente organizado, eu não sei como é que ele dá conta de fazer tudo que ele faz, mas ele ele foi me mandando assim ao longo do tempo, acho que todo orientador faz isso, ele vai mandando os textos que ele acha que tem relação com nosso trabalho e a gente vai montando esse quebra cabeça depois né. [...]. Nós Compartilhamos também as nossas bases de dados de referência né das Ferramentas referência [...], então a gente a gente troca também pelo Google grupos né, a gente troca um acervo pelo Google Drive, então assim a gente tem uma interação muito grande né.

[...] igual eu te falei abertura total, e-mail responde na hora, o WhatsApp tempo inteiro, ooto com dúvida e tal, [...] assim toda vez que eu precisava ele me respondia e me ajudava. Acontecia por tudo email, whatsapp, presencial, e eu gosto de ressaltar porque minha co-orientadora ela é uma pessoa que não fica muito perto de aluno não sabe, ela é excelente pessoa, excelente profissional, excelente professora, mas assim cê não precisa mandar um whatsapp pra ela não que ela nem deixa cê ter o celular dela, então eu sei que existe esse distanciamento entre alguns professores. Então por causa disso que eu achei tão sensacional, [ele] falou olha esse aqui é meu telefone, meu whatsapp cê liga quando cê quiser, e eu ligava mesmo e ele atendia mesmo e ajudava.

[...] para compartilhamento, a ajuda de trabalho acontece tomando um café junto, almoçando junto, [...] e também discussões particulares né [...]

Os participantes salientaram também que há orientador que estabelece o plano de orientação nos primeiros contatos, mas que há aqueles que encontram conforme as necessidades dos discentes. Para os respondentes, as reuniões presenciais são vistas como o momento de maior compartilhamento e mais produtivas para o desenvolvimento de suas pesquisas.

Quando perguntados se o relacionamento com o orientador interfere no relacionamento com os outros orientandos e com os outros colegas de programa, a imensa maioria respondeu que sim. Há muita ajuda entre os orientandos de um mesmo pesquisador e, muitas vezes, a falta de compartilhamento de conhecimento com o orientador faz com que os discentes busquem os demais colegas de programa.

A gente vira muito amiguinho de quem tem o mesmo orientador né, porque a gente desabafa que é uma beleza né, então tem isso sim, eu conversava muito com os colegas de dede orientador né, trocava muito, perguntava e ai ele te respondeu, você mandou, essa dica mesmo que me deram entrega

impresso, então assim a gente conversa muito. Então assim ter o mesmo orientador aproxima os pós-graduandos, porque aí a gente vai pedir conselho, a gente vai perguntar como que foi com ele, a orientação, como ta sendo, como ta acontecendo.

Sim, as pessoas que ela orienta hoje eu não tinha contato nenhum e hoje eu tenho um contato efetivo até mesmo pela convergência dos temas.

Um depoente destacou não ter contato com os demais orientandos de seu orientador. Esse contato, segundo ele, poderia viabilizar compartilhamentos e trocas entre os discentes, para que houvesse uma ajuda mútua.

Não, sabe porque aí agora vou tocar numa coisa que você vai relacionar lá atrás. Você não vai precisar fazer inferência, eu posso afirmar que a interação como falei, ela não é ótima como eu falei, coloca ela só como boa, ao longo aqui a gente vai refletindo junto, eu nãooooo, éééé acho que isso é uma coisa que poderia mudar. Eu não tenho o contato com os orientandos do meu orientador e isso é ruim eu acho, ta vendo a minha fala aqui é uma fala de tristeza, de carência até, eu queria ter, eu sinto falta. Inclusive a gente, eu os outros orientandos, está inscrito no mesmo projeto no CNPQ mas a gente nunca fez um encontro e acho que a gente sente falta, eu sinto falta, eu sou carente nisso, legal um dia o orientador e orientandos numa sala de aula para cada um falar do seu projeto/sua pesquisa [...]. Então, pelo menos, os orientandos do meu orientador é cada um no seu, o isolamento, e eu acredito também que eles não devem conhecer minha temática.

O compartilhamento do conhecimento entre orientador e orientando é refletido nas relações com colegas de orientações e com demais colegas. Quando um colega tem uma orientação aquém do necessário, os colegas sentem que necessitam ajudá-lo para que ele evolua na construção de sua pesquisa. Quando o discente tem uma orientação muito instrutiva e produtiva, também repassa aos demais, uma vez isso pode propiciar, aos outros, possibilidades de explorar aspectos antes não considerados em suas pesquisas.

Em relação à afetividade da relação com orientador, os participantes destacaram, por um lado, aspectos como humildade, disponibilidade e confiança fundamentais para o bom relacionamento e compartilhamento de conhecimento entre eles. Por outro lado, a insegurança e o desespero figuraram como intervenientes ao processo, juntamente à falta de experiência e de tempo.

Desespero porque a forma que ele trabalha é de uma forma muitooo éééé aquela coisa do desorientador que a gente fala né, não é orientador é desorientador, uma forma muito confusa.

Um pouco de insegurança e ee falta talvez até de experiência [...].

O sentimento que eu tenho com ele é de gratidão, é de admiração. Nossa admiração mesmo, o cara sabe muito e ele é muito humildade, ele é muito humilde pra compartilhar e o jeito dele às vezes tampa tudo isso sabe, ele cria umaaa, existe uma estrutura né, imaginária em torno dele que esconde completamente a humildade dele.

Ééé, nossa éééé nossa posso falar uma rejeição [...].

Carente.

A sensação de acolhimento.

Um relacionamento amigo, amigo, amigo, eu posso contar com ele, me ajudou muito em clarear essa questão científica.

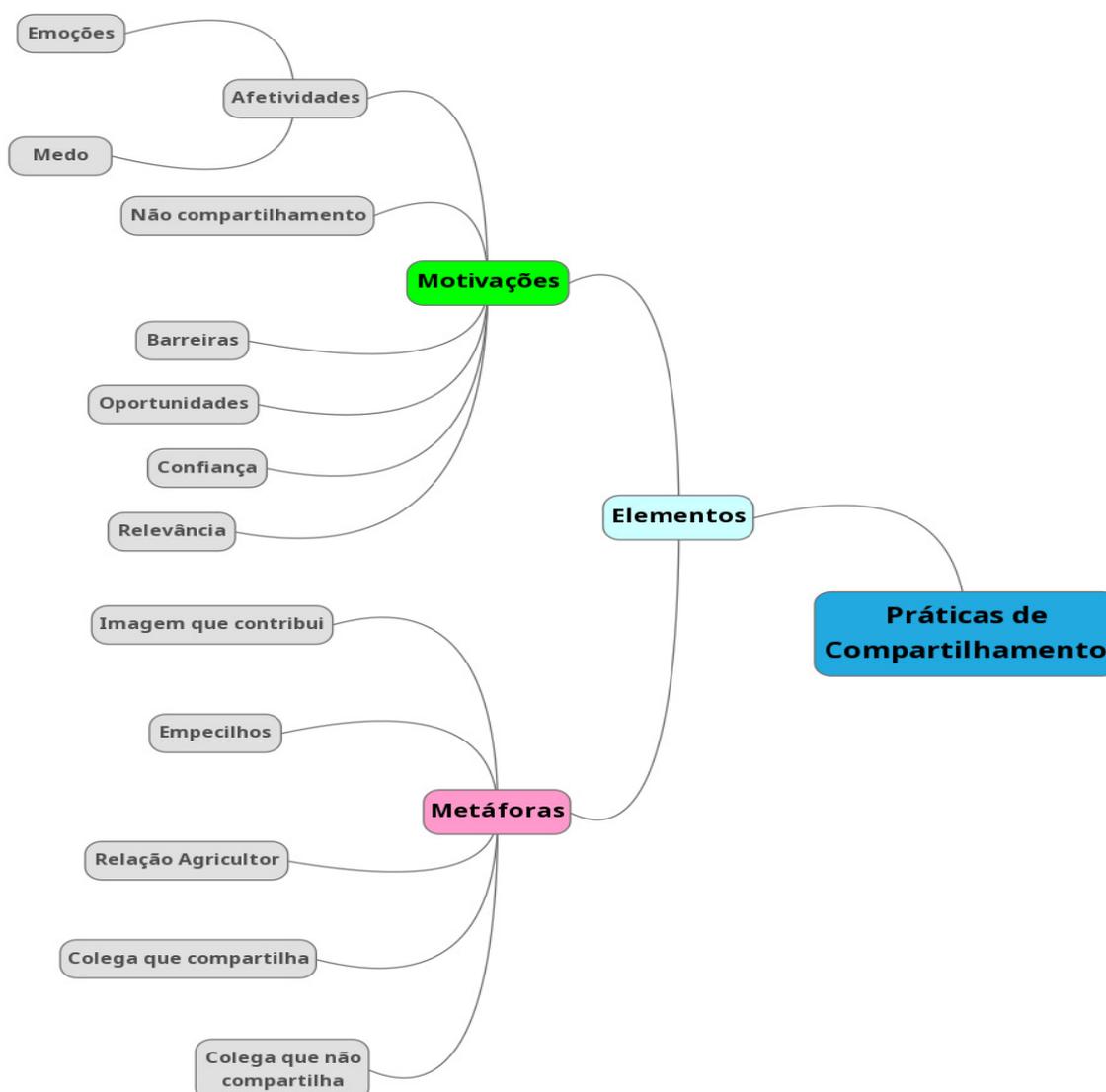
Os diversos sentimentos dos orientandos vão ao encontro dos tipos de relacionamento e dos modos de compartilhamento descritos anteriormente. Se, por um lado, a falta de tempo e o pouco compartilhamento inviabilizam que as teses e dissertações sejam construídas tendo o orientador como guia, por outro, a dedicação e a disponibilidade do orientador em compartilhar seus conhecimentos tornam-se fundamentais para que o orientando o veja como uma fonte segura de informação, uma vez que, nesse último caso, o aluno sabe que pode contar com o orientador para sanar suas dúvidas. Conforme Sá (2015), o compartilhamento de conhecimento entre orientadores e orientandos é permeado por sentimentos, emoções e afetividades, sendo o diálogo o grande propulsor na transmissão de conhecimento durante a formação de pesquisadores.

As relações que entremeiam práticas de compartilhamento de conhecimento no desenvolvimento das pesquisas são motivadas principalmente pela vontade de contribuir com o desenvolvimento científico da CI. Muitas vezes, a falta de incentivo ao compartilhamento, o tempo escasso e a questão interdisciplinar de acolhimento de pesquisadores oriundos de outras áreas do conhecimento, entre outros elementos, são intervenientes que influenciam nessas relações. As representações elucidadas pelos participantes ressaltam que o fato de estarem em uma Escola de CI é um diferencial que os impulsiona no compartilhamento de conhecimento.

### 5.3 Elementos

As práticas de compartilhamento de conhecimento entre os discentes são permeadas por várias situações e emoções. Nessa categoria, será apresentada a percepção dos participantes referente aos elementos, por vezes, implícitos ao dia a dia do compartilhamento e suas implicações na construção das pesquisas. Conforme Rego (2011), os aspectos cognitivos e afetivos são indissociáveis, uma vez que interferem e se inter-relacionam mutuamente nas ações do dia a dia do indivíduo. A Fig. 9 apresenta as subcategorias remetentes à categoria elementos.

Figura 9 – Categoria elementos



Fonte: Elaborada pela autora.

As subcategorias motivações e metáforas evidenciam os meandros das práticas de compartilhamentos entre os discentes. As motivações destacam elementos latentes à construção do conhecimento durante as pesquisas, já as metáforas foram usadas para reiterar, por meio de elementos subjetivos, as percepções dos participantes.

### **5.3.1 Motivações**

O ser humano necessita ser social em seu espaço de convivência na sociedade. Para isso, seu discurso, seus pensamentos precisam ser compartilhados e aceitos dentro do grupo ao qual pertence no seguimento social. As trocas de informações e conhecimentos são elementos-chave para a construção identitária, para a construção do ser social. Nesse sentido, a motivação para compartilhar conhecimentos torna-se inerente aos indivíduos, uma vez que o compartilhamento permite um fortalecimento da própria visão de mundo.

Para Alves e Barbosa (2010), as práticas de compartilhamento de conhecimento são influenciadas, sobretudo, pela motivação pessoal, cultura em que o sujeito está inserido, confiança e reciprocidade. Os participantes ressaltaram a motivação para compartilhar seus conhecimentos como algo recíproco, uma troca que contribui para a evolução do conhecimento.

[...] eu não tenho problema de ajudar, eu gosto de ajudar sabe, o que o que me trava às vezes é que tem colegas que tem aquele comportamento de acomodar né, quando você se oferece demais para ajudar o outro acomoda em cima de você, aí não [...]. Então eu gosto de ajudar, eu gosto de compartilhar porque eu eu quero eu quero ir pra área acadêmica sabe, então eu gosto de ensinar.

Para esse participante, o fato de alguns colegas serem mais expansivos acaba desmotivando um pouco o compartilhamento de conhecimento. Todavia, a motivação presente no ato de partilhar se sobressai entre todos os participantes e os impulsiona a continuar interagindo e colaborando com os demais.

Autores como Wallon (1989) e Rodrigues e Viana (2011) ressaltaram que a afetividade (sentimentos, emoções, espaço físico numa mesma perspectiva) é

externada de diferentes maneiras quando entra em contato com as sensações e vivências da interação social.

Ao compartilhar conhecimentos, os depoentes relatam ter pensamentos frequentes de ajudar os colegas, muitas vezes provocados pela empatia, gratidão e confiança. A intenção professa é de ajudar a reduzir a aflição do outro discente por meio do diálogo e, assim, contribuir para que este evolua. Busca-se ainda criar uma rede de relacionamentos para que o compartilhamento seja incentivado entre eles.

Olha ééé eu tenho a intenção é de criar uma rede de relacionamentos porque são profissionais com os quais eu vou trabalhar lá na frente, mas tenho a intenção também de aprender né, de dividir o que eu aprendi, e de validar se o que eu estou enxergando, se eu realmente to enxergando certo né.

Os participantes destacam que o compartilhamento tem que ser realizado com muita clareza e consciência, uma vez que uma informação errônea pode prejudicar muito o trabalho do outro. Portanto, as trocas têm que objetivar agregar e transformar o conhecimento do colega para o enriquecimento da pesquisa.

Os sentimentos de felicidade e gratidão resumem as trocas entre os colegas; sentem-se aliviados, fortalecidos e empolgados quando compartilham e recebem informações, pois entendem o compartilhamento como um ato de generosidade e humildade.

É bom receber, é bom também dar né, então a mesma a mesma aflição que eu tenho ééé, me lembra a questão de que cada um de nós aqui ele pode ser solução para o problema que o outro tá passando né, então a dificuldade que eu tenho às vezes o outro sabe resolver muito bem e a dificuldade que ele tem eu posso saber resolver. Então quando a gente dialoga a gente encontra saídas. Então esse sentimento de gratidão é o mesmo quando ao receber e ao compartilhar.

O sentimento de aflição foi recorrente em várias falas dos participantes quando não encontraram reciprocidade nos compartilhamentos ou ninguém para ajudá-los. A insegurança se deu em relação ao receio de compartilhar informações de modo que o colega as entenda perfeitamente. Já a preguiça foi citada remetendo ao excesso de informações, por vezes, compartilhadas em grupos de *WhatsApp*.

Os participantes descreveram várias histórias de compartilhamento em que puderam ajudar os colegas a progredirem em suas pesquisas. Os momentos de

compartilhamentos que os deixam felizes são os mais diversos: ajuda antes de qualificar ou defender, auxílio para estruturar projeto para participar de processo de seleção, colaboração para apresentar a pesquisa ao CEP (citado pelos depoentes como COEP), na escrita coletiva de artigos, troca e/ou envio de referências bibliográficas.

Ahhh nossa várias, várias histórias, várias histórias, acabei de vir agora de uma defesa, eu sai encontrei com uma amiga e a gente tava conversando falando justamente sobre metodologia, e ela vai usar próximo do método que a gente vai trabalhar [...], então a gente estava nessa defesa que tem a ver com isso e ela me falou me manda os artigos que você tem lá, você caiu do céu, comentei no vi uns artigos legais que você pode utilizar, [...dados de pesquisa...] ai ela me falou, manda pra mim, muito interessante entendeu.

Outra história em que o depoente se sentiu bem com o compartilhamento e seus desdobramentos foi retratada quando este conseguiu ajudar vários colegas a organizar a pesquisa para envio ao CEP:

Éééé uai sempre éééé às vezes as pessoas me pedem informação exemploooo sobre o COEP eu o orientei a [colega], eu fui atrás da informação do COEP para minha pesquisa e de repente muitas pessoas indicaram nó a [fulana] já entrou no COEP então pede informação para ela, ela vai te passar e eu passei essa informação para [ela], passei essa informação para uma outra colega [...] que já estava assim na hora de fazer e eu assim passei essa informação assim bem tem pontual para ela que ela não podia perder tempo e ela graças a Deus ela conseguiu seguir as orientações e entrar bem rápido no COEP e receber o resultado rápido também e eu fiquei super satisfeita ela me deu resultado depois fiquei super satisfeita porque eu quebrei um pouco de cabeça antes, na hora que eu passei para ela já passei assim bem mais assim como os meandros né para ela para facilitar para ela e ela conseguiu e foi super bacana, com certeza ela já passou por outras pessoas né que ela tem.

Esse mesmo depoente contou a história de um momento em que não se sentiu bem, quando buscou ajuda sobre os procedimentos para enviar o projeto ao CEP e não obteve auxílio:

Ééé, assim essa questão do COEP eu fui atrás né, [...] de uma professora porque o meu orientador também não tinha muita noção, então eu não tinha, eu não conhecia ninguém no [programa] com orientação no COEP para poder me passar, e eu não tive, então assim eu tive que buscar né.

Outro depoente lembrou a arrogância de um colega que fez considerações sobre a parte teórica de sua pesquisa e que ofendeu o depoente pela

maneira como o fez; na mesma linha, outro ressaltou: “Eu me senti triste porque uma pessoa que gosta tanto de passar o que eu posso ajudar e porque que o outro está tão assim... como é que eu vou falar, tão éééé... não digo medo, mas egoísta comigo [...]”.

Outra história em que o depoente não se sentiu bem pela falta de compartilhamento é relatada a seguir: “Algumas vezes com meu orientador que eu tinha uma expectativa X (xis) de compartilhamento da informação ou de artigos ou mesmo revisão dos meus textos e não ocorreu.”

O sentimento de tristeza é presente nas falas dos participantes quando relembram histórias que não os fizeram bem, como o não compartilhamento de evento da área, a falta de diálogo em trabalhos em grupo, a arrogância e o ego de colegas que se consideram em um patamar mais elevado na pesquisa.

No que se refere aos medos que os participantes sentem no decorrer dos anos de dedicação à pós-graduação, pode-se dizer que o tempo é o mais temeroso para a maioria. Mira y López (1982) ressaltou que o medo é resultante daquilo que o sujeito imagina que acontecerá e pode desencadear ações de fuga e renúncia, devido ao temor de um sofrimento. A Fig. 10 mostra os diversos medos sentidos no decorrer das pesquisas.

Figura 10 – Medos dos discentes na pós-graduação



Fonte: Elaborada pela autora.

A orientação é vista como algo que amedronta, uma vez que o discente depende do orientador para o desenvolvimento de sua pesquisa. Um participante havia ressaltado, anteriormente, ótimo contato com o orientador, mas, ainda assim, a orientação o intimida.

O caminho da pesquisa é desconhecido, principalmente para os alunos de mestrado, fato que suscita insegurança durante os anos da pós-graduação. O prazo para conclusão é outro fator que causa inquietação, uma vez que o ato de pesquisar não é linear, cada discente progride em modos e ritmos diferentes. A seguir, o participante destaca esse caminho e o que o amedronta:

Nosssa!!! Maior medo... Olha... Quando a gente começa uma pesquisa a gente ééé a gente abre a mente pra muitas técnicas que são feitas pra atingir aquele objetivo, e a gente precisa escolher um caminho para seguir né. Eu tenho uma visão desse caminho, então acho que é insegurança que nos dá é Nossa! Será que essa visão vai dar certo no final né que eu acho que também é um erro a gente pensar assim né. Tem uma frase aí que a gente ouve na vida né que o importante não é chegar no final, o importante é o caminho, mas como a gente tá aqui a gente tem um prazo né que a gente tem esse tempo esse cronograma apertado na nossa cabeça, não tem [...]. A minha angústia é sobre o tempo, acho que é a maior angústia né. É sobre o tempo, é sobre equacionar as atividades que eu preciso fazer dentro do tempo, que a gente acha que é um tempo confortável e não é, porque a gente leva, nós precisamos de tempo né até para o conhecimento fazer sentido para nós né, a gente ta vendo tantas coisas, então você precisa parar de repente né, pra trazer um sentido dessas leituras.

A angústia é outro sentimento desencadeado durante a pesquisa, podendo ser acentuada pelo temor a rejeição. O medo da rejeição em relação ao tema de pesquisa é lembrado pelos participantes como algo relevante, uma vez que a necessidade da aceitação pelos colegas está intrínseca ao caminho da pós-graduação.

Para superar esses sentimentos que os amedrontam, os participantes afirmaram que acreditar na pesquisa é fundamental. Além disso, a necessidade de dar uma resposta para a sociedade e o papel transformador da ciência os motiva a ir até as últimas instâncias necessárias para concluírem suas pesquisas e superarem seus medos.

Um participante disse que para superar o medo “[...] é não ter o medo de encarar o medo”. Outros destacaram que estudar muito, dedicar e buscar

informações que sanem suas dúvidas são as defesas que têm para vencerem seus medos.

Consultar pesquisas de um tanto de gente (risos) eu saí procurando um tanto de gente que tinham usado uma metodologia parecida com a minha eee que poderia me ajudar a construir essa minha metodologia, [...] então eu saí procurando quem pudesse me dar um suporte pra que eu pudesse aplicar na minha pesquisa. Todas essas pessoas colegas de pós que já tinham defendido né, e que são assim veteranas né, [...]. Eu conversei com elas sobre essa questão da metodologia como elas tinham feito para eu buscar uma ajuda ali.

Ouvir os colegas, consultar pesquisas, pesquisadores e o próprio orientador, participar de eventos os ajuda a terem segurança para superar os obstáculos que podem intervir no desenvolvimento de suas pesquisas.

[...] um contato efetivo com o orientador, eu acho que isso assim é algo muito importante, porque querendo ou não o orientador é uma pessoa queeee já tem uma experiência, já tem uma carga né, uma experiência com processos de pesquisa então ele te norteia em muitas vezes que você, que a gente ta perdido, então o aluno tem que ser humilde também pra praaa chegar para o orientador e falar que ta perdido em algumas coisas né e agente fica perdido mesmo, [...]. Então eu acho que as duas maiores ferramentas é o orientador eu acho que ele é um mediador e algo que te norteia, uma bússola digamos eee você tratar, você encarar o mestrado com algo, queeee um trabalho, um labor.

Outro participante disse que recorreu à meditação, já que tem a mente muito agitada, e isso o ajudou a superar as intercorrências que acontecem durante a pesquisa. Para outros participantes, a disciplina e os encontros com o orientador são indispensáveis durante os anos da pós-graduação.

Em relação à confiança quanto às trocas de conhecimentos, cinco participantes confiam na informação recebida, cinco participantes confiam em parte e dois participantes não confiam nas informações que os colegas compartilham. Eles veem sempre a necessidade de checar as informações, mesmo que as tenham recebido de colegas com que têm muita proximidade. Os que citam não confiar ressaltaram que há, por vezes, maledicências em algumas informações.

Quando perguntados se haveria motivos que os faziam não compartilhar seus conhecimentos, onze participantes disseram que sim e um participante disse não haver motivos que o fizesse não partilhar suas experiências e seus pensamentos.

Entre as razões que não os fazem compartilhar seus conhecimentos, estão o medo de compartilhar algo que não contribua para a pesquisa do outro, não gostar do colega, falta de contato, a insegurança em relação ao plágio, e que o colega usufrua de uma informação que ainda não esteja publicada. Além dessas,

[...] porque ainda no mundo rege esse princípio de competitividade querendo ou não, você como sujeito, estudante doutorando, também no mercado laboral talvez a gente somos concorrentes, a gente somos colegas na instituição, mas também existe ainda porque a gente está inserido ainda né numa sociedade de produção né, numa sociedade capitalista, numa sociedade de produção capitalista, e aí dentro dela tem essa lógica de competitividade, depende né, depende do nível de informação mas eu acho que já passei isso, alguém me perguntando alguma coisa né, e eu acho que minha resposta vai exteriorizar alguma coisa que que é informação chave, uma informação sensível quanto à metodologia de outras instituições que já representei eu falo que não sei, talvez eu não respondo, mas são mínimas, não são muitas vezes.

[...] o comportamento de muita arrogância porque ele soa pra mim como uma competitividade muito alta e existe mesmo né porque todo mundo tá se formando aqui para ir pra área acadêmica ou pra ir para o mercado todos os dois tão competitivos dentro especialmente no momento que nós estamos vivendo o país. Então é isso, é complicado quando eu vejo um perfil que é extremamente competitivo [...]

Quando os discentes entendem que as informações que possuem são estratégicas e que podem aguçar a competitividade e aumentar a concorrência, tanto no meio acadêmico, quanto no mercado, eles não as compartilham, uma vez que têm medo que o colega “roube” aquelas informações.

O participante que disse não haver motivos que o faça não compartilhar seus conhecimentos ressalta que se sente bem ao compartilhar suas informações e ajudar os outros colegas.

Para os doze participantes, as situações, ainda que hipotéticas, que não os fariam compartilhar seus conhecimentos perpassam pelo relacionamento pessoal, como a falta de maturidade, questões culturais; além dessas, quatro participantes relataram situações em que o colega tem um ego muito elevado e por isso não compartilham. Há ainda situações em que os discentes preferem não publicizar, como, por exemplo, a divulgação de concursos em que irão concorrer e os dados de suas pesquisas.

[...] vai ter concurso pra professor aí só tem uma vaga, até que ponto é interessante eu ficar mandando pra todos meus contatos para eles se

inscreverem, o fato de eu motivar muitas pessoas, ai vai ter um monte de concorrente, ai chega na hora da entrevista e vai que eles gostam mais de um concorrente.

[...] meu orientador me orientou dessa forma, não fale seus resultados dentro de sala de aula porque talvez, não sei, pode ser que alguém pense alguma coisa parecida e alguém publica alguma coisa e etc.

Um depoente que já teve um trabalho roubado quando cursava a graduação em outra instituição disse que tem medo de compartilhar algumas informações de sua pesquisa e estas serem utilizadas sem dar o devido crédito. Outro depoente relatou que passou por uma situação em que precisou muito de um colega e ele não lhe ajudou; um tempo depois, esse mesmo colega precisou do depoente, que agiu do mesmo modo. Os depoentes relataram outras situações em que sobressaíram o ego e o egoísmo, o que inviabiliza o compartilhamento e, até mesmo, qualquer tipo de diálogo.

Para a maioria dos participantes, o não compartilhamento se deve ao medo de terem suas ideias roubadas, do plágio, além de terem uma visão do colega como concorrente.

A competitividade fala mais alto, infelizmente. Competitividade, a gente tá trabalhando com temas de ponta, então quem enxergar primeiro, quem fizer uma pesquisa de valor primeiro, terá então o nome né, tem referência, então em nome disso eu sinto claramente que tem muitas pessoas que não compartilham por isso, sabe.

[...] Além de competição seria um pouco ego também de querer ter mais, infelizmente essa cultura do lattes ela, elaaa acaba acontecendo muito isso né, de que você tem que ter o lattes maior do que do colega, então vou incrementar meu lattes, vou publicar não sei quantos, então eu acho que pode acontecer isso sim de ser um egoísmo, uma vaidade.

O ego e a competição, ainda que velada, aparecem constantemente nas falas dos participantes, demonstrando serem os grandes propulsores para o não compartilhamento entre os discentes. Eles descreveram vários fatores que dificultam o compartilhamento, dentre eles, a bagagem cultural e social dos pós-graduandos:

Então tem toda essa carga social, tem toda uma carga interna que eu acho que o programa às vezes nos coloca muito assim como concorrentes uns dos outros isso é muito ruim, até com os próprios professores a gente percebe isso né, até com os dois próprios programas tem essa disputa sim, não sejamos ingênuos, mas eu vejo que há uma tentativa de melhoria também nesse lugar porque nossa senhora, antigamente você não podia falar, o



A sala de aula é vista também como um dos lugares mais oportunos para o compartilhamento do conhecimento, assim como a sala de pós-graduação, eventos acadêmicos, grupos de pesquisa e *networking*. Para os participantes, é na sala de aula o momento em que a interdisciplinaridade é mais afluída, quando bem mediada pelo professor; já na sala de pós-graduação, o compartilhamento de conhecimentos acontece de forma mais espontânea.

Os participantes salientaram que compartilhar conhecimentos é de suma importância para o desenvolvimento das pesquisas de mestrado e doutorado. É impossível fazer pesquisa sem que haja o compartilhamento, mas é necessário ir além do compartilhamento com colegas e professores e compartilhar com a universidade e também com o mercado. A experiência interdisciplinar, a bagagem cultural de cada um é essencial para a construção do conhecimento acadêmico e pessoal durante a pós-graduação.

### **5.3.2 Metáforas**

A partir da perspectiva proposta de busca por alternativas de acesso à subjetividade preconizada pela ACI, optou-se pela utilização das metáforas e o seu posterior escrutínio, a partir de um olhar clínico que buscou cruzar os comentários espontaneamente produzidos pelos entrevistados – a partir das metáforas solicitadas –, com registros e representações culturais do imaginário registradas em obras clássicas dos estudos sobre conteúdos imagéticos genericamente conhecidos como dicionários de símbolos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015; CIRLOT, 2005). Eventualmente, utilizaram-se, quando necessário e como fontes complementares, outros materiais de apoio. Ressalta-se que esse cruzamento e busca por correspondências não buscou uma interpretação definitiva dos sentidos das metáforas produzidas, mas uma tentativa de amplificação do seu sentido possível para os entrevistados e, conseqüentemente, da ampliação da compreensão do sentido que as experiências vividas e narradas pudessem ter para eles. Considerou-se, neste trabalho, que os sujeitos da pesquisa pudessem recorrer a significados culturalmente partilhados para expressar componentes da sua subjetividade.

Com base nos recursos imagéticos, os participantes produziram várias imagens sobre as práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação.

A sensibilização dos depoentes, ao usarem a expressão criativa, produziu imagens que demonstram o olhar deles sobre todo o contexto da pós-graduação.

Ao serem solicitados para comparar o compartilhamento de conhecimento dos seus colegas com uma plantação e descrever em que momento do cultivo ela se encontra, os depoentes imergiram na imaginação e revelaram valiosos aspectos sobre a partilha de conhecimentos.

O preparo da terra foi citado por um participante como o momento de sua plantação. Para ele, os colegas o ajudam no preparo da terra por meio dos compartilhamentos, de modo que, se bem preparada, irá frutificar. A terra, segundo Chevalier e Gheerbrant (2015), é símbolo de fertilidade e regeneração, a qual fecunda e dá “a luz” aos alimentos e depois os recebe novamente para, de novo, germinar. Nesse sentido, o preparo da terra comparado ao compartilhamento pode-se aludir ao germe que se desenvolverá por meio da colaboração dos colegas em suas partilhas e, assim, crescer e frutificar. Há ainda a regeneração que remete a novos ciclos de aprendizados na vida do pesquisador, mesmo para os doutorandos; ao término da pesquisa, outros trabalhos surgirão nesse ciclo de ajuda, crescimento, fruto e renovação.

A semeadura da terra foi escolhida por quatro participantes como o melhor descritor para o momento de compartilhamento entre os colegas, sendo a partilha uma troca de sementes: “Ahh eu acho que é mais na questão de estar semeando né, porque no geral assim as pessoas compartilham. Tipo assim das pessoas acharem alguma coisa e te passar como se fosse uma sementinha.”

Desses quatro participantes, dois veem a terra como os programas de pós-graduação, na qual estudantes/agricultores semeiam por meio de suas pesquisas. Algumas sementes/assuntos podem ser trocadas(os) entre os agricultores, a fim de serem preparadas(os) para frutificar.

Olha ééé, eu olhooo, bom eu enxergo assim que preparo inicial da terra ele foi feito pelo próprio programa né, que se abriu pra que a gente pudesse chegar aqui, mas eles fizeram, eles pegaram aquele terreno pedregoso mesmo né, trazendo até a questão da briga toda e quebram esse terreno, quer dizer eles quebraram as primeiras pedras. Com a chegada dos alunos nós também passamos a fazer parte né, nossos somos uns os funcionários desses agricultores maiores ai cuidando desse mesmo terreno, a gente continua cuidando desse mesmo terreno, acho que a interação entre a gente elaaa, ela permeia tudo isso, elaa, ééé eu acho que ela ainda é pequena, mas ela acontece quando a gente vai descobrir as sementes que

a gente tem pra jogar nesse terreno né. Cada pesquisa eu vejo, cada pesquisa é uma semente que pode fazer esse terreno florescer né, então cada um tá jogando sua semente, mas eu posso olhar pro lado e ver que, olha eu tenho o adubo aqui ó que pode fazer sua semente florescer. O outro também tem. Então nós todos somos de certa forma agricultores né, então o que nós estamos fazendo aqui é preparando o terreno para os próximos que virão pra essa pesquisa crescer, pra esse terreno crescer, entre os alunos está na adubação mas não só nela, porque as vezes eu to no trato da minha semente, que é minha pesquisa, e descubro que tem uma semente ali que não é minha, então levar aquela semente pra o outro é um compartilhamento, então a gente tá também na troca de sementes né que a gente recebe essa semente do agricultor, mas que são os professores, dão aquele pacote pra todo mundo. Então está meio do plantio com as sementes e a adubação.

Acho que tá nesse momento atual na semeadura porque a gente acha que já começou, já fez bastante trabalhos de preparar a terra e agora a gente tá semeando essa terra e algumas pessoas já estão colhendo esses frutos. Então assim eu acho que tá entre a semeadura e a colheita tá começando acontecer aí junto e é várias pessoas aí trabalhando junto, então eu vejo vários agricultores juntos semeando aquela terra para poder dar o fruto e principalmente compartilhar esse fruto na hora que tiver né, na hora da colheita. (Pesquisadora) Você pensou nisso fazendo analogia em que momento da pesquisa? No momento do primeiro artigo que foi a base da pesquisa que eu precisei escrever e tinham várias pessoas ao meu redor escrevendo comigo até 11 horas da noite, me ajudando a pensar na estrutura desses temas que eu não era muito familiarizado. E agora já vejo os frutos a defesa e até mesmo uns artigos que eu escrevi por agora eu vejo que são frutos, começam, alguns são frutos e outros vão, estou acabando de semear ali e vão dar daqui a um mês.

Outro participante pensa que nesse processo de semear nem sempre as sementes estão sendo lançadas devidamente, de maneira que o compartilhamento está como uma terra improdutivo, na qual não há crescimento.

Semear, semear com certeza. Eu acho que semear no caso é você lançar sementes e eu acho que o compartilhamento é isso. Ele não te dá nada pronto, o compartilhamento ele vai te lançar ideias, ele vai promover alguma coisa. (Pesquisadora) Então você acha que, no geral, seus colegas de pós lançam muitas sementes? No geral não, no geral seria um momento que não tem nada, de terra improdutivo, porque no geral o pessoal tá bemmmmm, bem fechado mesmo. Não estaria nem arando a terra. Mas com o pessoal que eu tive oportunidade de compartilhar aí semeando sim, porque é essa coisa de lançar ideias, não tem nada pronto, eles dão a sementinha, mas no geral eu não vejo acontecer, eu vejo que em grupos talvez aconteça, da mesma forma que eu tenho meu grupo, devem existir outros pequenos grupos que as pessoas compartilham, mas no compartilhamento geral ele não está acontecendo, a terra está parada, tá gritando pelo amor de Deus vem cá fazer alguma coisa nesta terra que está parada.

A semente, para Cirlot (2005), é símbolo de força incubada, que traz esperança e, ainda que oculta quando plantada, em seguida, faz emanar de si o

crescimento. Sinal de fertilidade, a semente, quando comparada ao compartilhamento de conhecimento entre os discentes em suas plantações e ao desenvolvimento deles durante suas pesquisas, carrega consigo todo o simbolismo do quanto o conhecimento compartilhado irá fecundar e fazer nascer novas ideias. Os programas de pós-graduação poderiam ser vistos, em extensão a essas associações, como grandes campos com diversos tipos de cultivos, em que os agricultores/alunos semeiam, trocam sementes, tudo isso sob a orientação de quem tem experiência no tipo de plantio, os agricultores experientes/professores/orientadores.

A metáfora da adubação, segundo as associações anteriores, é tomada como a aplicação de fertilizantes que contribuirão com nutrientes para o crescimento das plantas e, assim, melhorar a produção final. O compartilhamento de conhecimentos, a partir desse raciocínio, funcionaria como uma metáfora para os fertilizantes que atuam ajudando as sementes em seu crescimento, no desenvolvimento das teses, dissertações, artigos, capítulos de livros, entre outras produções.

O não compartilhamento de conhecimento é simbolizado pela terra improdutiva, a qual nada produz. Ela possui potencial para produção, porém não esteja sendo usada de forma correta. Segundo Araújo (1999), a função social da terra consiste em atender ao bem-estar da comunidade. Nesse sentido, o compartilhamento de conhecimento nos programas de pós-graduação deve ir para além de pequenos feudos, a fim de contemplar o coletivo de maneira mais abrangente. O incentivo à socialização do conhecimento entre os discentes irá contribuir na construção das pesquisas por meio de perspectivas de outros colegas.

A germinação é citada por um participante como o momento em que o colega compartilha um conhecimento e ele começa a germinar novas ideias, que irão crescer, e o discente as usará e agregará no desenvolvimento de sua pesquisa.

[...] sendo um compartilhamento que vai fazer diferença na minha pesquisa, a partir daqui já consigo aflorar o meu conhecimento, a minha pesquisa, meus estudos. Então acho que é o que é constante crescimento. Ali jogou a sementinha, te dei a informação aí começa a germinar, aflorar, eu peguei aquilo que você compartilhou comigo de alguma maneira vou utilizar na minha pesquisa no meu conhecimento vai agregar de alguma maneira e isso vai crescendo, vai ramificar ne.

A germinação é o processo que se desenrola a partir do momento em que a semente encontra condições favoráveis para o crescimento, ou seja, encontra um solo que foi devidamente preparado, adubado, irrigado. Assim, o compartilhamento de conhecimento entre os discentes requer um processo de construção que deve ser estimulado pelos programas, a fim de que a germinação de ideias auxilie os discentes no desenvolvimento de suas pesquisas.

Outro participante disse não estar conseguindo produzir, uma vez que sua terra está com um solo envelhecido e, por isso, necessita recorrer à indústria de fertilizantes.

Ééé como eu disse no início e depois eu me políciei porque acho q faz parte do processo de entrevista que com o passar a gente vai ficando mais desavergonhado, mais a vontade e você vai acabando falando mais a sinceridade. Então, no início eu disse que a interação era ótima e depois caiu pra boa, então vamos fechar assim em boa, anota aí que é boa, não é ótima, poderia ser melhor. Então ela é boa, se a gente trazer para o contexto ilustrativo que você colocou do agricultor eu acho que eu me veria um agricultor que não tá conseguindo produzir na sua terra porque a sua terra tá muito um solo envelhecido, e aí ele precisava recorrer a indústria para comprar produtos químicos, adubos, adubos pra colocar o adubo no solo e o solo poder produzir frutos mais saudáveis. Então ele está precisando tomar iniciativas, gastar dinheiro e fazer o solo produzir melhor. Eu acho que no caso o agricultor seria eu, e o solo não está produzindo, o compartilhamento não está bom, o ideal é o compartilhamento estar excelente não é, porque compartilhamento é fundamental, ele não está excelente, ele está bom, não está nem ótimo, então de excelente pra ótimo e caiu pro bom, então a gente precisa subir dois degraus, aí eu como agricultor, como pesquisador, eu não toooo, a minha pesquisa está ficando muito fraquinha, aquele pé de planta fraquinho, aí eu vou recorrer às indústrias, porque eu como agricultor eu vou ter fé na minha plantação, eu não vou desistir, o agricultor é assim ele vai produzir, e o pesquisador pensa eu vou defender, eu preciso de defender. E aí pra quem que eu vou recorrer ao programa, e o programa vai ter estratégias para fazer a gente compartilhar mais conhecimentos e a pesquisa vigorar, um colega ajudar o outro. A indústria é o programa a quem eu o agricultor/pesquisador vou recorrer.

O solo envelhecido pode remeter tanto a idade cronológica, quanto à quantidade de intempéries pelas quais o terreno já passou (GUEDES, 2009). A degradação causada pelos intemperismos do solo envelhecido é evidenciada na fala do depoente quando ele muda sua opinião, ao longo da entrevista, sobre como são as práticas de compartilhamento com os colegas. A reflexão provocada nele o leva a sentir a necessidade de que novos artefatos sejam criados pela indústria/programa para que o agricultor consiga, por meio de adubos/nutrientes/compartilhamento,

produzir frutos saudáveis, ou seja, progredir em sua pesquisa com a contribuição de seus colegas.

Um participante ressaltou que estaria no meio do cultivo, em um momento de poda, uma vez que encontrou agricultores/colegas que o ajudaram a estruturar sua pesquisa e o “impediram de alastrar muito”. A poda das plantas contribui para um crescimento vigoroso, pois, ao eliminar os galhos/assuntos em excesso, o discente conseguiu estreitar e moldar melhor sua pesquisa. A colaboração dos colegas fica evidenciada como substancial para o desenvolvimento da pesquisa do discente.

Para outro depoente, os colegas são adubos que ajudam a semeadura e o nascimento de uma planta, até mesmo em um solo desértico. Ao mesmo tempo, pondera que, às vezes, o colega pode ser como veneno também, mas o agricultor tem livre-arbítrio para aceitar ou recusar o adubo.

Éé são muitas coisas né, me remonta, me traz na lembrança um pouco essa dureza, essa aridez da terra, porque produzir conhecimento é isso. É usar da enxada que às vezes não consegue quebrar a terra dura, o piso, então você precisa de outros elementos. E às vezes nessa terra dura quase que infértil né ou deserto, desértica né, esse compartilhamento surge como um adubo, vem previamente para ajudar, para facilitar tanto a semeadura quanto o nascimento dessa planta. Quando eles querem ser adubos eles conseguem ser muito bons, às vezes eles podem ser como veneno também, aquele agrotóxico pernicioso em alguns momentos então é ter a medida, mas o mais legal é que cabe ao agricultor selecionar o que ele vai usar, acho que a grande questão é a liberdade de escolha que se tem, mesmo sendo compartilhado não significa que eu vou utilizar, que eu sou obrigado a utilizar, então é uma escolha pessoal, que eu acho que esse é o grande ganho da pesquisa, ao final de tudo é uma escolha pessoal.

O deserto é conhecido por ter um solo pouco fértil. Ao se comparar ao solo desértico, o depoente remete à ideia da baixa produção ou inanição da pesquisa, porém o adubo/compartilhamento é capaz de tirá-lo dessa inércia e favorecer o crescimento de novas ideias. O adubo/nutriente auxilia no crescimento e desenvolvimento, já o veneno/agrotóxico tem, paralelamente, a capacidade de proteger contra ataques de pragas, mas de prejudicar, desestabilizar e até mesmo destruir a plantação. Estes, porém, reforça a fala, são de uso opcional por parte dos agricultores/discentes.

A fase de crescimento da plantação é descrita por um participante quando enfatizou que seu contato com os colegas é mais frequente. Ele destacou que

passou pelos processos de arar a terra e da semeadura e estava muito próximo da colheita.

O momento de irrigar é citado por outro participante como fator que faz com que a planta cresça saudável:

[...] Ahh eu acho que é uma plantinha ali ele aguardo sabe, ela ta mediana. Porque eu acho que muita coisa foi construída, é um programa de uma qualidade excepcional, eu não tenho dúvidas, e quando eu falo disso eu não falo dessa questão de ficar, porque fulano publica muito e ciclano faz não sei o quê, a qualidade ali dentro de quem está ali é muito boa, assim como a qualidade das aulas, das pessoas, da troca é muito boa. Só que eu acho que tem que ser feito tem que ser desenvolvido mais coisas entendeu, entre os colegas, entre os próprios professores e os alunos, entre os professores, entre eles. É uma plantinha que ta começando a crescer assim verdinha.

A irrigação, conforme Braga e Calgaro (2010), visa a oferecer água às plantas, a fim de que estas cresçam e produzam de maneira adequada. O participante ressalta também o crescimento/desenvolvimento da plantação, evidenciando como a relação entre os discentes evoluiu e está em constante progresso. Ela pode se aperfeiçoar a partir do incentivo à interação, principalmente na fase da pesquisa de campo, ressaltada pelos discentes como momento em que podem ter menos encontros com os colegas.

O período do amadurecimento é analisado por outro participante como analogia ao compartilhamento com os colegas. Ele enfatiza que a ECI e o programa de pós-graduação é um excelente húmus, que propicia um bom cultivo. O amadurecimento indica que a plantação passou por várias transformações, sendo assim afirma que o compartilhamento entre os discentes está produzindo frutos, parcerias e colaborações.

Ao se referirem ao compartilhamento de conhecimento entre discentes como uma plantação, os sujeitos criaram uma variedade de imagens que representam além das práticas de compartilhamento entre eles, as formas como veem o compartilhamento nos programas de pós-graduação como um todo. As analogias descritas foram ao encontro das formas como os discentes retrataram a interação entre eles. Demonstra a importância do compartilhamento para o desenvolvimento de teses e dissertações, assim como evidencia que as práticas de compartilhamento devem ser mais estimuladas pelos programas de pós-graduação.

A contribuição dos colegas na construção das pesquisas por meio do compartilhamento do conhecimento foi suscitada quando os depoentes foram solicitados a escolher uma imagem que evidencie essa experiência de partilha que o auxilia no desenvolvimento de seus conhecimentos.

Entre os depoentes, três escolheram imagens que remetem à contribuição dos colegas para a construção de suas pesquisas como algo recíproco, no qual ele recebe a ajuda, mas colabora com o outro.

[...] A imagem que eu pensaria para construção ne, de como eu construí minha pesquisa. Eu vou te falar que uma imagem de um trânsito de trânsito, de um trânsito pesado porque como eu te falei a pesquisa é uma tensão em si né, você vai ter que chegar a um resultado, você tem que prestar umaaaa, umaaa, você tem que dar uma resposta né para sociedade, para academia. E aí a questão do compartilhamento você pensa que é umaaa, aí eu penso assim uma via de Mão Dupla por isso que eu pensei agora na nana Avenida né no trânsito vai volta e de repente vira pra direita, vira pra esquerda, as vezes está um caos mas às vezes você acha um caminho alguém que te guie, então seria isso a imagem de um trânsito mesmo. [...]

Pessoas de mão dadas né porque é uma via de mão dupla.

Eu colocariiaaaa, pode desenhar? Eu acho que a imagem seriaaaa eu, aí eu faria uma setinha, uma outra pessoa, essa setinha volta dessa pessoa pra mim dizendo eu posso contribuir pra ela e ela pra mim, vai e volta, recíporoco sem ficar fechado, e a gente pode criar uma terceira imagem também como um livro pra dizer que fundamental o papel da gente acessar biblioteca, ler, acessar revista, fazer pesquisa, então faria uma setinha volta pro livro e do livro pra mim e pra pessoa também e lá em cima um desenho mais institucional, tipo, ou da escola ou da biblioteca pra dizer o seguinte que a gente está vinculado a um programa e que a gente precisa deles também para tomar decisões, então que eles tem que ajudar, eles tem funções também para minha pesquisa ser de qualidade, porque pra ela ser de qualidade os envolvidos são eu, os colegas, as unidades de informação (livro) e a figura da instituição pra dizer que eu preciso do apoio dela, de seus gestores. Esse contexto contribui para uma construção de qualidade para minha pesquisa aliando colegas e instituições, inclusive as de fomento que dão recurso pra gente trabalhar.

O homem (pessoa) evocado no imaginário dos participantes, para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 495), simboliza “centro e princípio de unidade”, sendo sua relação com mundo e o mundo com o homem de reciprocidade. A via de mão dupla, conforme visto em Chevalier e Gheerbrant (2015), remete ao simbolismo do número “Dois”: dualismo, esforço, progresso, reciprocidade, complementar e fecunda. Ainda conforme Chevalier e Gheerbrant (2015), as mãos remetem ao conhecimento e à linguagem – andar com as mãos dadas é entregar-se, confiar no outro, entregar à sua liberdade. De acordo com Cirlot (2012, p. 370), a mão remete a

uma “ação clarividente”; já as mãos unidas apontam para a simbolização de um casamento místico, uma divinização da relação. Psicologicamente, um *coniunctio* ou um *Complexio oppositorum* (opostos incorporados), uma união de opostos e o nascimento de algo novo, o surgimento de novas possibilidades (JUNG, 2011).

Ao comparar o compartilhamento de conhecimento às pessoas de mãos dadas, o autor da metáfora parece indicar a direção da confiança no outro que compartilha, mas para a confiança em si mesmo ao compartilhar, uma relação de reciprocidade, remetendo à clareza que o outro traz e à união de ideias – ou seja, reproduzindo a *coniunctio* ou o *Complexio oppositorum* sob a forma da admiração pelo outro ou pela “divinização” do outro, que compartilha o que sabe; compartilhamento que irá complementar suas ideias e fecundar sua pesquisa.

A leitura é explicitada a fim de indicar que irá fundamentar o conhecimento a ser compartilhado, e o programa diz respeito ao apoio e incentivo às práticas de compartilhamento de conhecimento. Aprofundando um pouco mais, o livro remete muito além da sabedoria, mas, sobretudo, simboliza o universo (que revela e manifesta em seus arquétipos os muitos porquês). Os romanos buscavam nos livros sibílicos respostas divinas para suas inquietações (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015).

Para três participantes, a imagem que simboliza a contribuição por meio do compartilhamento de conhecimento remete à criação de uma rede de contatos que propicia várias pessoas se conectarem, buscarem e trocarem informações.

Olha ééé é com seee eu poderia trazer a imagem de ummm... de uma pessoa olhando um mapa de outras pessoas, é como se ela olhasse a distância assim com uma lupa na mão, ta olhando aquele mapa, o mapa do mundo, mas ele vê as pessoas que têm os conhecimentos que ele precisa casar pra construir aqueleeee, aquelaaa aquela peça do nova do quebra cabeça que ele vai trazer. [...]. Então a visão do mapa com a lupa que eu tenho e que monta uma rede né com essas pessoas, essas pessoas que agregam esse conhecimento elas tem uma rede, elas podem até não ver, mas elas tem uma rede que interliga né. Então o olhar com lupa é descobrir aonde está a rede de conexão porque ela existe né.

Um computador, porque é onde que eu minero todos os dados que eu preciso, todas as informações que eu preciso, todos os artigos que eu preciso, faço minhas pesquisas, algoritmos de palavras-chave.

Eu pensaria no vídeo do computador e dele saindo um arco-íris, essa seria a minha imagem. Porque na verdade eu entendo que na medida que você utiliza esse lugar da academia, as técnicas, os processos, os procedimentos, a própria metodologia, ela não fica só restrita naquele lugar, mas ela avança

né, ela ganha mundo, então é essa a imagem. [...] Imagina esse computador e do lado tem aquelas folhas, aquela base, aquela matéria prima que você tem sempre ao lado, uma base seria isso.

O mapa remete ao conhecimento e à representação de um espaço e seus inúmeros fenômenos, representa as características dos diferentes lugares e, assim, possibilita visualizar a ocupação de um espaço na superfície terrestre (OLIVEIRA, 2006). Já a lupa é um objeto que tem a característica de ampliar, sendo possível visualizar os detalhes com mais clareza, para isso precisa certa distância de seu alvo; ela está relacionada também à espionagem (MICHAELIS, 2020). É possível inferir que o mundo o qual o depoente descreve são os programas de pós-graduação, o ambiente da escola como um ambiente de troca, porém cabe olhar de cima, por meio da lupa, aludindo a um distanciamento da rede, como se ele se aproximasse apenas nos momentos em que precisa buscar a peça nova para seu quebra cabeça/pesquisa.

O computador tem a capacidade de receber, armazenar, processar e disseminar grande quantidade de informação (MICHAELIS, 2020). Ao associar o computador ao compartilhamento de conhecimento que contribui com o desenvolvimento de sua pesquisa, ele faz menção à capacidade cognitiva do ser humano e à confiança nos colegas como importantes fontes.

O arco-íris simboliza caminho e mediação entre terra e céu, lugar de passagem, transferências de atributos, “[...] anunciador de felizes acontecimentos ligados à renovação cíclica” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 77). Segundo esses mesmos autores, a folha (papel) remete à escrita ou à fragilidade de sua textura. A sobreposição dessas referências parece sugerir que o depoente tem a escrita como sua base para transferência e renovação (arco-íris/compartilhamento) de seus conhecimentos que saem dos computadores/colegas.

O conjunto dessas associações indica que a formação de redes de compartilhamento é importante para a vinculação entre os discentes, assim como o papel dos programas em estimularem essas redes de trocas. Fomentar essa aproximação de maneira natural desde a entrada dos discentes para que haja empatia entre eles, e não apenas aproximações esporádicas em determinados momentos.

Um participante destacou as asas como símbolo da contribuição dos colegas em sua pesquisa, pois segundo ele,

[...] quando a pessoa elaaaa me passou alguma informação que eu precisei, ela me deu um apoio, ela conversou comigo, eu me senti mais livre para dar prosseguimento na pesquisa. Tipo uma questão de alívio mesmo, uma questão de flutuar, de ficar leve. Então asas assim no sentido de liberdade, leveza.

A leveza do voar propiciada pelas asas simboliza o dinamismo e a liberação das “[...] mais importantes forças criadoras: o poeta, assim como o profeta, tem asas no momento em que está inspirado” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 91). A referência do participante em relação às asas condiz com o compartilhamento de conhecimento que, ao lhe inspirar, o torna leve para criar e produzir em sua pesquisa.

Três participantes mencionaram grupos de pessoas como a imagem que representa o compartilhamento de conhecimento que os auxilia em suas pesquisas: para um deles, esse grupo de pessoas estariam em um bar; para outro, em um espaço cultural; e, para o terceiro, a sala de aula referencia esse momento. Independentemente do local onde se reúna, a pessoa/homem traz, em si, o preceito da reciprocidade e, conforme mencionado anteriormente, simboliza centro e princípio de unidade. Ao refletir sobre um grupo de pessoas, é possível associar com “[...] o *denarius* (o dez) constitui o *totius operis summa* (o somatório da obra inteira)”, capaz de se multiplicar ilimitadamente (JUNG, 2011, p. 131). Os discentes compartilham seus conhecimentos, discutem temáticas sem haver limites para a quantidade de pessoas envolvidas e para a amplitude de trocas informacionais, independentemente do espaço em que estiverem: quando estão em grupo, esse compartilhamento de conhecimento se multiplica ainda mais, de maneira imensurável.

Um participante fez a comparação do colega que compartilha com uma luz no final do túnel.

[...] porque assim as vezes cê tá tão perdido e aí ééé cê tá tão preocupado porque cê num tá conseguindo sair daquele ponto ou cê num tá conseguindo encontrar nada sobre aquela temática e aí ééé vem alguém e te fala alguma coisa aí cê consegue ter outro olhar, outro direcionamento.

A luz está em oposição à escuridão, simbolizando os valores da evolução, consciência e intelectualidade, representa ainda a sucessão às trevas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015). Assim como a luz, o túnel também se relaciona com a obscuridade e, por meio dele, surge o feixe de luz para a passagem. O túnel é “[...] símbolo de angústia, de espera inquieta, de medo das dificuldades, de impaciência em satisfazer um desejo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 915-916). Pode-se inferir, conforme o depoente ressaltou, que, antes de receber o compartilhamento, ele está passando por travessias obscuras, complexas, e o compartilhamento do colega o faz transcender ao outro lado; o colega é a luz que clareia, ilumina sua intelectualidade.

Para outro participante, não há muita contribuição por parte dos colegas, porque o compartilhamento é superficial, por isso o compara a

[...] uma ponte se rompendo. Uma ponte se rompendo porque foi construído de forma fina, de forma superficial. **Pesquisadora:** Então o compartilhamento de conhecimento que contribui para sua pesquisa, você acha ele raso? Isso ele é raso porque ele pode se quebrar a qualquer momento.

A ponte é local de passagem, uma passagem que pode ser perigosa e colocará em prova quem a atravessa. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 730), passar sobre um local perigoso provoca angústia e reforça a simbologia da ponte de ser “[...] um perigo a superar, mas, do mesmo modo, a necessidade de se dar um passo.” A quebra/divisão/rompimento citada pelo participante torna essa passagem ainda mais sofrida. A relação com o compartilhamento de conhecimento evidencia a fragilidade das relações que esse participante deve ter com os colegas e que pode ser um tanto quanto atribulada. Remete ainda a uma falta de confiança na informação recebida, uma vez que o sentido figurativo de raso, segundo verbete do Michaelis (2020), significa falta de inteligência.

De modo geral, as práticas de compartilhamento de conhecimento entre os discentes são recíprocas e contribuem para o desenvolvimento das pesquisas. O estabelecimento de redes e conexões favorece novos olhares sobre a pesquisa e a perspectiva de alçarem novos voos.

Os participantes foram solicitados a escolher uma imagem para simbolizar as situações ou os empecilhos às atividades de compartilhamento de conhecimento na construção da pesquisa. As respostas foram sintetizadas na Fig. 12.

Figura 12 – Empecilhos no compartilhamento de conhecimento

Fonte: Elaborada pela autora.

Dentre as imagens que simbolizam o compartilhamento do conhecimento, o muro foi citado por três participantes como a principal barreira, uma vez que é difícil de transpor.

Um muro, um muro alto que às vezes você tem que de alguma maneira o ultrapassar, você tem que pular aquele muro. [...] Na atividade de compartilhamento também vou colocar esse muro por causa dessa questão da dificuldade de interação com as pessoas eu tenho contato. Eu acho que é passível de ser transposto por causa das pessoas que eu consigo manter uma boa interação e que eu sei que são fontes confiáveis, então são pessoas que eu consigo interagir compartilhar o que eu sei e também que eles me trazem a partir disso, mas tem outros que o muro ainda está lá e ainda tem aquela cerca elétrica aí você fala Opa! Aqui eu ainda não posso. Então um muro sem cerca elétrica com os colegas que eu consigo ter uma interação melhor, um compartilhamento e um muro com cerca elétrica para os outros.

Acho que a imagem que eu construiria aí seria a dificuldade que eu poderia ter de receber *feedback*. Eu o pesquisador e do outro lado um outro bonequinho e no meio teria uma barra divisória separando, um muro. Então poderia interpretar que essa pessoa do outro lado do muro me deu as

costas, tanto aquela pessoa que não quis responder minha pesquisa quanto um colega meu que não quis compartilhar um conhecimento comigo, negligenciou, eu pedi um auxílio e o colega não me deu [...].

Ahh eu acho que um muro, bem alto mesmo. Dessa dificuldade mesmo de chegar no outro né, tipoo dessa questão da comunicação mesmo e também da personalidade da pessoa e você não conseguir se comunicar mesmo ai forma uma barreira.

O muro simboliza proteção e separação, já a muralha alta simboliza uma elevação acima do nível comum, remete ainda à comunicação cortada (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015). A simbologia do muro associada como empecilho ao compartilhamento de conhecimento denota o ego, já explicitado anteriormente nas falas dos participantes, que surge novamente por meio da metáfora. Conforme citado pelos depoentes anteriormente, há colegas que se julgam superiores, com um nível elevado de conhecimento. A falta de interação também fica evidenciada na separação e na falta de comunicação que o muro evoca. Outra associação possível é olhar para o muro, para os discentes que não compartilham seus conhecimentos, como um mecanismo de defesa, pois o medo do “roubo” de ideias também é habitual entre os discentes.

A porta trancada com cadeado, segundo um depoente, simboliza o não compartilhamento, pois ela “não dá passagem, ela não permite essa comunicação”. Ao contrário do muro, conforme Chevalier e Gheerbrant (2015), a porta é local de passagem, acesso à revelação, bem como possibilidade de acesso a uma realidade superior. No entanto, ao estar fechada e trancada com o cadeado, passa a ter as mesmas características do muro, que impede a passagem, a comunicação.

Um depoente comparou o contexto de sua pesquisa com um incêndio que não consegue apagar:

Das barreiras, dos empecilhos, eu acho de um objeto pegando fogo e você tem que pegá-lo. Um objeto pegando fogo aí você tem que ir até ele pegar aquele objeto incendiando porque pra mim a minha pesquisa é um incêndio o tempo inteiro e eu não consigo apagar.

O objeto pegando fogo, primariamente, remete à destruição, porém sua densa simbologia guia a várias perspectivas. Para Chevalier e Gheerbrant (2015), o fogo, como agente de transformação e regeneração, purifica ilumina, possibilita compreensão pela sua luz, bem como pode se comparar ao sol; nesse sentido, suas

chamas tem ação purificadora, fecundante e iluminadora, mas que pode sufocar, queimar e destruir. Ainda segundo os autores, o fogo representa o intelecto em sua forma evolutiva, “[...] o fogo, fumegante e devorador, numa antítese completa da chama iluminante, simboliza a imaginação exaltada... o subconsciente... a cavidade subterrânea... o fogo infernal... o intelecto em sua forma revoltada [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 443). O momento de transcendência pelo qual passa o discente em sua pesquisa o elevará a outro nível de conhecimento, ainda que o percurso seja árduo e seu intelecto esteja “em sua forma revoltada”.

O deserto é citado por um depoente para simbolizar a solidão que seu tema lhe proporciona e, por isso, a dificuldade de receber ajuda dos colegas:

Empecilhos? Uma imagem? Como eles não sabiam sobre o tema, seria eu num, num deserto assim eu sozinha, porque por causa do tema, quando eu comecei a trabalhar o tema praticamente eu e o orientador né mesmo. Se eu pedisse eles nãoooo, além de não não ter, não dominavam, não sabia nem o que era, quando eu era perguntada com que trabalha, eu falava [supressão do tema] eu tinha explicar tudo assim porque os colegas não sabem sabe né. A maioria não é da [área] e mesmo os que são as vezes não domina. Então é uma coisa muito sozinha, assim deserto, solidão entre eu e minha pesquisa, não tinha como pensar em compartilhar e muito menos pensar em receber né.

A simbologia do deserto é local de terra infértil, “terra árida, desolada e sem habitantes [...] lugar de castigo” e de tentação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 331). E também lugar de revelações. Segundo Cirlot (2012), o deserto é propício à revelação divina, o deserto é momento transcendência. É possível associar a fala do depoente a essa terra sem habitantes, solidão. Por ter uma temática de estudos muito peculiar, o participante está num momento de transcendência, mas pode ser percebido como castigo, por estar só.

Outro participante compara a falta de compartilhamento a um elefante, fazendo analogia do tamanho do elefante com o tamanho da arrogância humana; compara ainda uma montanha com o ego.

Olha, eu colocaria um elefante, bem grande assim. Porqueeeee é o tamanho da arrogância humana, esse é o maior empecilho ao compartilhamento. E a imagem maior que eu vejo poderia ser um elefante, ele poderia ser uma montanha também, enorme né, e o sol tala atrás né, porque o sol é pra todos e todo mundo tem condições de chegar la mas essa barreira enorme na frente, é o ego, a arrogância né.

O elefante simboliza a montaria dos reis, portanto remete ao poder régio, à soberania, simboliza também a “[...] dominação do centro real sobre as direções do espaço terrestre” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 360). O simbolismo da montanha remete a “[...] morada dos deuses e objetivo da ascensão humana. [...] A montanha é às vezes povoada por entidades duvidosas, que defendem o pico de qualquer aproximação” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 619). Ainda conforme os autores, o sol, elemento fundamental no universo, é para muitos povos a manifestação divina, considerado fecundador, mas que pode queimar e matar. O sol, com sua luz, torna as coisas perceptíveis, representa ainda o conhecimento intelectual. A fala do participante se contraposta às simbologias anterior parece indicar que o discente/elefante/arrogante se sente soberano aos demais, são “seres” superiores, porém duvidosos como aqueles que povoam as montanhas. Ambos os elementos – elefante e montanha – são tão grandes quanto o ego e a arrogância e “impedem” outros colegas de aproximarem e compartilhar com eles a luz, o conhecimento, a fecundação que o sol proporciona.

Para um participante, a prisão, com suas barras de ferro, simboliza os empecilhos ao compartilhamento de conhecimento, uma vez que o discente que não compartilha tem a dureza das barras de ferro, a pessoa está fechada na prisão. Para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 426), o ferro simboliza o senhor das sombras, bem como “[...] o reino da materialidade, da regressão para força bruta, e da inconsciência. [...] símbolo de força dura, sombria, impura, diabólica”. Ainda segundo os autores, a cadeia/prisão simboliza a necessidade de adequação à vida coletiva e habilidade de integração ao grupo. A dureza e a inflexibilidade do ferro e a prisão remetem ao fechamento para o compartilhamento de conhecimento e à necessidade de abandonar o estado de “liberdade” de certo modo anárquica vivida antes de adentrar a pós-graduação para experimentar uma abertura à integração e à vida coletiva com os colegas.

O contexto da pós-graduação e os espaços da ECI e UFMG foram lembrados por três participantes como simbologia que representa os empecilhos para o compartilhamento de conhecimento.

É eu acho que assim uma imagem de não estar dentro da universidade, sei lá eu to vendo eu indo embora num corredor. É porque tipo assim eu acho que a gente se encontra muito pouco, eu acho que há um encontro muito

irregular, as disciplinas são poucas, o encontro é pouco, são poucos os seminários, eu acho que há muita coisa ali pra se desenvolver para a gente ficar mais Universidade trazer mais, e ter mais troca. Então a imagem seria uma saída da UFMG, ficando de fora ali, entendeu.

Seriiiiiaaaa mesmo aaaa a própria combinação, direção, controle daaa, tudo da própria ECI mesmo que seria no meio mesmo que esta obstaculizando, com aquilo que está fazendo um trabalho eficiente. Seria a gestão do programa porque sempre tem esse problema daqui quando a gente está falando de administração e de gestão (risos). **Pesquisadora:** Em qual sentido você quer dizer? Não é que não incentiva o compartilhamento, e sim que não, ééé, não realiza essas iniciativas voltadas, não age de uma forma eficiente. Que o próprio ser humano mesmo, quando você pega um estudante, o próprio ser humano ele é geralmente preguiçoso, gosta de conforto, é fácil isso existir em normas, mas isso precisa ser cobrado, por exemplo, você entende, por exemplo, como é possível tantas bolsas, quer dizer quando uma pessoa diz que é bolsista, é muito provável que não tenha outros vínculos institucionais sei lá, e aita tendo uma coisa aqui para PPGCI e PPGGOC que ninguém comparece, como isso é possível, sendo bolsista né, e amanhã falam aahh não teve *quorum* e todo mundo olhando meio assim.

Nossa que difícil. Interessante. [...]. Então seriaaa o espaço da ECI, completamente vazia, porque lá é um lugar que emana conhecimento, na graduação os cursos da ECI vão pro CAD e o CAD é esse não lugar em que o compartilhamento não existe, o que existe é uma apropriação funcional do lugar de você ter aula e você sair e isso impactou bastante porque quando a gente vem pra, na ECI a gente tem uma aproximação bem maior que favorece bastante o compartilhamento de conhecimento, então eu acho que quanto mais pessoas nos corredores da ECI mais possibilidades de você dar ou receber um conhecimento.

O corredor é um local que liga dois ambientes, normalmente é longo e estreito e, conforme Michaelis (2020), em seu sentido figurado, é um “[...] local em que se fazem negociações secretas ou comentários extra-oficiais”. Assim como o túnel, o corredor pode representar a angústia e a inquietude do depoente em perceber que poderia haver mais trocas e compartilhamentos.

A gestão remete ao poder e à grande influência que ela proporciona. A simbologia do depoente comparando a gestão do programa e da ECI como obstáculo ao compartilhamento de conhecimento traz a reflexão sobre a eficácia do controle, bem como as inúmeras situações que a gestão propicia, pois requer um equilíbrio entre a imposição e a liberdade de escolha dos discentes.

A simbologia do vazio está relacionada à negação, ao olhar só pra dentro, para o *self* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015) – vazio interior pleno de possibilidades. Nesse sentido, pode-se relacionar o vazio com a individuação, o ego e o egoísmo como empecilhos ao compartilhamento de conhecimento.

A ampulheta foi citada por outro participante, uma vez que, para ele, o tempo é seu maior empecilho. A simbologia da ampulheta está relacionada ao movimento de cima para baixo, representa também as trocas entre um lado e outro passando por um estreito canal (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015). A relação estabelecida pela ampulheta/tempo pode ser associada a estreitas e poucas trocas de conhecimentos entre os discentes, bem como aflora um tom de superioridade como entrave para as práticas de compartilhamento.

Ainda procurando explorar o imaginário por meio das metáforas, os participantes foram solicitados a comparar o colega que compartilha os conhecimentos e o que não compartilha com outro ser vivo que não um humano. O Quadro 1 sintetiza as respostas dos depoentes sobre os colegas que compartilham conhecimentos.

Quadro 1 – Imaginário dos participantes: colegas que compartilham conhecimentos

<b>Colega que compartilha</b>		
<b>Ser vivo</b> 	<b>Explicação</b>	<b>Simbologia</b>
Cachorro	Receptivo	Amigo do homem, guia, fiel e companheiro, bem como guardião e guia do rebanho.
Borboletas	Em algum momento elas contribuem com beleza, são alegres.	Bela, ligeira e inconstante. Sua metamorfose simboliza a ressurreição/renascimento.
Golfinho	Tem a ternura e a inteligência.	Capacidade de regenerar. Simboliza também a sabedoria, prudência e agilidade.
Cavalo	Suporta muita gente. Ajuda.	Clarividência. Intuição do inconsciente.
Formiga (2x)	- Meticulosa. Trabalha incessantemente.	Vida organizada em sociedade.

	- Carrega folhinhas, como se o ambiente da pós fosse o formigueiro e cada um compartilhasse.	Organização. Ser aplicado, incansável e persistente.
Pássaro	Come uma frutinha e lança a semente, distribui essas sementinhas.	Mensageiro, símbolo da comunicação, e também, força e a vida na arte africana.
Girassol (3x)	- Beleza, passa a imagem de luz. - Luz para as minhas dúvidas, preenche vazios. - Luz no final do túnel.	Heliotrópio (segue a trajetória do sol). Radiante. Alimento de imortalidade na china.
Coruja	Representa o conhecimento.	Não suporta luz do sol. Simboliza o conhecimento racional.
Abelha	Por pegar pólen nas plantas e espalhar para outros lugares.	Organizada, incansável, inteligente.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Chevalier e Gheerbrant (2015) e Cirlot (2012).

O imaginário dos depoentes demonstra, por meio dos elementos simbólicos, que os colegas que compartilham conhecimentos são representados como pessoas organizadas, inteligentes. Eles se tornam fiéis mensageiros na partilha do conhecimento, a fim de clarear as ideias de quem recebe a informação.

As práticas de compartilhamento de conhecimento realizadas pelos participantes e representadas pela simbologia demonstram também o trabalho dos colegas em contribuir para o preenchimento de *gaps* que os outros possam ter. Outra evidência é a criação de uma rede de compartilhamento, pois, à medida que um colega recebe a informação, sente-se motivado a partilhar o que ele sabe em prol do desenvolvimento das pesquisas e do contexto sociocultural em que está inserido.

O Quadro 2 é antagônico ao anterior, uma vez que a simbologia evidenciada por meio das falas dos participantes retrata de diferentes maneiras os colegas que não compartilham conhecimentos:

Quadro 2 – Imaginário dos participantes: colegas que não compartilham conhecimentos

<b>Colega que não compartilha</b>		
<b>Ser vivo</b>	 <b>Explicação</b>	 <b>Simbologia</b>
Gato	Arisco demais, ar de superioridade, não é tão humilde, falso.	Terno, dissimulado, forte, ágil. Causa desconfiança por sua sagacidade e engenhosidade.
Formiga ou cupim	São altamente sociais, eles só existem por causa da comunidade a qual eles pertencem. São alados e algum momento eles alçam vôo e tchau, abandonam o lugar.	A formiga como visto são seres altamente sociáveis. O cupim tem a vida similar às formigas, porém sua simbologia lhe é peculiar, pois destrói de forma lenta, clandestina e impiedosa.
Barata	Causa só desordem por onde passa	Têm grande poder de adaptação e hábitos noturnos. Infestam ambientes sujos e os contaminam.
Leão	“[...] uma vez eu ouvi falar que é leão que come né, (risos) que a gente não pode fazer um contrato leão, porque só uma parte que come né, então seja um leão.”	Poderoso, soberano. É um misto de poder, sabedoria e justiça, mas também tirano e soberbo.

Ovelha negra	Está no meio do rebanho todo mas quer fazer diferente. Essa imagem da ovelha negra é ela né, não é que ela esteja perdida ela está desorientada sobre o objetivo do grupo.	Malvadas. Forte
Lesma	Está andando bem lentamente, porque não quer contribuir, não quer disseminar então ele ta ali bem na dele, no caminho dele, bem rastejante, bem sozinho.	Pequena serpente.
Tartaruga	Quando tá assustada ela se tampa [...] ele vai se fechar, então ele vai reter pra ele o conhecimento. A tartaruga passa egoísmo, ela fica na dela.	Suas quatro patas simbolizam os quatro pólos da criação. Associa-se a ela também poderes de conhecimento e adivinhação. Ela pode ser veneno ou remédio quando preparada.
Burrinho / Cavalo	É um serzinho mais do cantinho, quietinho, que fica ali que faz tudo que o povo manda, sei lá uma coisa mais passiva.	O cavalo como visto remete à clarividência. Intuição do inconsciente. O burro simboliza a ignorância e a impostura, ser perigoso.
Papagaio ou cigarra	Fica bem isolado e fazendo barulho e acha que está sendo agradável.	O papagaio no sentido figurado remete àquele que não para de falar, mesmo que não compreenda. Já a cigarra é

		intermitente, canta durante o dia e silencia a noite, simboliza a negligência.
Sanguessuga	Só recebe, mas não doa.	Simboliza os elementos primordiais do universo. Segundo Michaelis (2020), trata-se de uma pessoa que explora outra, parasita.
Praguinha	Consome a árvore até a árvore morrer. É egoísta porque ela só suga.	São nocivas e causam mal (MICHAELIS, 2020).
Tamanduá	Destrói o formigueiro, ele vai comer ai ele vai metendo a língua ali e destrói todas as cavidades que tem ali dentro.	Mentiroso, temível e nefasto.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Chevalier e Gheerbrant (2015) e Cirlot (2012).

A simbologia dos discentes que não compartilham conhecimento faz menção à desconfiança e ao perigo. Eles podem ser sociáveis, mas não compartilham conhecimentos por se sentirem superiores. Tem grande potencial e conhecimento, porém não os usam para partilhar com os colegas, passando a imagem de negligentes e até mesmo nocivos por não contribuírem.

O discente que não compartilha segue em seu objetivo. Está inserido no meio e usufrui do que lhe é oferecido, mas não contribui para a evolução coletiva, está empenhado em construir sua pesquisa para alçar seu voo sozinho.

A emoção compreende os mais variados sentimentos (amor, medo, alegria, ira, exaltação, perturbação, êxtase, simpatia, aversão, prazer, angústia, felicidade, alívio, ansiedade...). Eles são inseparáveis das representações simbólico-afetivas que os sujeitos têm de sua realidade (MURRAY, 1978; PAULA, 2012). As metáforas utilizadas para acessar o imaginário sobre o contexto das práticas de

compartilhamento de conhecimento na pós-graduação e a construção de suas pesquisas corroboraram as falas dos participantes no decorrer da entrevista, uma vez que foi reafirmada a importância do compartilhamento e evidenciada as fragilidades e pontos fortes que permeiam a partilha de conhecimentos e as emoções inerentes esse processo.

A reciprocidade é um grande motivador para o compartilhamento, assim como sentimentos de empatia, gratidão e confiança, que reforçam a vontade de partilhar e contribuir com a construção do conhecimento nas pesquisas, ao passo que a preguiça, o ego, o egoísmo, a competição, a insegurança em relação ao plágio são grandes empecilhos. As percepções dos participantes enfatizaram como o compartilhamento de conhecimento está associado ao desenvolvimento de suas pesquisas por meio de inúmeros elementos que permeiam esse processo de partilha.

#### **5.4 Práticas de compartilhamento de conhecimento**

Essa categoria foi nomeada central porque se relacionou com todas as outras categorias e subcategorias. Conforme Gil (2017), a categoria central é aquela que representa o tema central da pesquisa. A categoria práticas de compartilhamento conectou-se às demais e evidenciou-se sempre como raiz do processo investigado.

As percepções dos participantes sobre as práticas de compartilhamento no desenvolvimento de suas pesquisas, bem como as representações que eles têm da CI, foram elucidadas nas três categorias analisadas. Neste momento, será estabelecida a relação entre elas enfatizando a categoria central, a fim de construir a teoria (ANDREWS *et al.*, 2017).

Os participantes representaram a CI como sendo uma área interdisciplinar que se faz presente em todos os âmbitos da sociedade, tornando-se uma ciência de fundamental importância para o desenvolvimento dos diversos setores. Seu objeto, a informação, é pesquisado sob diferentes aspectos (pesquisa, armazenamento, recuperação, disseminação, acessibilidade, uso e usabilidade da informação).

Autores como Borko (1968), Shera e Cleveland (1979), Foskett (1980), entre outros, ressaltaram a característica interdisciplinar da CI. Já em relação às áreas de pesquisa e desenvolvimento da CI inúmeros autores, como Goffman (1970),

Oddone (1998), Furner (2004), Le Coadic (2004), Capurro e Hjørland (2007), Araújo (2014), Baracho *et al.* (2015), destacaram sua abrangência e atuação tanto no campo acadêmico quanto no uso social.

Corroborando as ideias de Davenport (1998), Bourdieu (2004), Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005), Wang *et al.* (2008), Tavares (2011), Ventura e Nassif (2016), o compartilhamento do conhecimento é visto pelos participantes como base para a construção de suas pesquisas, uma vez que o diálogo com os colegas propicia valorosas trocas. As interações entre eles potencializam a partilha de conhecimentos, o que contribui para a resolução de problemas tanto em relação à construção da pesquisa, quanto acerca dos trâmites administrativos nos programas.

Ao longo da pós-graduação, as relações construídas são de grande importância para os discentes. O fato de a CI ser uma ciência aberta a diversas disciplinas e por ter como objeto uma “entidade” interdisciplinar abre grande leque no âmbito de discussões sobre as temáticas da área. Discussões estas que, por vezes, se tornam exaltadas, chegando a limitar o contato pela área de formação do discente. No entanto, em sua maioria, a preocupação sobre a evolução da área e como melhor desenvolver suas teorias e objeto de pesquisa acaba por unir os discentes das diferentes áreas no desenvolvimento de suas pesquisas. Conforme evidenciado por Pilerot e Limberg (2011), por falta de vínculos e/ou identificação, a interdisciplinaridade pode afetar de maneira negativa o compartilhamento de conhecimentos.

As relações com colegas, orientador, professores, funcionários da instituição, em grupos de pesquisa e nos programas são estabelecidas em salas de aula, corredores, salas destinadas aos alunos de pós-graduação, redes sociais, durante almoços e cafés. A aproximação é impulsionada pela identificação de vivências e realidades semelhantes, bem como por áreas de formação correlatas. Bakker *et al.* (2006), Leana e Pil (2006) enfatizaram que o compartilhamento de conhecimento ocorre de forma mais espontânea entre sujeitos que pensam de forma análoga.

As práticas de compartilhamento de conhecimento tácito e explícito durante as pesquisas são fomentadas pelo desejo de colaborar para a evolução da CI. O envolvimento dos discentes durante a pós-graduação é permeado por elementos que são intervenientes no compartilhamento de conhecimentos. Essa

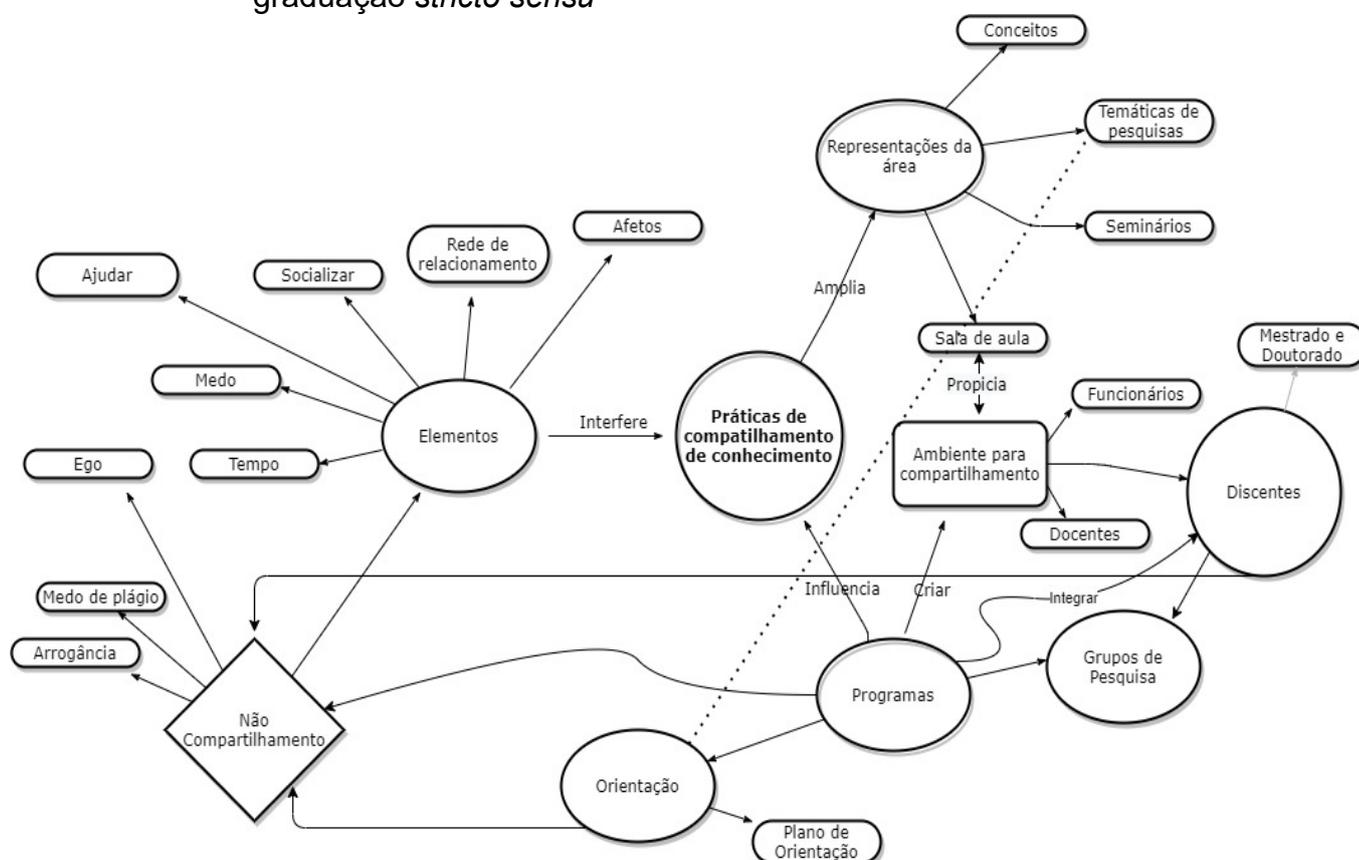
conjuntura remete a Leite e Costa (2007), quando ressaltaram os três ângulos do compartilhamento de conhecimento na comunidade acadêmica: 1) compartilhamento do conhecimento tácito; 2) compartilhamento do conhecimento formal; 3) comunicação formal e informal.

Os elementos que sobressaíram nas falas dos depoentes representam os sentimentos motivadores tanto para o compartilhamento, quanto ao não compartilhamento de conhecimentos. Ao expressarem a intenção de partilhar os conhecimentos com os colegas, os depoentes declaram-se tocados por expressões de felicidade, empatia, gratidão, confiança, bem como pela contribuição em reduzir a aflição de quem necessita de ajuda. Aos discentes que não compartilham conhecimentos, foram atribuídos motivadores como falta de reciprocidade, insegurança, tristeza, ausência de diálogo, arrogância, ego, competitividade. Conforme Savolainen (2015), pesquisar os fatores afetivos intrínsecos ao compartilhamento de conhecimento em conjunto com fatores cognitivos e situacionais auxilia no entendimento da construção do diálogo no contexto do compartilhamento de conhecimento. Morin (2011) afirmou que a afetividade pode tanto contribuir, quanto reprimir o processo de construção do conhecimento, por isso torna-se importante fazer a reflexão sobre ela nas pesquisas de compartilhamento de conhecimento.

De acordo com a TFD, a teoria emergente irá explicar o fenômeno pesquisado por meio do relacionamento e cruzamento dos dados das entrevistas. Portanto, esta tese apresenta o espelho de um acervo tipológico para as práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação *stricto sensu*, trata-se de um modelo teórico fundamentado na CI para explicar como os discentes dos PPG da ECI-UFMG percebem as interferências e contribuições das práticas de compartilhamento de conhecimento na construção de suas pesquisas.

Para os participantes, o compartilhamento de conhecimento perpassa por todo o ciclo da pós-graduação e em todas as suas vertentes, assim como a espiral do conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1997) e os três ângulos do compartilhamento de conhecimento na comunidade acadêmica de Leite e Costa (2007). Dessa maneira, a categoria práticas de compartilhamento de conhecimento foi considerada como central e a base para esse processo investigativo.

Figura 13 – Espelho para as práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação *stricto sensu*



Fonte: Elaborada pela autora.

O espelho apresentado na Fig. 13 não tem a intenção de evidenciar as práticas de compartilhamento na pós-graduação de maneira cabal, mas orientar as iniciativas de gestão e compartilhamento de conhecimento para os programas de pós-graduação estudados. É produto da análise das representações imagéticas (construídas em bases teóricas, históricas, sociais e culturais) que os depoentes têm da própria área, bem como as relações construídas ao longo do mestrado e doutorado e que se tornaram a base para as práticas de compartilhamento de conhecimento nesses dois programas de pós-graduação *stricto sensu* em CI, apontando interessantes diretrizes para o compartilhamento do conhecimento para outros programas dessa área.

As práticas de compartilhamento ampliam as representações que a área tem de si mesma, uma vez que as trocas de conhecimento tácito e explícito do discente são balizadas nos fundamentos da CI. Essas trocas acontecem,

principalmente, em sala de aula e seminários. No entanto, os participantes apontaram que sentem falta de um espaço para maior interação, já que o compartilhamento do conhecimento é visto por eles como uma colaboração mútua, que tem o diálogo como base e contribui para a evolução do conhecimento. A criação desse espaço como ambiente de interação e integração entre os dois programas será uma forma de propiciar a discussão das temáticas pesquisadas, abrindo um leque de oportunidades de trocas para além das discussões em sala de aula.

O fato de integrar discentes de ambos os programas em um só espaço é ressaltado pelos depoentes desse estudo como oportunidade para ampliarem a visão do campo da CI, uma vez que cada programa tem suas pesquisas focadas em diferentes perspectivas da área. Para eles, um espaço de compartilhamento tanto físico, quanto virtual seria como um laboratório de práticas de compartilhamento que propiciaria a formação de novas parcerias.

Os programas de pós-graduação influenciam o estabelecimento das práticas de compartilhamento de conhecimento. Várias relações são construídas ao longo da jornada da pós-graduação, por isso é necessário o envolvimento e a disposição de partilhar com todo o conjunto de indivíduos que fazem parte do meio: colegas, docentes, orientadores, funcionários, grupos de pesquisa. Os participantes retrataram iniciativas de ambos os programas para fazer uma integração dos discentes por meio de eventos, porém eles ressaltaram que são iniciativas ainda “tímidas” e que sentem falta de mais atividades nesse sentido. Foi pontuada ainda a necessidade de interação e trocas entre discentes de mestrado e doutorado, sendo os grupos de pesquisa oportunidade para essa interação e “lugar” de valorosas trocas e oportunidade de aprendizado.

As ações dos programas para o incentivo às práticas de compartilhamento de conhecimento não devem ser restringir apenas aos discentes que estão iniciando os cursos, devem ocorrer continuamente, uma vez que vários relatos demonstraram, por exemplo, o sentimento de solidão após o término dos créditos obrigatórios. Outras carências em relação às iniciativas dos programas dizem respeito à falta que os discentes sentem de apoio psicológico e à ausência de suporte nos trâmites do CEP.

As orientações acadêmicas são, por vezes, descritas pelos depoentes como oportunidade do contato com os docentes para além da sala aula. Nesse sentido, há de se destacar que o espaço de compartilhamento de conhecimento proposto deve também ser de interação entre docentes e discentes. Algumas iniciativas de orientadores são diferenciais positivos, como a elaboração do plano de orientação, apresentação pré-defesa ao orientador e demais orientandos, integração entre orientandos e a abertura de diálogo entre orientador e orientando, ao passo que a imposição quanto à temática de pesquisa e metodologia a ser seguida é um grande desmotivador para o pós-graduando.

O conjunto dessas relações é permeado por inúmeros elementos que necessitam ser entendidos para melhor desempenho das práticas de compartilhamento de conhecimento. Eles podem ser propulsores do compartilhamento (ajuda, empatia, gratidão, confiança, reciprocidade etc.), como podem inibir a partilha de conhecimentos (arrogância, ego, egoísmo, falta de aprofundamento na área, falta de pertencimento, preguiça, competição, insegurança etc.).

Questões como a falta de incentivo ao compartilhamento, ausência de tempo e questão interdisciplinar foram apontadas como elementos intervenientes que influenciam as relações entre os discentes. O medo de plágio, arrogância e ego são indicados como elementos inerentes para o não compartilhamento, demonstrando que necessitam ser abordados e trabalhados pelos programas. Esses aspectos foram reafirmados por meio dos resultados da análise da simbologia inerente às metáforas propostas a partir da utilização da ACI. A socialização, expressa e reconhecida a partir “das ajudas” descritas, culmina na criação de redes de relacionamento. Essas redes são permeadas por afetividades e contribuem para que os discentes superem os medos intrínsecos ao curso da pós-graduação.

O conjunto de associações evidenciadas no espelho apresentado demonstra que as práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação *stricto sensu*, intencionalmente ou não, consistem e acontecem com mais vigor nas oportunidades de conexão entre programas, docentes, discentes e funcionários, tendo os programas o papel de influenciar os desdobramentos dessas práticas.

Nesse sentido, foram elaboradas diretrizes de práticas de compartilhamento de conhecimento, baseadas em gestão do conhecimento, que poderão tornar-se norteadoras para os programas de pós-graduação:

- a) diante do cenário que os dados apresentaram, propõe-se a designação de um coordenador pedagógico, o qual deve estar atento à conjuntura do programa, a fim de mediar e democratizar a comunicação entre colaboradores, docentes e discentes;
- b) incentivar os grupos de pesquisa, uma vez que, por meio deles, há inúmeras possibilidades de trocas tácitas e explícitas que contribuirão para o desenvolvimento das pesquisas;
- c) propiciar, por meio de seminários, a interação entre discentes de ambos os programas, combinando-os na escrita de artigos e na realização conjunta de eventos e palestras e fomentando a criação de parcerias acadêmicas;
- d) oferecer seminários e/ou palestras que orientem os discentes sobre etapas de submissão e preenchimento dos documentos para a aplicação de projetos para o CEP;
- e) implementação, pelos orientadores, de eventos de pré-defesa (uma espécie de consórcios máster / doutorais) com a apresentação do discente antes da defesa aos colegas de orientação ou grupo de pesquisa, a fim de adquirir segurança e obter contribuições e sugestões dos colegas e orientador;
- f) incentivar a participação e organização de eventos na pós-graduação – inclusive com a produção interna do programa sendo publicizada;
- g) criação de um espaço híbrido (físico e virtual) de compartilhamento de conhecimento para os discentes, docentes e funcionários da Escola de CI.

Figura 14 – Ciclo de práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação *stricto sensu* em CI



Fonte: Elaborada pela autora.

A Fig. 14 integra as diretrizes mencionadas anteriormente e indica o ciclo de práticas de compartilhamento de conhecimento para fundamentar a conversão do conhecimento na pós-graduação *stricto sensu* em CI dos programas de pós-graduação da Escola de CI da UFMG. Baseado nos dados trabalhados nesta tese, esse ciclo apresenta as principais características evidenciadas pelos depoentes como elementares para boas práticas de compartilhamento. Recomenda-se o espaço híbrido de integração e compartilhamento em CI como local em que discentes, docentes e colaboradores de ambos os programas possam interagir e discutir sobre a CI, suas pesquisas e estabelecer parcerias. Não é pretensão que

esse ciclo seja absoluto, afinal o compartilhamento de conhecimento é um ciclo infundável.

### **5.5 Teoria Fundamentada nos Dados e Abordagem Clínica da Informação: contribuições metodológicas**

Ao escolher as metodologias utilizadas nesta tese, buscou-se conjugar duas metodologias que permitissem um aprofundamento nas questões do compartilhamento do conhecimento científico por meio das práticas de compartilhamento entre os discentes de pós-graduação *stricto sensu*.

A TFD permite evidenciar particularidades de determinado grupo, bem como propicia lançar um olhar sobre os sujeitos e sua interação com o ambiente em que estão inseridos. Nesse sentido, ela possibilita sistematizar e aprimorar os elementos intrínsecos a essa interação. De acordo com Charmaz (2009), essa metodologia permite que o desenho dos dados abarque o olhar dos participantes da pesquisa, ampliando e expandindo a perspectiva do ambiente estudado.

Já a ACI (entre outras contribuições) possibilita, por meio das representações imagéticas, o acesso a conteúdos simbólicos e afetivos, evidenciando percepções que não são expressas de maneira voluntária. Ela possibilita adentrar na dinâmica particular do objeto estudado, englobando pessoas e ambiente, a fim de viabilizar a descrição dos fenômenos, tecer diagnósticos, prognósticos ou prescrever intervenções (PAULA, 2017).

O uso de ambas as metodologias possibilitou uma visão mais ampla das práticas de compartilhamento, bem como o acesso a elementos afetivos e emocionais intrínsecos às complexidades das práticas de compartilhamento. A conjunção de ambas mostrou-se efetiva para as investigações e compartilhamento do conhecimento e se torna uma opção para pesquisas na CI.

A ACI demonstrou a influência do imaginário nas práticas de compartilhamento e demonstrou que as dimensões simbólico-afetivas são intervenientes tanto nas significações das ações, quanto em suas motivações. Esses aspectos da ACI, em conjunto com o desenho que a TFD traz, possibilitaram uma imersão na intersubjetividade dos depoentes, considerando o contexto afetivo, social, cultural e histórico dos fenômenos infocomunicacionais e suas complexidades. A

partir dessa conjunção TFD e ACI, foi possível delinear a Teoria Fundamentada em Dados Psicossociológicos (TFDP), conforme apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 – Teoria Fundamentada em Dados Psicossociológicos

TFD	ACI	TFDP
Estratégia capaz de demonstrar com detalhes o comportamento de determinado grupo.	Investiga questões informacionais por meio da subjetividade intrínseca às questões afetivas e simbólicas	O olhar clínico propicia a uma estratégia capaz de evidenciar detalhes das motivações subjetivas do sujeito que balizam seu comportamento no grupo.
Utiliza métodos que possibilitam modelar e remodelar os dados	Diversas técnicas e instrumentos de pesquisa que viabilizem captar e explorar o objeto de estudo em todas as suas dimensões	Maximiza as possibilidades de modelagem e remodelagem dos dados ao explorar as dimensões histórico, social, cultural, emocional, afetiva, cognitiva, simbólica
Acessa o olhar dos participantes da pesquisa	Possibilita o acesso a conteúdos não acessados de maneira racional	Descortina o imaginário e amplia o olhar sobre as percepções dos participantes

O foco dessa teoria é o comportamento das pessoas, e não a análise do indivíduo em si	Viabiliza adentrar em temas simbólicos e afetivos presente em situações infocomunicacionais	A análise do comportamento do sujeito é ampliada com a introdução a conteúdos simbólico-afetivos, ampliando o conhecimento sobre o problema investigado.
---	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A TFDP, por meio do olhar clínico, inclui, além de aspectos afetivos e de contexto, elementos simbólicos que auxiliam na leitura do fenômeno. Dessa forma, sugere-se que esse mútuo aprofundamento das propostas originais permita maximizar o conhecimento sobre o problema investigado, viabilizando um alargamento das motivações subjacentes ao comportamento de determinado grupo e a sua vinculação com o imaginário dos sujeitos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou o fenômeno da partilha de conhecimento no contexto da pós-graduação *stricto sensu* em CI. Apresentar as práticas de compartilhamento de conhecimento entre discentes e a dinâmica inforcomunicacional durante a construção do conhecimento em dissertações e teses do campo da CI possibilitou adentrar dentro da própria área, pelos olhos dos pesquisadores em formação.

As práticas de compartilhamento de conhecimento fomentam, sobretudo, o diálogo, propiciam o estabelecimento de parcerias e a criação redes de colaboração entre os pesquisadores. O estudo dessa temática na própria área da CI colabora para uma autorreflexão sobre as características da área, bem como para apresentar os desdobramentos da interação entre os discentes e o ambiente no qual estão inseridos.

Foi definido o uso do termo “compartilhamento de conhecimento” em detrimento ao termo “compartilhamento de informação”, pois intencionou salientar as atividades que são permeadas pelo conhecimento (nomeadamente, informação, competências, conhecimentos especializados, conhecimento científico) compartilhado no ambiente acadêmico.

A introdução desta tese apresenta a temática de pesquisa à luz da CI, bem como enuncia a problematização e os objetivos desta tese. Buscou-se entender a construção do conhecimento na pesquisa *stricto sensu* na perspectiva da CI sob o olhar dos discentes em relação ao compartilhamento do conhecimento.

Este estudo é sustentado pelas temáticas construção do conhecimento científico em CI; CI; práticas de compartilhamento de conhecimento; afetividades e emoções intrínsecas ao processo de compartilhamento de conhecimento. As teorias estudadas fundamentaram os desdobramentos encontrados na análise dos dados.

Empenhou-se em entender as práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*, a partir das percepções de alunos de mestrado e doutorado da CI. Nesse sentido, foi proposta a metodologia de pesquisa, sendo a TFD e a ACI as metodologias escolhidas para delinear a presente pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho descritivo. A técnica utilizada para coleta de dados foi a entrevista em profundidade, direcionada

por um roteiro semiestruturado. O universo da pesquisa foram os discentes dos dois programas em CI da UFMG.

O esforço para encontrar uma resposta para a pergunta mobilizadora desta tese (“A utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI, permite alcançar uma leitura aprofundada das complexidades em torno das práticas de compartilhamento de conhecimento que ocorrem durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu* em CI e das representações imagéticas que os discentes desenvolveram sobre o campo em decorrência de suas diferentes orientações epistemológicas?”) possibilitou a imersão no compartilhamento de conhecimento no contexto acadêmico e evidenciou aspectos até então não descortinados sobre as práticas de compartilhamento de conhecimento nesse ambiente. A junção entre as duas perspectivas teórico-metodológicas, TFD e ACI, permitiu aflorar uma compreensão aprofundada do contexto infocomunicacional do compartilhamento de conhecimento na pós-graduação.

Ao pesquisar o compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico, especificamente com estudantes de pós-graduação, delineou-se o objetivo geral de “avaliar a viabilidade da utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI na construção de uma estratégia metodológica aplicável ao campo da CI em geral e, mais especificamente, nas investigações quanto ao compartilhamento de conhecimento científico, por meio da análise das percepções de alunos de mestrado e doutorado de dois programas de pós-graduação de diferentes orientações epistemológicas, sobre as práticas de compartilhamento de conhecimento exercitadas por eles durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*”. A articulação das duas metodologias permitiu que cruzamento e análise dos dados evidenciassem as interações entre os sujeitos, bem como entre eles e o ambiente ao qual pertencem. Essa conjugação das metodologias propiciou uma progressiva combinação de olhares, à medida que as categorias emergiam dos dados, e proporcionou o estabelecimento de um olhar clínico sobre o contexto pesquisado. A utilização da TFD com a ACI mostrou-se promissora para futuras pesquisas, uma vez que possibilitou um olhar aprofundado sobre as práticas de compartilhamento de conhecimento no ambiente acadêmico *stricto sensu*, considerando os aspectos subjetivos intrínsecos ao imaginário dos depoentes. Nesse contexto, emergiu a proposta de uma TFDP que busca em sua

conjugação o olhar clínico de aspectos afetivos e de contexto, bem como dos elementos simbólicos, a fim de potencializar a leitura de fenômenos implícitos ao compartilhamento de conhecimento e a sua relação com o imaginário dos sujeitos.

O primeiro objetivo específico da pesquisa foi “investigar o entendimento, os afetos e as representações que os pesquisadores em formação têm sobre os conceitos de Ciência, CI e de práticas de compartilhamento de conhecimento”. Os participantes entendem que os fundamentos da CI perpassam pelo entendimento do conceito de CI e da informação, de modo geral, como seu objeto, percebem a CI como uma ciência interdisciplinar e, por isso, uma perspectiva que permite múltiplos olhares sob seu objeto. Ressaltam o compartilhamento de conhecimento como essencial em qualquer área do conhecimento e sentem-se responsáveis por construir caminhos para as práticas de compartilhamento, já que se trata de uma linha da própria CI. Os propósitos desse objetivo emanaram nos depoimentos uma imersão dentro da CI e permitiu a conexão da teoria com os aspectos práticos vivenciados por eles durante as pesquisas de mestrado e doutorado. Em relação à afetividade, sobressaíram aspectos como humildade, disponibilidade e confiança como indispensáveis para o bom relacionamento e compartilhamento de conhecimento.

O segundo objetivo proposto foi “descrever, de acordo com as percepções dos entrevistados, como as práticas de compartilhamento de conhecimento se relacionam com a construção do conhecimento durante o desenvolvimento de suas pesquisas”. Por meio da análise dos dados, foi possível correlacionar as temáticas pesquisadas pelos participantes e os GTs do ENANCIB. Os participantes ressaltaram que as práticas de compartilhamento de conhecimento devem extrapolar os limites da Escola de CI e se propagar para a universidade e para a comunidade em geral. O relacionamento com o orientador, os grupos de pesquisas, a participação em eventos da área, o contato na sala de pós-graduação viabilizam as práticas de compartilhamento. O diálogo com docentes e outros discentes possibilita, por meio das trocas, discussões sobre a área pesquisada, a criação de ativos que os ajudam na construção de suas pesquisas e a formação de parcerias em escrita de artigos.

O objetivo seguinte buscou “identificar se as práticas de compartilhamento de conhecimentos são influenciadas pelas representações que os discentes

desenvolveram sobre o campo em decorrência de suas diferentes orientações epistemológicas”. O desejo de ajudar, o sentimento em colaborar com o progresso científico dos colegas contribui para o relacionamento entre os discentes. A participação em grupos de pesquisa, o contato por meio de grupos de *WhatsApp* e o incentivo por parte dos programas culmina na criação de redes de colaboração entre os discentes. Aspectos como questões políticas, falta de tempo, divergências interdisciplinares entre pesquisadores de diferentes áreas são intervenientes na construção das relações. Vários elementos positivos e negativos permeiam e influenciam o compartilhamento, como empatia, gratidão, confiança, preguiça, ego, egoísmo, competição, entre outros. De acordo com os depoentes, o compartilhamento de conhecimento é intrínseco à construção de suas pesquisas.

O último objetivo específico proposto foi “estabelecer uma análise das contribuições que a utilização conjugada da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI oferecem para o aperfeiçoamento das estratégias metodológicas para a investigação do compartilhamento de conhecimento científico”. A combinação das duas metodologias propicia o entendimento das interações e dos comportamentos coletivos entre os sujeitos e o ambiente que estão inseridos e o compartilhamento de conhecimento. Ao ascender ao imaginário dos participantes, o método clínico possibilita, em conjunto com a TFD, uma perspectiva teórica que abarca o fenômeno infocomunicacional com maior profundidade.

Por meio dos dados analisados, é possível apontar o universo da pesquisa como limitação desta tese. Apesar de não ter havido divergências na visão dos participantes, por serem de um ou de outro programa, acredita-se que um maior número de discentes participantes de várias instituições nacionais e internacionais, bem como pesquisas em outras áreas do conhecimento, pode produzir resultados diferentes em relação aos explicitados nesta pesquisa.

Estudos futuros podem propor comparações e análises das práticas de compartilhamento de conhecimento de diferentes áreas do conhecimento. Além disso, pode ser interessante que o universo da pesquisa de práticas de compartilhamento no ambiente acadêmico compreenda os diversos sujeitos que se relacionam na pós-graduação (discentes, docentes, orientadores, funcionários, gestores). Pode-se ainda buscar a perspectiva dos alunos de graduação sobre as práticas de compartilhamento de conhecimento. Para a consolidação da perspectiva

da TFD em conjunto com ACI como uma ferramenta metodológica da CI, recomenda-se que novas pesquisas façam uma reinterpretação da forma como essa associação entre essas abordagens foi conduzida no presente estudo.

O uso da TFD com a interpretação simbólica proposta pela ACI propiciou um constructo considerando as dimensões cognitiva, perceptiva e afetiva dos sujeitos em relação às práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de suas pesquisas de mestrado e doutorado. O espelho elaborado nesta pesquisa apresenta um conjunto de componentes que propiciaram diretrizes para as práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*. A análise das representações, relações e elementos evidencia, no contexto a CI, as percepções atuais que a área possui sob a ótica dos discentes e como ocorrem as interferências nas práticas de compartilhamento de conhecimento na construção de pesquisas.

O compartilhamento de conhecimento no desenvolvimento das pesquisas é oriundo da vontade de contribuir com o desenvolvimento científico da CI. Essa reflexão sobre aspectos contemporâneos da CI e as diferentes perspectivas de dois programas com focos diferentes sobre a CI propiciou elucidar as experiências dos pesquisados, vivenciadas por meio das práticas de compartilhamento de conhecimento.

Por fim, pode-se afirmar que as representações teóricas, históricas, sociais e culturais que os participantes dos dois programas de pós-graduação em CI da UFMG têm da própria área são a base para as práticas de compartilhamento de conhecimento como hoje ocorrem nessa instituição. As condições socioambientais e as ferramentas usadas na partilha de conhecimento são partes constituintes do diálogo entre pesquisadores e, desse modo, devem ser constantemente incentivadas e aperfeiçoadas pelos programas a partir de uma autoanálise aprofundada e do recolhimento de boas práticas, para que sua efetividade seja aperfeiçoada.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maurício Barcellos *et al.* A formação em ciência da informação no modelo do movimento *i-School*: o Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento. *In: ENCONTRO IBÉRICO EDICIC*, 8., 2017, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017.

ALVES, A.; BARBOSA, R. Influências e barreiras ao compartilhamento da informação: uma perspectiva teórica. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 2, p.115-128, maio/ago. 2010.

ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. **Programas de Pós-Graduação**. Disponível em: <https://www.ancib.org.br/>. Acesso em: 14 nov. 2018.

ANDREWS, Tom *et al.* A metodologia da teoria fundamentada nos dados clássica: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 4, e1560017, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010407072017000400602&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072017000400602&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 nov. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação como Ciência Social. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/985/1025>. Acesso em: 23 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, v. 19, n. 1, p. 01-30, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 06 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. O que são "práticas informacionais"? **Inf. Pauta**, v. 2, número especial , p. 218-236 , out. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>. Acesso em: 23 fev. 2018.

ARAÚJO, Eliane Pawlowski de Oliveira. **Tomada de decisão organizacional e subjetividade**: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios. 2013. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ARAÚJO, Eliane Pawlowski Oliveira; ARAÚJO, Alberto Filipe. Informação e Imaginário: inserindo uma nova perspectiva interdisciplinar em pesquisas sobre o fenômeno informacional. **Prisma**: revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação (Especial Informação e Imaginário), n. 34, p. 5-23, 2017. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma/issue/view/241>. Acesso em: 07 nov. 2020.

ARAÚJO, Telga. A propriedade e sua função social. *In: LARANJEIRA*, Raymundo (coord). **Direito agrário brasileiro**. São Paulo: LTR, 1999. p. 159-164.

BAKKER, Marloes *et al.* Is trust really social capital? Knowledge sharing in product development projects. **The Learning Organization**, v.13, p. 594-605, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BARACHO, Renata Maria Abrantes *et. al.* Ciência da Informação – sinalizações para o presente e o futuro. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: ANCIB, 2015.

BARRADAS, Jaqueline Santos. **O processo de comunicação científica no campo da Defesa no Brasil**: da geração do conhecimento à disponibilização da informação. 2015. 199f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/880/1/JAQUELINE%20BARRADAS%20%2010%20jan%202016%20para%20impressao%20e%20distribu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BARRETO, Aldo. A informação em seus momentos de passagem. **DataGramZero**, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000007826/01096924cfc9439e82354aee7ad2f131/>. Acesso em: 07 jan. 2019.

BEARMAN, D. Experience delivery services. *In*: Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas, 5., 1994, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas, 1994. v. 2: Arquivos, p. 153-159.

BEARMAN, Toni Carbo. The education of archivists: future challenges for schools of Library and Information Science. **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 34, n. 1, p. 66-72, 1993.

BELKIN, Nicholas J., ROBERTSON, Stephen E. Information Science and the phenomena of information. **Journal of the American Society for Information Science - JASIS**, v.27, n. 4, p.197-204, July-August 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BORKO, Harold. Information Science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BOUSARI, Roghayeh Ghorbani; HASSANZADEH, Mohammad. Factors that affect scientists' behavior to share scientific knowledge. **Collnet Journal of Scientometrics and Information Management**, v. 6, n. 2, p. 215-227, 2012. Disponível em: [http://tarupublications.com/journals/cjsim/fulltext/new%20pdf/02\\_cjsim6-2.pdf](http://tarupublications.com/journals/cjsim/fulltext/new%20pdf/02_cjsim6-2.pdf). Acesso em: 14 nov. 2018.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, v. 1, n. 24, p.1-8, abr. 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/534/486>. Acesso em: 22 set. 2018.

BRAGA, Marcos Brandão; CALGARO, Marcelo. Sistema de Produção de Melancia. **Embrapa Semiárido**: sistemas de produção, 6, ago. 2010. Disponível em: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Melancia/SistemaProducaoMelancia/irrigacao.htm>. Acesso em 29 set. 2020.

BUCKLAND, Michael Keeble; BERRÍO ZAPATA, Cristian. A natureza da ciência da informação e a sua importância para a sociedade. Aula inaugural 2018 da Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. **Informação & Informação**, v. 23, n. 3, p. 1-16, dez. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/35556>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CHARMAZ, K. **A Construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. 2.ed. São Paulo: Senac, 2006.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. 4. ed. São Paulo: Centauro Editora, 1984.

CORDEIRO, Alexander Magno *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir.**, v. 34, n. 6, p. 428-443, dez. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 dez. 2020.

CREECH, Heather; WILLARD, Terri. **Strategic intentions: managing knowledge networks for sustainable development**. Winnipeg: IISD – International Institute for

Sustainable Development, 2001. Disponível em: [http://www.iisd.org/pdf/2001/networks\\_strategic\\_intentions.pdf](http://www.iisd.org/pdf/2001/networks_strategic_intentions.pdf). Acesso em: 30 nov. 2018.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. 6. ed. São Paulo: Futura, 1998.

DAVENPORT, Thomas H., PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DERVIN, Brenda. **An overview of Sensemaking research**: concepts, methods and results to date. *In*: ANNUAL MEETING OF THE INTERNATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, Dallas, 1983. Disponível em: <http://faculty.washington.edu/wpratt/MEBI598/Methods/An%20Overview%20of%20Sense-Making%20Research%201983a.htm>. Acesso em: 23 nov. 2018.

DERVIN, Brenda; REINHARD, Carrielynn D. How emotional dimensions of situated information seeking relate to user evaluations of help from sources: an exemplar study informed by sense-making methodology. *In*: NAHL, D.; BILAL, D. (Eds.). **Information and emotion**: the emergent affective paradigm in information behavior research and theory. Medford, NJ: Information Today, 2007. p. 51-84.

DI CHIARA, Ivone G.; ALCARÁ, Adriana R.; TOMAÉL, Maria I. Tipos de compartilhamento de informação e do conhecimento no ambiente de P&D. **Informação & Sociedade**: v. 20, n. 2, p. 105-118, maio/ago. 2010.

DIAS, Eduardo Wense. O específico da ciência da informação. *In*: AQUINO, Miriam de Albuquerque (Org.). **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: UFPB, 2002. p. 87-99.

DIXON, Nancy M. **Common knowledge**: how companies thrive by sharing what they know. Boston: Harvard Business School Press, 2000.

DUARTE, Emeide Nóbrega *et al.* abordagens sobre redes na construção do conhecimento em ciência da informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, Número Especial, p. 161-182, out. 2014.

ERDELEZ, Sandra. Information encountering: a conceptual framework for accidental information discovery. *In*: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. (eds.). **Information seeking in context**: proceedings of an international conference on research in information needs, seeking and use in different contexts, 14-16 August, Tampere, Finland. London: Taylor Graham, 1997. p. 412-421.

FERREIRA, Maria Luiza de Almeida Cunha. **Formação e desenvolvimento de conceitos**. Belo Horizonte: PABAEE, 1963.

FULTON, Crystal. The pleasure principle: the power of positive affect in information seeking. *Aslib Proceedings: New Information Perspectives*, v. 61, n. 3, p. 245-261, 2009.

FÓRUM de Coordenadores de Grupo de Trabalho. **GTs**. Disponível em: <http://gtancib.fci.unb.br/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FOSKETT, Douglas J. Ciência da informação como disciplina emergente: implicações educacionais. *In*: GOMES, Hagar Espanha (Org. e Trad.). **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980, p. 53-70.

FURNER, Jonathan. Information studies without information. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 427-446, 2004. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/1684/Furner427446.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOFFMAN, William. Information Science: discipline or disappearance. **ASLIB Proceedings**, Bingley, v. 22 n. 12, p. 589-596, dez. 1970. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B8eZUEDch0AEMDFxYjJhelhXNUU/edit?pli=1>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GOMES, Henriette F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **DataGramZero**, v. 9, n. 1, 2008. Disponível em: [http://dgz.org.br.rt\\_01.htm](http://dgz.org.br.rt_01.htm). Acesso em: 31 out. 2018.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/479>. Acesso em: 05 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Escopo e abrangência da ciência da informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v15n1/02.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

GOULDING, Christina. **Grounded Theory**: a practical guide for management, business and market researchers. Thousand Oaks, Sage, 2002, p. 115. Disponível em: <https://epdf.tips/grounded-theory-a-practical-guide-for-management-business-and-market-researchers.html>. Acesso em: 03 mar. 2019.

GUEDES, Italo M. R. **Depois da Serra do Cipó**: ensaio sobre a pedogênese. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/geofagos/category/pedologia/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

HENDRIKS, Paul. Why share knowledge? The influence of ICT on the motivation for knowledge sharing. **Knowledge and Process Management**, v. 6, n. 2, p. 91-100, 1999. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/700d/efa4eaad0a889a316c3667086885e9c7caba.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello; Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JARDIM, José M.; FONSECA, Maria. O. As relações entre a arquivística e a ciência da informação. **Cadernos BAD**, n. 2, p. 29-45, 1992.

JUNG, Carl G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KUHLTHAU, Carol C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v 42, n. 5, 1991.

\_\_\_\_\_. A principle of uncertainty for information seeking. **Journal of Documentation**, v. 49, n. 4, 1993.

\_\_\_\_\_. Developing a model of the library search process: cognitive and affective aspects. **Reference Quarterly**, v. 28, n. 2, 1988.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LE COADIC, Yves-François. **Ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEANA, Carrie R.; PIL, Frits K. Social capital and organizational performance: evidence from Urban Public Schools. **Organization Science**, v. 17, p. 353–368, 2006.

LEITE, Fernando César Lima. **Gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico: proposta de um modelo conceitual**. 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. **Ciência da Informação**, v. 36, n. 1, p. 92-107, jan./abr. 2007.

LIN, Yu-Chenng; LEE, Hsin-Yun. Developing project communities of practice- based knowledge management system in construction. **Automation in Construction**, v. 22, p. 422-432, 2012.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTINS, Anelise. **Compartilhamento do conhecimento entre os professores do departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MATTAR, Fauze. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

MEADOWS, Arthur J. **A comunicação científica**. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Melhoramentos. 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lupa>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MIKHAILOV, Alexander I.; GILJAREVSKIJ, R. S. **An introductory course on informatics/documentation**. Moscou: International Federation For Information And Documentation, 1970. 202 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000006/000676eb.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2018.

MINAYO, Maria C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINDMUP. **Free online mind mapping**. Disponível em: <https://www.mindmup.com/>. Acesso em: 16 maio 2019.

MONTGOMERY, Scott L. **The Chicago guide to communicating science**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. 3. ed. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

MUELLER, Susana P. M. Em busca de uma base comum para formação profissional em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia: relato de um simpósio promovido pela Unesco. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 12, n. 2, p. 157-165, 1984.

MURRAY, Edward J. **Motivação e emoção**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MIRA Y LOPEZ, Emílio. **Os quatro gigantes da alma**: o medo, a ira, o dever, o amor. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1982.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Atividade editorial & ciência da informação**: convergência epistemológica. 1998. 266f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1998. Disponível em: [http://eprints.rclis.org/3847/1/NanciOddone\\_1.PDF](http://eprints.rclis.org/3847/1/NanciOddone_1.PDF). Acesso em: 23 nov. 2018.

OLIVEIRA, Livia. Os mapas na geografia. **Geografia**, v. 31, n. 2, p. 219-239, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/1362/2052/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2002.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. **Informação e psicodinâmica organizacional**: um estudo teórico. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

\_\_\_\_\_. **O símbolo como mediador da comunicação nas organizações**: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira. 2005. 367f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANCIB, 2012.

\_\_\_\_\_. A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a abordagem clínica da informação como proposta metodológica. **Perspectivas em Gestão e Conhecimento**, v. 3, Número Especial, p. 30-44, out./2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/16756>. Acesso em: 25 out. de 2020.

\_\_\_\_\_. O paradigma indiciário: contribuições metodológicas de um diálogo para a introdução da dimensão do imaginário como tema na pesquisa das práticas informacionais em ciência da informação. **Prisma.com** (Portugual), n. 34, p. 24-45, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69478>. Acesso em: 19 out. 2020.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; ARAÚJO, Eliane Pawlowski Oliveira. **Evoluções metodológicas de pesquisas em ciência da informação: análise crítica das contribuições do uso das representações simbólicas e da arquetipologia da abordagem clínica da informação.** p. 201-223. No prelo.

PILEROT, Ola; LIMBERG, Louise. Information sharing as a means to reach collective understanding: a study of design scholars' information practices". **Journal of Documentation**, v. 67, n. 2, p. 312-333, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00220411111109494>. Acesso em: 22 jun. 2018.

PILEROT, Ola. **Design researchers' information sharing: the enactment of a discipline.** Borås: Valfrid, 2014.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A ciência da informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar.** 1997. 276f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/35/1/lenavaniapinho1997.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Gênese da ciência da informação ou sinais anunciadores da nova área. *In*: AQUINO, Miriam de Albuquerque (org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades.** João Pessoa: Universitária/UFPB, 2002. p. 61-86.

\_\_\_\_\_. Ciência da informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares. *In*: GONZÁLEZ DE GÓMES, M. N.; ORRICO, E. G. D. (orgs.). Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento. Natal: EDUFRN, 2006. p. 111-141.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; FERREZ, Helena Dodd. (org.). **Tesouro brasileiro de ciência da informação.** Rio de Janeiro; Brasília: IBICT, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/listbrtci.php?idtermovcii=43&termo=comunica%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica>. Acesso em: 14 jan. 2019.

PINTO, Adilson Luiz *et al.* Visualização da informação das redes sociais através de programas de cienciografia. *In*: POBLACIÓN, Dinah Aguiar (org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica.** São Paulo: Angellarra, 2009. p. 289-311.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

POLANYI, Michael. **The tacit dimension.** Londres: Routledge & Kegan Paul, 1966.

PPGCI – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. **Apresentação; Histórico/cronologia.** Disponível em: <http://ppgci.eci.ufmg.br/historicocronologia/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

PPG-GOC – Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento.

**Estrutura e Funcionamento.** Disponível em: <http://ppggoc.eci.ufmg.br/programa/estrutura-e-funcionamento/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

RAGIN, Charles C. **Constructing social research: the unit and diversity of method.** Pine Forge Press: Thousand Oaks, 1994.

RAHMAN, Ramlee Abdul. Knowledge sharing practices: a case study at Malaysia's healthcare research institutes. **International Information & Library Review**, v. 43, n. 4, 207-214, 2011. Disponível em: 10.1080/10572317.2011.10762902. Acesso em: 13 jan. 2018.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RENDÓN ROJAS, Miguel. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor. Semejanzas y diferencias. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Epistemologia da ciência da informação: objeto de estudo e principais categorias. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 3, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 2012. Disponível em: [www.revistas.usp.br/incid/article/download/42365/46036/](http://www.revistas.usp.br/incid/article/download/42365/46036/). Acesso em: 15 nov. 2018.

ROBERTS, J. From know-how to show-how? questioning the role of information and communication technologies in knowledge transfer. **Technology Analysis and Strategic Management**, v. 12, n. 4, p. 429-443, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/713698499>. Acesso em: 13 jan. 2018.

RODRIGUES, E. P.; VIANA, H. B. Afetividade na relação professor-aluno. **Revista Digital**, v. 15, n. 153, fev. 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd153/afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em: 17 dez. 2018.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. **A produção do conhecimento como cognição distribuída: práticas informacionais no fazer científico.** 2018. 210f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RUSSELL, Jane M. La comunicación científica a comienzos del siglo XXI. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**, n. 168, jun. 2001. Disponível em: <http://www.campus-oei.org/salactsi/rusell.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

SÁ, Rosilene Moreira Coelho de. **Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação *stricto sensu*.** 2015. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SALDANHA, Gustavo S. *Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica*. Brasília: IBICT, 2020.

SARACEVIC, Tefko. *Ciência da informação: origem, evolução e relações. Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SAVOLAINEN, Reijo. Expressing emotions in information sharing: a study of online discussion about immigration. *Information Research*, v. 20, n.1, 2015. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/20-1/paper662.html#.XGb6vOhKjIU>. Acesso em: 13 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Approaching the affective factors of information seeking: the viewpoint of the information search process model. *Information Research*, v. 20, n. 1, 2015. Disponível em: [http://www.informationr.net/ir/20-1/isic2/isic28.html#.XGb6\\_uhKjIU](http://www.informationr.net/ir/20-1/isic2/isic28.html#.XGb6_uhKjIU). Acesso em: 13 jan. 2018.

SHERA, Jesse H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: GOMES, H. E. (org.). *Ciência da informação ou informática?*. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 72-81.

SHERA, Jesse H.; Cleveland, Donald. B. Empirical foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*, v.14, p. 67-92, 1979.

SILVA, Armando Malheiro da. *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA, Helena de Fátima Nunes. *Criação e compartilhamento de conhecimento em comunidades de prática: uma proposta metodológica*. 2004. 216 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SILVA, Jamile Beatriz Carneiro; SCHNEIDER, Ernani José. Aspectos socioafetivos do processo de ensino e aprendizagem. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*, v. 3, n. 11, jul./dez. 2007. Disponível em: [http://www.miniweb.com.br/ciencias/artigos/aspectos\\_socioafetivos.pdf](http://www.miniweb.com.br/ciencias/artigos/aspectos_socioafetivos.pdf). Acesso em: 15 dez. 2018.

SILVA, Márcia L.; Cruz, Valmira A.; Silva, Frederico F. A dimensão afetiva e sua relevância no processo de ensino aprendizagem: uma abordagem sociocognitiva. *REGET - Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, v. 18, n. 3, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/14045>. Acesso em: 15 dez. 2018.

SOUZA, Rosali Fernandez de; STUMPF, Ida Regina Chitto. *Ciência da informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da Pós-Graduação no Brasil*. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 14, n. spe, p. 41-58,

2009 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141399362009000400004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141399362009000400004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 jul. 2018.

STAR, Susan L.; STRAUSS, Anselm. Layers of silence, arenas of voice: the ecology of visible and invisible work. **Computer Supported Cooperative Work**, 8, p. 9-30, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/A:1008651105359>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

STEWART, Thomas. **Capital intelectual**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

ŚWIGOŃ, Marzena. Knowledge sharing practices in informal scholarly communication amongst academics in Poland. **Malaysian Journal of Library & Information Science**, v. 22, n. 2, p. 101-115, may 2017. Disponível em: <https://jice.um.edu.my/index.php/MJLIS/article/view/3745>. Acesso em: 02 jul. 2018.

TALJA, Sanna. Information sharing in academic communities: Types and levels of collaboration in information seeking and use. **New Review of Information Behaviour Research**, 3, p. 143-159, 2002. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.96.163&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

TARAPANOFF, Kira (org.). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a Grounded Theory?** Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis: Vozes, 2011.

TAVARES, Maria das Graças de Pinho. **Informação, aprendizagem e criação do conhecimento em comunidades de prática: um estudo de caso**. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECID-8KKJQG>. Acesso em: 24 jan. 2018.

TAYLOR, Robert S. **Value-added processes in information systems**. New Jersey: Ablex publishing corporation, 1986.

TOMAEL, Maria Inês; ALCARA, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ciência da informação**, v. 34, n. 2, p. 93-104, ago. 2005 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652005000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Redes sociais, conhecimento e inovação localizada. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

\_\_\_\_\_. Redes de conhecimento. **DataGramZero**, v. 9, n. 2, 2008.

TSOUKAS, Haridimos. Do we really understand tacit knowledge? **Journal of Management Studies**, v. 38, n. 7, nov. 2001.

VENTURA, Rita C. M. O.; NASSIF, Mônica E. Poder e compartilhamento da informação: relações e implicações na arena política organizacional. **Em Questão**, v. 22, n. 2, p. 9-35, 2016.

VILELAS, José. **Investigação**: o processo de construção do conhecimento. 2. ed. Lisboa : Edições Sílabo, 2017.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

WANG, C. *et al.* Why focal firms share information? a study of the effects of power and information technology competence. **PACIS**, n. 68, 2008. Disponível em: [http://www.pacis-net.org/file/2008/PACIS2008\\_Camera-Ready\\_Paper\\_068.pdf](http://www.pacis-net.org/file/2008/PACIS2008_Camera-Ready_Paper_068.pdf). Acesso em: 25 mar. 2018.

WILSON, P. **Second-hand knowledge**: an inquiry into cognitive authority. Westport, Conn.: Greenwood P. 1983. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.4630350410>. Acesso em: 22 ago. 2018.

WILSON, Thomas D. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, v. 37, n. 1, 1981.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to Information Science. **Information Scientist**, v. 9, n. 4, p. 127-140, dez. 1975. Disponível em: <http://sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ZIMAN, John. M. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979.

## Apêndice A – Solicitação de Anuência

Prezado,

Sou doutoranda pelo programa Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, orientada pelo Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula, tendo a previsão de defesa da tese para março/2020.

Assim sendo, venho através desta, solicitar a anuência do Programa de Pós-Graduação, na pessoa do seu coordenador, para que minha pesquisa intitulada “Discentes de pós-graduação *stricto sensu* em ciência da informação e as práticas de compartilhamento de conhecimento na construção de pesquisas” possa ser realizada com discentes de mestrado e doutorado.

É importante enfatizar que a pesquisa não tem a intenção de mesurar o conhecimento do discente e, tão pouco, adentrar no mérito do programa de pós-graduação, mas sim pesquisar o conceito de práticas de compartilhamento de conhecimento com vistas a aprofundar o conhecimento sobre as percepções dos discentes quanto às representações construídas na área da ciência da informação sobre seus principais conceitos. O projeto seguirá a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, em conformidade com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Acredito que dúvidas específicas possam surgir, neste sentido eu e meu orientador nos colocamos à disposição para esclarecê-las.

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2018.

---

Rosilene Moreira Coelho de Sá  
Doutoranda em Ciência da Informação - PPGCI/UFMG  
Email: rosileneufmg@yahoo.com.br / Telefone: (31) 99742-4777

---

Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula

Professor Adjunto do Departamento de Teoria e Gestão da Informação (DTGI)  
Escola de Ciência da Informação (ECI) - Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG)

E-mail: claudiopap@hotmail.com- Telefone: (31) 3409-6121

## Apêndice B – TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Tenho a satisfação de convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa, em nível de doutorado, realizada por mim, a qual possui cunho estritamente acadêmico e sem fins comerciais.

Eu, Rosilene Moreira Coelho de Sá, orientada pelo Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula, estou realizando um estudo cujo objetivo é investigar, a partir das percepções de alunos de mestrado e doutorado, se as representações atuais da ciência da informação interferem nas práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de pesquisas *stricto sensu*. Este estudo está inserido no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Escola Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), em nível de doutorado, e possui cunho estritamente acadêmico, sem fins comerciais.

É importante enfatizar que a pesquisa não tem a intenção de mesurar o conhecimento do discente e, tão pouco, adentrar no mérito do programa de pós-graduação ao qual ele pertence, mas sim pesquisar o conceito de práticas de compartilhamento de conhecimento com vistas às percepções de discentes sobre as principais representações da área da ciência da informação.

Diante disso, tenho a satisfação de convidá-lo (a) para participar deste estudo, como voluntário (a), para responder questões sobre práticas de compartilhamento de conhecimento na pós-graduação *stricto sensu* em ciência da informação. As questões abordarão temáticas relacionadas ao compartilhamento de conhecimento e sobre a ciência da informação.

A pesquisa usará como instrumento para coleta de dados a entrevista que será direcionada por um roteiro semi-estruturado. Os sujeitos da pesquisa serão discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento.

As entrevistas com os discentes que participarão da pesquisa serão agendadas previamente e o local definido para a realização das entrevistas é o prédio da Biblioteca Central da UFMG ou o local que melhor convir ao discente.

A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo (a). Seu nome não será usado na divulgação dos dados, sendo utilizado o termo “discente”, associado a um número, para quaisquer referências a sua pessoa. Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as anotações feitas, não serão acessados por outras pessoas, além mim e de meu orientador. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob minha guarda.

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento ou indenizações pela mesma. O benefício de sua participação nesta pesquisa será a contribuição com este estudo.

Em caso de desconforto ao responder alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, de forma a minimizar o constrangimento.

Ademais, você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Caso decida retirar-se do estudo ou necessite de quaisquer outros esclarecimentos sobre o mesmo, favor me contactar pessoalmente ou através do telefone ou e-mail informados no final deste Termo.

Caso o(a) senhor(a) necessite de outros esclarecimentos quanto à conduta ética dessa pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa poderá ser consultado através dos contatos no final desse documento.

Certa de que as informações acima apresentadas lhe forneceram os esclarecimentos necessários em relação a essa pesquisa e caso haja concordância de sua parte em participar deste estudo, solicito que manifeste sua concordância assinando o seguinte Termo de Consentimento Livre Esclarecido em duas vias de igual teor (1 via ficará em seu poder):

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento livre e esclarecido. Compreendo que minha participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária e que tenho total liberdade para recusar ou retirar meu consentimento, sem sofrer nenhuma penalidade. Os dados obtidos através da minha participação nesta pesquisa serão documentados, sendo do meu consentimento que haverá divulgação de seus resultados apenas em contexto acadêmico e publicações científicas.

---

Assinatura do participante

---

Assinatura da pesquisadora (orientanda)

---

Local e data

**TÍTULO DO PROJETO:** Discentes de pós-graduação *stricto sensu* em ciência da informação e as práticas de compartilhamento de conhecimento na construção de pesquisas.

**PESQUISADORA:** Rosilene Moreira Coelho de Sá  
e-mail: [rosileneufmg@yahoo.com.br](mailto:rosileneufmg@yahoo.com.br)

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula  
e-mail: [claudiopap@hotmail.com](mailto:claudiopap@hotmail.com) - Telefone: (31) 3409-6121

**INSTITUIÇÃO:** Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento.  
Telefone: (31) 3409-6103 – *site*: <http://ppgci.eci.ufmg.br>

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)** - Telefone: (31) 3409-4592  
*Site*: <http://www.ufmg.br/bioetica/coep/> - *e-mail*: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)  
Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - Belo Horizonte/MG.

## **Apêndice C – Roteiro de Entrevista**

### **Práticas de Compartilhamento de Conhecimento na Pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação**

#### **1. Caracterização do entrevistado:**

**Idade; Sexo; Estado civil; Graduação (curso/ano); Nível de Formação;  
Ingresso na pós-graduação; Participação em grupos de pesquisa;  
Atividades paralelas a pós-graduação (trabalho, curso de línguas etc);  
Bolsista; Frequenta a sala da pós-graduação.**

#### **2. Fale um pouco de você:**

- a. Conte-me sua história, como chegou até aqui e o que aconteceu desde então.

#### **3. Como você entende a CI?**

- a. E seu objeto de pesquisa?

#### **4. Compartilhar conhecimento é...**

#### **5. Qual (is) área (s) de abordagem da sua pesquisa?**

- a. Como ela se relaciona com a CI?

#### **6. Qual é o seu maior medo no que diz respeito à sua pesquisa? (existe algo que o amedronta?)**

#### **7. Como você pode se defender desse elemento (retomar o termo usado pelo entrevistado)? Quais armas ou recursos você pode utilizar para isso?**

#### **8. Descreva como você vê a interação de seus colegas no seu programa de pós-graduação.**

- a. E a sua interação?

- b. Ela mudou ao longo do tempo?
9. Seus colegas de pós-graduação compartilham conhecimentos?
10. Quais os meios de comunicação você usa para compartilhar (encontros presenciais, e-mail, reuniões em grupo, redes sociais etc).
- a. Dentre esses, existe algum meio mais frequente? Por quê?
- i. Qual é o meio preferido? Por quê?
11. Quais são as suas intenções ao compartilhar conhecimento com outros colegas?
12. Quais são as ocasiões mais populares (oportunidades) para compartilhar conhecimento no contexto acadêmico (Sala de aula, reuniões de pesquisa, sala da pós-graduação, seminários, congressos etc).
13. O que te motiva a compartilhar seus conhecimentos com outros discentes?
14. Há motivos que te faz não compartilhar um conhecimento no meio acadêmico?
- a. Por quê?
15. Existe alguma razão potencial que não o faria compartilhar seus conhecimentos?
- a. Poderia citar/imaginar/descrever alguma situação específica, (se a pessoa disser não ser capaz de fazê-lo: não seria capaz de fazer isso, mesmo que fosse uma situação meramente hipotética? Se a pessoa disser que sim: Nesse caso, qual seria)?
16. Você acha que existem situações em que os seus colegas não compartilham conhecimentos? Quando isso acontece (em caso positivo), por qual razão você pensa que seus colegas não o fazem?

- 17. Quais as principais barreiras no compartilhamento do conhecimento?**
- 18. Como você percebe o compartilhamento de conhecimento por parte de seus colegas da pós? (se a pessoa tiver dificuldade, auxiliar: já que você (não consegue? Está tendo dificuldade?) “Se você puder qualificá-lo talvez ajude, ele é bom? Mau? Pode ser melhorado? Porque? Como?”)**
- 19. Como você se sente ao receber uma informação?**
- a. E ao compartilhar um conhecimento?**
- 20. Você consegue me contar uma história de um momento de compartilhamento de conhecimento que você se sentiu bem? (Conte-me outra)**
- a. E o contrário? (conte-me outra)**
- 21. Como as atividades de compartilhamento de conhecimento contribuem para sua pesquisa?**
- 22. Como se dá o compartilhamento de conhecimento entre você e seu orientador?**
- a. Como ele acontece?**
- b. O seu relacionamento com ele interfere no seu relacionamento com os outros orientandos dele? E com seus outros colegas de programa?**
- c. Como você avalia o seu relacionamento com ele em relação a esse tópico (pesquisar sobre os afetos envolvidos)?**
- 23. Você confia na informação recebida?**
- 24. Quais são as áreas de formação dos seus colegas de pós com os quais você tem mais proximidade?**

- 25. Você se sente estimulado a compartilhar seus conhecimentos? Por quem? O seu programa te estimula?**
- 26. O que acharia se houvesse um ambiente destinado especificamente à interação e ao compartilhamento de conhecimento entre os pós-graduandos?**
- a. Como esse ambiente seria?**
  - b. Você acha que esse ambiente de compartilhamento poderia ser um ambiente comum para os dois programas?**
  - c. Como você vê o compartilhamento entre os dois programas?**
- 27. Que papel seus colegas e grupo de pesquisa desempenham na sua busca por fontes de informação?**
- 28. É importante compartilhar conhecimento?**
- 29. Sobre quais assuntos/temas da área você percebe que há mais compartilhamento de conhecimentos? Sobre quais você compartilha mais?**
- 30. No que diz respeito à sua experiência na construção da sua pesquisa, se você fosse escolher uma imagem para simbolizar a atividade de compartilhamento de conhecimento que contribui para a construção dela, que imagem você escolheria? Por quê?**
- 31. No que diz respeito à sua experiência na construção da sua pesquisa, se você fosse escolher uma imagem para simbolizar os empecilhos às atividades de compartilhamento de conhecimento, que imagem você escolheria? Por quê?**
- 32. Pense agora o compartilhamento de conhecimento de seus colegas de pós em termos da relação de um agricultor em sua terra, ou em sua plantação... em que momento do cultivo ela estaria? (o do preparo da**

terra? Semeadura? Colheita? Algo no meio disso?) Por quê? Você poderia narrar casos ou situações que evidenciem essa opinião?

**33. Se você fosse comparar seu colega que compartilha os conhecimentos com um outro ser vivo que não um ser humano, que ser ele seria? Por quê?**

**a. E o colega que, eventualmente, não compartilha qual seria? Por quê?**

**Considerações!**

**34. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa em relação a essa questão do compartilhamento, dessa troca de informação nesse ambiente acadêmico?**

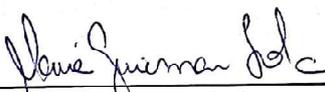
## Anexo A – Declaração de Anuência PPGCI

### DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), coordenado pela Profa. Dra. Maria Guiomar da Cunha, declara anuência quanto à participação dos discentes do PPGCI no projeto de pesquisa intitulado "Discentes de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação e as práticas de compartilhamento de conhecimento na construção de pesquisas" da doutoranda Rosilene Moreira Coelho de Sá e orientada pelo Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula.

Estou ciente que os sujeitos da pesquisa serão discentes de mestrado e doutorado do PPGCI e que o projeto irá seguir a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, em conformidade com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 21 novembro de 2018.



---

Profa. Dra. Maria Guiomar da Cunha  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

*Profa. Maria Guiomar da Cunha*  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação  
em Ciência da Informação

## Anexo B – Declaração de Anuência PPG-GOC

### DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

O Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento (PPG-GOC), coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo Rodrigues Barbosa, declara anuência quanto à participação dos discentes do PPG-GOC no projeto de pesquisa intitulado “Discentes de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação e as práticas de compartilhamento de conhecimento na construção de pesquisas” da doutoranda Rosilene Moreira Coelho de Sá e orientada pelo Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula.

Estou ciente que os sujeitos da pesquisa serão discentes de mestrado e doutorado do PPG-GOC e que o projeto irá seguir a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, em conformidade com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 20 novembro de 2018.



Prof. Dr. Ricardo Rodrigues Barbosa  
Coordenador do Programa Pós-Graduação em Gestão & Organização do  
Conhecimento

*Prof. Ricardo Rodrigues Barbosa*  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em  
Gestão e Organização do Conhecimento - UFMG

## Anexo C – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DISCENTES DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E AS PRÁTICAS DE COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTO NA CONSTRUÇÃO DE PESQUISAS

**Pesquisador:** CLAUDIO PAIXÃO ANASTÁCIO DE PAULA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 04293318.3.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.251.842

#### Apresentação do Projeto:

Pesquisa qualitativa de cunho descritivo, que investiga as percepções de alunos de mestrado e doutorado sobre as representações atuais que a área da Ciência da Informação possui sobre si mesma, e como elas interferem nas práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de pesquisas stricto sensu.

Segundo a descrição da metodologia, em PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1262874.pdf, os discentes serão selecionados por meio de amostragem aleatória não probabilística. A pesquisa será amparada na Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), para a construção de propostas teóricas. Na hipótese do projeto, o pesquisador levanta o questionamento: "As práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de pesquisas stricto sensu em Ciência da Informação são influenciadas pelas representações que a área desenvolveu sobre si mesma a partir da sua constituição histórica?".

No TCLE descreve: "É importante enfatizar que a pesquisa não tem a intenção de mesurar o conhecimento do discente e, tão pouco, adentrar no mérito do programa de pósgraduação ao qual ele pertence, mas sim pesquisar o conceito de práticas de compartilhamento de conhecimento com vistas às percepções de discentes sobre as principais representações da área da Ciência da Informação."

Serão 20 participantes que terão como instrumento para coleta de dados a entrevista direcionada

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad. SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.251.842

por um roteiro semi-estruturado. Haverá questões como: "12. Quais são as suas intenções ao compartilhar conhecimento com outros colegas?; 16.Existe alguma razão potencial que não o faria compartilhar seus conhecimentos?; 19.Como você percebe o compartilhamento de conhecimento por parte de seus colegas da pós?;23.Como se dá o compartilhamento de conhecimento entre você e seu orientador?"

No TCLE informa:"As entrevistas com os discentes que participarão da pesquisa serão agendadas previamente e o local definido para a realização das entrevistas é o prédio da Biblioteca Central da UFMG ou o local que melhor convir ao discente. A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo (a). Seu nome não será usado na divulgação dos dados, sendo utilizado o termo "discente", associado a um número, para quaisquer referências a sua pessoa. Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as anotações feitas, não serão acessados por outras pessoas, além mim e de meu orientador. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob minha guarda."

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Segundo apresentado em PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1262874.pdf:

Objetivo Primário: Investigar, a partir das percepções de alunos de mestrado e doutorado sobre a área da Ciência da Informação, se as representações atuais que a área possui sobre si mesma interferem nas práticas de compartilhamento de conhecimento durante o desenvolvimento de pesquisas stricto sensu.

Objetivo Secundário: • Investigar o entendimento, os afetos e as representações que os pesquisadores em formação têm sobre os conceitos de Ciência, Ciência da Informação e de práticas de compartilhamento de conhecimento. • Descrever, de acordo com as percepções dos entrevistados, como as práticas de compartilhamento de conhecimento se relacionam com a construção do conhecimento durante o desenvolvimento de suas pesquisas. • Identificar se as práticas de compartilhamento de conhecimentos são influenciadas pelas representações que a área da Ciência da Informação tem sobre si mesma.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo informa em TCLEok.pdf:

"Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento ou indenizações pela mesma. O benefício de sua participação nesta pesquisa será a contribuição com este estudo. Em caso de desconforto ao responder alguma questão da entrevista,

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos,6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.251.842

poderá deixar de respondê-la, de forma a minimizar o constrangimento. Ademais, você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Caso decida retirar-se do estudo ou necessite de quaisquer outros esclarecimentos sobre o mesmo, favor me contactar pessoalmente ou através do telefone ou e-mail informados no final deste Termo."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de doutorado com discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Programa de Pós- Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento (PPG -GOC), da Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- Folha de rosto preenchida e assinada.
- Parecer aprovado Ad Referendum do Departamento de Teoria e Gestão da Informação.
- Projeto com roteiro semi-estruturado.
- Cronograma
- TCLE resguardando o sigilo e anonimato.

TCLEok.pdf corrigido conforme recomendações deste Comitê no Parecer, nº 3.188.463.

**Recomendações:**

Retirar a informação do CPF e da CI do participante, uma vez que não se trata de um dado relevante para a pesquisa e minimiza o risco de quebra do anonimato.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II

**CEP:** 31.270 901

**UF:** MG

**Município:** BFI O HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.251.842

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1262874.pdf	25/03/2019 14:26:10		Aceito
Outros	Carta_Resposta.docx	25/03/2019 14:25:34	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEok.pdf	25/03/2019 14:25:20	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_DTGI_ECI.pdf	28/11/2018 16:48:17	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	28/11/2018 16:47:48	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anu_PPGCI_GOC.pdf	28/11/2018 10:55:18	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.doc	28/11/2018 10:08:49	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	28/11/2018 10:08:21	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 09 de Abril de 2019

\_\_\_\_\_  
**Assinado por:**  
**Eliane Cristina de Freitas Rocha**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br